



NOVA LIMA - MG

QUADRO II

PROTEÇÃO

B) Processos de Registro de Bens Imateriais, na
esfera municipal

CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO | HONÓRIO BICALHO
NOVA LIMA | MG

ANO: 2019
EXERCÍCIO: 2021

MUNICÍPIO DE NOVA LIMA
PRAÇA BERNADINO DE LIMA, 80 – CENTRO – TEL.: (31) 3541-4334
CEP 34.000-000 – ESTADO DE MINAS GERAIS
www.novalima.mg.gov.br

SUMÁRIO

1. EDITORIAL	3
2. INTRODUÇÃO.....	4
3. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO	7
4. INFORME HISTÓRICO DO BEM CULTURAL	32
5. DEPOIMENTOS	52
5.1 Otacílio Correa.....	52
5.2 Antônio Felizardo Reis	58
5.3 Ademar José Perdigão	64
5.4 Reportagem Canal Cidadão – TV Banqueta.....	70
6. ANÁLISE DESCRITIVA DO BEM CULTURAL	72
7. DOCUMENTAÇÕES AUDIOVISUAIS.....	92
8. REGISTROS FOTOGRÁFICOS	93
9. PLANO DE SALVAGUARDA	104
9.1 Diagnóstico Da Situação Do Bem Cultural Imaterial.....	104
9.2 Diretrizes Para a Valorização e Continuidade	106
9.3 Cronograma	108
10. Referências: 109	
11. FICHA TÉCNICA:.....	113
12. TRAMITAÇÃO:	114
12.1 Solicitação do Registro	114
12.2 Reunião do Conselho – início do processo	116
12.3 Comunicados e anuências	118
12.4 Ata do Conselho que aprova registro.....	123
12.5 Decreto e publicação.....	126
12.6 Inscrição no livro de Registros	130

1. EDITORIAL

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA LIMA | MG

Vitor Penido
Prefeito Municipal

Tatiana Pessoa Geckler
Secretária Municipal de Cultura

RESPONSABILIDADE TÉCNICA / COORDENAÇÃO DOS TRABALHOS

Carolina Costa Moreira dos Santos
Arquiteta e Urbanista
CAU A22717-0

Adriene dos Anjos Noronha
Historiadora

AGRADECIMENTOS

Ricardo dos Santos Teixeira - Arquiteto e urbanista do Centro de Memória de Nova Lima
- **Representantes da Cavanhada:** Sr. Otacílio Corrêa; Janaína Marise; Sr. Geraldo Gonçalves Coelho,
Sr. Antônio Felizardo Reis, Mariana Giorgini Felizardo e Sr. Ademar José Perdigão

Empresa contratada:



Avenida Nossa Senhora do Carmo, nº 1.650, sala nº38 | Sion | BH-MG

Fones: (31) 3295-0126 | 98738-9682

carolina@mindelloarquitetura.com.br

2. INTRODUÇÃO

Os bens imateriais fazem parte do conceito de patrimônio que inclui as manifestações de natureza diferenciada que se relacionam à identidade e à memória dos grupos sociais. Eles podem ser definidos como as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural e se caracterizam por seu aspecto dinâmico, já que são constantemente recriados pelos grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história.

É nessa concepção que se insere a Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho, no município de Nova Lima. Essa prática cultural tem grande importância para a comunidade, pois está ligada aos costumes locais, sendo um reflexo do modo de ser de sua gente e de sua história. A Cavallhada tem sua origem histórica na Península Ibérica, sendo trazida para o Brasil durante o período colonial. É um evento de grande beleza estética, que envolve simbologia religiosa e devoção católica.

A Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho faz parte da tradição local e acontece desde meados do século XX. Atualmente é realizada no mês de julho e tem a duração de dois dias (sábado e domingo). O local de ocorrência é um campo aberto próximo a Igreja São José Operário no centro do distrito. É grande a participação da população local, além da presença de visitantes de outros municípios. Os membros da Cavallhada e da comunidade local se mobilizam para preparar o evento e manter viva esta prática cultural, integrando, também, crianças e jovens, como uma maneira de valorizar e dar continuidade à tradição. A programação é composta por um café comunitário, hasteamento da bandeira, missa, shows e principalmente o auto da Cavallhada juvenil e adulta. O evento é promovido pela Associação dos Corredores de Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho, com a colaboração financeira da Prefeitura Municipal de Nova Lima e o empréstimo do espaço pela AngloGold Ashanti.

O patrimônio imaterial necessita de uma política de preservação própria, sendo definido o Registro como a sua forma jurídica de proteção. O Registro implica na identificação e na produção de conhecimento sobre o bem cultural, além da análise do passado e do presente; neste caso abordando a identificação de uma celebração. Para tanto, é necessária a realização de um dossiê.

O dossiê de registro da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho é parte fundamental do processo de preservação do Patrimônio Cultural do município de

Nova Lima. A Associação dos Corredores de Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho, preocupada e motivada em salvaguardar esse rico bem cultural, solicitou a realização deste dossiê que fortalecerá a história e a memória dos habitantes da cidade e das gerações vindouras.

A metodologia para a produção deste documento consiste em algumas etapas: a primeira, o levantamento, inclui a reunião e a sistematização das informações disponíveis sobre o universo a ser registrado. Posteriormente, a descrição sistemática e tipificação da manifestação, a sua relação com outros bens e a indicação dos seus processos básicos de formação, produção, reprodução e transmissão. E, por fim, a documentação que inclui estudos técnicos e a criação de arquivos audiovisuais e fotográficos sobre o bem analisado. Nesta etapa é produzido também um Plano de Salvaguarda, visando estabelecer ações de preservação, conservação e valorização. Esse documento busca compreender os processos de criação, recriação e transmissão do bem e os problemas que o afetam, e institui diretrizes que visam garantir a sua continuidade e sua melhor inserção na vida cotidiana.

Para a elaboração do dossiê foi realizado o trabalho de campo no município de Nova Lima, no distrito de Honório Bicalho, com acompanhamento da celebração da Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho durante sua edição de número 62, com a presença dos pesquisadores durante os eventos que ocorreram nos dias 13 e 14 de julho de 2019. Também foram realizadas entrevistas com participantes do evento e membros da Associação da Cavanhada. Além disso, foram realizadas pesquisas em bibliotecas e arquivos de Nova Lima e Belo Horizonte, e ampla pesquisa na internet com consultas a livros, artigos acadêmicos e dissertações de mestrado.

O pedido formal de Registro da Cavanhada foi protocolado na Secretaria de Cultura e desta aprovação do Conselho, foi dado início ao procedimento de instrução do Registro da Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho pela Mindêllo Arquitetos Associados Ltda. No dia 18/09/2019, o Dossiê de Registro foi apresentado ao Conselho e aprovado pelo mesmo.

Por meio desses instrumentos, a comunidade de Honório Bicalho poderá conhecer melhor seu patrimônio cultural, apoiar e divulgar a importância de manter em atividade a Cavanhada de São José Operário, pois ela expressa o valor histórico, religioso e cultural de seu povo. Dessa maneira, estarão contribuindo para a formação da identidade dos grupos sociais, valorizando a vivência dos antepassados e

fortalecendo a memória deste saber que também faz parte do patrimônio cultural do nosso estado e do nosso país.

3. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

HISTÓRICO – Minas de Morro Velho

A ocupação do atual território de Minas Gerais teve início a partir do final do século XVII, quando os bandeirantes¹ paulistas começaram a abrir os caminhos para o sertão, explorando o território em busca de mão de obra indígena e riquezas minerais. Muitas expedições seguiram o curso dos rios chegando até mesmo a explorar o ouro de aluvião em suas margens e afluentes. Posteriormente foi descoberto ouro onde hoje se localizam os municípios de Ouro Preto e Sabará e isso intensificou a ocupação da região.

A descoberta de lavras auríferas atraiu novos habitantes: imigrantes vindos de Portugal, fazendeiros, comerciantes, o clero, mas também muitos aventureiros que se arriscavam pela região. Além disso, foi enviado para as minas um grande contingente de escravos, para exercerem o trabalho árduo da mineração. Em meio à desordem da ocupação desse território, formaram-se alguns núcleos populacionais com a instalação de vilas, já outras localidades serviram de base para pouso e abastecimento das tropas que buscavam por mantimentos. Para organizar a ocupação, o governo foi estabelecendo limites e criando vilas, que serviam como centros administrativos, com a presença de autoridades para a cobrança dos tributos. Mas a convivência nas vilas e pequenas localidades nem sempre era pacífica. Além disso, era preciso assegurar a cobrança do quinto² imposta pela Coroa Portuguesa. Assim, na segunda década do século XVIII chegaram de Portugal as Companhias de Dragões, encarregadas, entre outras responsabilidades, de conduzir o ouro ao Rio de Janeiro.

¹ Indivíduo que integrava as bandeiras. O bandeirante embrenhava-se pelo interior do território, em busca de mão de obra indígena e à procura de metais e pedras preciosas. Os bandeirantes paulistas desenvolveram uma experiência tão grande nessa caça ao silvícola que a Coroa sempre lhes pedia auxílio, na defesa do território brasileiro contra os ataques de inimigos externos, na luta contra inimigos internos ou no combate aos quilombos. Em fins do século XVII, os bandeirantes – com sua expedição composta por escravos indígenas e agregados – acabavam por encontrar ouro na região do atual território mineiro, tornando-se seus primeiros colonizadores. BOTELHO, Ângela; REIS, Liana. Bandeirante. Dicionário histórico Brasil Colônia e Império. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 20-21.

² Tributo de 20% que recaía sobre os produtos da mineração.

Foi nesse contexto que se formou a atual cidade de Nova Lima. Sua história está relacionada à presença de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, um bandeirante paulista, a quem é atribuída a descoberta de ouro na região por volta de 1700. De acordo com dados históricos, a localidade foi inicialmente chamada de Campos de Congonhas e já em 1720 passou a se chamar Congonhas das Minas de Ouro, fazendo jus ao metal encontrado na região. Posteriormente, por meio da lei provincial nº 50, de 08 de abril de 1836, formou-se o distrito de Congonhas do Sabará, pertencente ao município de Sabará. A emancipação ocorreu em 05 de fevereiro de 1891, por meio do decreto nº 364 assinado pelo governador Chrispim Jacques Bias Fortes. O artigo 1º desse documento determinava que *“Fica elevada à categoria de vila e constituída em município com a denominação de Vila Nova de Lima a freguesia de Congonhas do Sabará, desmembrada do município de Sabará”*.³

O topônimo Nova Lima foi adotado em 1923 como homenagem ao escritor e político mineiro Antônio Augusto de Lima. Nascido na então Congonhas do Sabará, em 05 de abril de 1859, ele exerceu o cargo de Governador de Minas Gerais entre março e junho de 1891, sendo um dos responsáveis pela mudança da capital do estado de Ouro Preto para Belo Horizonte.

Nova Lima fica localizada na região metropolitana de Belo Horizonte e possui uma população de 80.998 habitantes, de acordo com o censo realizado pelo IBGE em 2010. O município faz divisa com: Belo Horizonte, Sabará, Itabirito, Raposos, Brumadinho, e Rio Acima; e possui os seguintes distritos: Honório Bicalho, Santa Rita, Rio do Peixe, São Sebastião das Águas Claras, e Jardim Canadá.

Após o descobrimento de ouro em suas terras a localidade recebeu novos moradores e o povoamento começou a se formar ao redor das capelas que se ergueram em devoção ao

³ MINAS GERAIS. Decreto nº 364, de 05 de fevereiro de 1891. Eleva à categoria de vila com a denominação de Vila Nova de Lima a freguesia de Congonhas de Sabará. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=364&comp=&a no=1891>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

Nosso Senhor do Bonfim, Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora do Rosário. A primeira foi construída ainda no período colonial e acompanhou o surgimento do povoado, a segunda foi erguida por uma rica irmandade e posteriormente recebeu altares de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e a terceira foi construída por meio das mãos e da devoção dos escravos, com estilo e ornamentação bem mais simples que a igreja do Pilar.

Os primeiros tempos da mineração foram marcados pela exploração ao longo dos rios e riachos, por meio de uma técnica precária em que se usava um instrumento simples, a bateia⁴, para a retirada da areia, de onde se extraía o ouro de aluvião. Após a instalação da Intendência das Minas, em 1702, a divisão da terra passou a ser feita por meio das datas, que eram as propriedades concedidas pela Coroa Portuguesa e distribuídas entre os mineradores para a exploração das lavras. Nessa época, a principal mão de obra era a escrava, mas também havia trabalhadores livres. Como coloca Ronaldo Vainfas:

Havia dois tipos de extrações auríferas: a das lavras (jazidas organizadas em grande escala e com aparelhamento para a lavagem do ouro) e as dos faiscadores, que empregavam somente a bateia, o cotumbê e ferramentas toscas, reunidos num ponto franqueado a todos, cada qual trabalhando por si. Os faiscadores, muito comuns na mineração, eram homens livres e pobres, havendo mesmo escravos entre eles, que entregavam quantia fixa ao senhor e guardavam o eventual excedente.⁵

⁴ Gamela arredondada, normalmente feita de madeira e utilizada para lavagem das areias auríferas e cascalhos diamantíferos. Através de movimentos circulares e contínuos, o ouro, por ser mais pesado, depositava-se no fundo da bateia e, posteriormente, era separado das impurezas. Na verdade, a bateia funcionava como uma espécie de centrífuga manual e era instrumento indispensável na atividade mineradora. BOTELHO, Ângela; REIS, Liana. Bateia. Dicionário histórico Brasil Colônia e Império. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 24.

⁵ VAINFAS, Ronaldo (Org.). Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 397-398.



Imagem 01: Vista de Nova Lima e Morro Velho. Nova Lima/MG. Século XIX. Fonte: HOLLOWOOD, Bernard. A história de Morro Velho. Londres: Samson Clark & Co. Ltda. 1955.

Depois dos primeiros tempos vieram as mineradoras, empresas que se dedicavam ao ramo da mineração, empregando mão de obra escrava e livre e usando métodos mais avançados de exploração. Isso aconteceu com a mina Gongo Soco, que foi administrada pela Imperial Brazilian Mining Association a partir de 1824. Até 1856 essa mina produziu mais de 12 mil quilos de ouro, mas por causa da diminuição do metal a exploração cessou. Suas ruínas estão localizadas no município de Barão de Cocais⁶. Já em Nova Lima foi instalada a Saint John Del Rey Mining Company Limited, em 1834, para fazer a exploração aurífera da mina Morro Velho.

Os primeiros dados históricos relatam que as terras onde se localiza a mina Morro Velho pertenciam ao pai de um padre de nome Antônio Pereira de Freitas, e que a primeira exploração nessa lavra subterrânea ocorreu em 1725. Em seguida, o padre Freitas, que havia herdado a mina de seu pai, vendeu-a ao Capitão George Francis Lyon, que havia sido superintendente da mina Gongo Soco, e também ocupou o posto

⁶IEPHA. Conjunto de ruínas do Gongo Soco. Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/component/content/article/1/604-conjunto-de-ruinas-do-gongo-soco>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

de tenente da Marinha Britânica. Posteriormente, o próprio capitão revendeu as terras à Saint John Del Rey Mining Company Limited, empresa inglesa que já estava em atuação desde 1830 na região de São João Del Rei e Tiradentes.

A presença do capital inglês no Brasil está diretamente relacionada à abertura dos portos⁷, ocorrida após a chegada da família real em 1808, e às negociações realizadas entre os governos de Dom João VI e da Inglaterra, que favoreciam o comércio entre os dois países, privilegiando os interesses ingleses. O investimento em uma empresa de mineração aurífera, por parte da Inglaterra, era promissor, já que o país precisava do lastro desse metal, pois adotava o padrão-ouro, ou seja, um sistema monetário de emissão de moedas fixado na quantidade de ouro armazenada em seus cofres. Essa situação aumentou o interesse da Saint John Del Rey Mining pela compra da mina de Morro Velho.

Antes da instalação da companhia inglesa, a exploração no local era feita por métodos rudimentares. O viajante inglês Alexander Caldcleugh tomou conhecimento da mina ao visitar a região em 1825, no tempo em que pertencia ao padre Freitas. Nessa época, a exploração era feita por meio da explosão com pólvora, em seguida o minério passava para o processo de redução, no qual era martelado pelas escravas visando à obtenção de pequenos pedaços que depois eram triturados por pilões movidos por engenho d'água, e de lá era possível retirar até 110 gramas de ouro por dia.

Em 1867, o inglês Richard Burton empreendeu uma viagem saindo do Rio de Janeiro em direção a Minas Gerais. Nessa época, o Brasil era governado por Dom Pedro II, que muito incentivou as pesquisas e explorações de estrangeiros pelo território brasileiro. Em seu livro, “Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho” ele apresenta uma descrição

⁷ Decreto assinado em 28 de janeiro de 1808, estabelecendo o livre comércio entre o Brasil e as nações amigas de Portugal. Esse decreto acabava com o pacto colonial, rompendo o monopólio metropolitano sobre o comércio e contribuindo para fortalecer a presença e o predomínio econômico inglês no Brasil. BOTELHO, Ângela; REIS, Liana. Abertura dos portos do Brasil às nações amigas. Dicionário histórico Brasil Colônia e Império. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 192.

de sua chegada a Congonhas do Sabará, fala das características do povoado e de seus habitantes, e descreve a flora, as casas do distrito, a paisagem e os costumes. Nessa época, o comércio local contava com vinte estabelecimentos, um laboratório e algumas farmácias. Entre as mais importantes casas de comércio estava a Alexander & Filhos, mas, como relatado por Burton, os negros trabalhadores da mina faziam suas compras no rancho de Melo e Cia.⁸ Antes de Burton outro viajante esteve no local, o francês August de Saint-Hilaire. Contudo, suas impressões sobre o povoado em meados da primeira metade do século XIX foram negativas, chegando a dizer que a então Congonhas de Sabará estava em decadência por causa da escassez aurífera.

A cerca de três léguas, na direção sudoeste de Sabará, passei pela aldeia de Congonhas de Sabará, cabeça de uma paróquia cuja população ascende a 1.390 indivíduos. É ela situada em uma baixada, a 19° 20' latitude sul, 33° 26' longitude, a 14 léguas de Mariana e 96 léguas do Rio de Janeiro. Sua igreja, isolada como geralmente adota-se neste país, é construída a uma das extremidades de uma praça muito regular, em forma de um longo quadrilátero. Congonhas deve sua fundação a mineradores atraídos pelo ouro que se encontrava em seus arredores, e sua história é a mesma de tantas outras aldeias. O precioso metal esgotou-se; os trabalhos tornaram-se difíceis e Congonhas atualmente apresenta decadência e abandono.⁹

Após a visita de Saint-Hilaire e ao longo do século XIX, a população local foi aumentando e a economia prosperou. O censo de 1864 apresenta os seguintes números: 4.000 habitantes e mais 1.000 mineiros. Por esses dados podemos observar a força da mineração no local, e como disse Burton “*Construída para a mineração, decaiu com a mineração, e com a mineração ressurgiu*”.¹⁰

Mas a descrição mais completa feita por Burton se refere ao núcleo minerador. O autor relata que no local existiam diversas instalações como ferraria, oficina de trituração, escritórios, paiol e casa de amalgamação. Além disso, ele destaca a presença de uma

⁸ BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001

⁹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. p. 139.

¹⁰ BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 230.

casa caiada de branco, que servia como cozinha dos homens negros. Porém, os funcionários moravam em local um pouco mais distante da área industrial.

Situado em um espaço pequeno, superlotado, o núcleo da mineração fica na encosta ocidental do vale; ali estão as enormes rodas hidráulicas; os compridos e escuros barracões, com o chão coberto de minério cinzento; casas de máquinas e pequenas construções em forma de quiosque, caiadas de branco, onde ficam os homens encarregados das manobras, que controlam, sentados, a velocidade da tração, com instrumentos manuais. Não há, porém, um forno siderúrgico soprando, de dia, uma fumaça fuliginosa e soltando vivas a gosto de produtos químicos. O bater compassado dos pilões não é agradável aos ouvidos, durante o dia, e, nas horas mortas da noite, o ruído das rodas hidráulicas nos faz lembrar as vagas de outono, indo e vindo na praia de Scheveringen.¹¹



Imagem 02: Máquinas dos poços A e B perfurados pela Saint John Del Rey Mining em Morro Velho. Nova Lima/MG. Século XIX. Fonte: HOLLOWOOD, Bernard. A história de Morro Velho. Londres: Samson Clark & Co. Ltda. 1955.

Após a instalação da companhia inglesa houve maciço investimento e as técnicas foram melhorando, novos equipamentos foram incorporados aos serviços, e aumentou também o número de trabalhadores. Nesses primeiros tempos o ouro foi explorado em três cavernas existentes, mas que pertenciam ao mesmo filão: Baú, Quebra Panela e Cachoeira. Isso permitiu um significativo aumento do volume de minério bruto retirado da mina, assim como de ouro puro obtido após o tratamento realizado. Em tabela elaborada por Richard Burton, a partir dos relatórios anuais da companhia, os dados indicam que em 1837 foram produzidos 150.113 gramas de ouro. O volume de produção foi aumentando gradualmente, chegando entre março de 1865 a março de

¹¹ BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 272.

1866 a 1.872.318 gramas de ouro. Contudo, por causa de acidentes que aconteceram no interior das cavidades, alguns anos não apresentaram aumento de produção. Esse é o caso dos desabamentos ocorridos em 07 de março de 1856 e também nos anos de 1864, 1865 e 1866. Posteriormente outros graves acidentes aconteceram, como o incêndio em 1867. *“Na noite de 21 de setembro de 1867, um incêndio nas galerias da mina Cachoeira propagou-se, provocando desmoronamentos em quase toda a mina. Morreram nesse desastre 21 escravos e um mineiro inglês”*.¹²

Ainda sobre esse incêndio Marshal Eakin coloca que:

O fogo rompeu nos níveis inferiores da mina e em pouco tempo se espalhou através das frentes de trabalho. [...] Em questão de dias, três décadas de sucesso financeiro jaziam em cinzas. Não dispostos a permitir tão lucrativo investimento sucumbir, os diretores e Gordon decidiram reabrir a mina através da construção de dois poços paralelos a serem locados a leste das escavações antigas. Esses dois poços verticais interceptaram diretamente o veio abaixo dos trabalhos originais, evitando, assim, o esmagamento na ‘Mina Velha’. A perfuração dos Poços A e B começou em novembro de 1868 e terminou em novembro de 1873. O custo dos dois poços praticamente ultrapassou 50.000 libras esterlinas, similar ao preço da compra da Morro Velho. Como os mineiros abriram o veio no fundo dos Poços A e B, e o minério exposto preencheu as suas expectativas, o futuro parecia promissor novamente.¹³

O sucesso da mineração em Morro Velho, ainda no século XIX, contou com três fatores de extrema importância: a existência de água em abundância para o funcionamento das rodas hidráulicas; a existência de madeira para o escoramento da mina e estruturação dos mecanismos usados; e a existência de bons pastos para a criação de animais que eram usados nos transportes, mulas que suportavam pesados carregamentos e bois que amarrados por suas cangas transportavam grandes cargas. Também havia a questão da mão de obra. A empresa não formou seu quadro somente com funcionários locais, ao contrário, recebeu imigrantes ingleses, que assumiram, principalmente, postos técnicos

¹² O Constitucional apud LIBBY, Douglas Cole. Trabalho escravo e capital estrangeiro no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

¹³ EAKIN, Marshal C. British Enterprise in Brasil: the St. John d’el Rey Mining Company and the Morro Velho Gold Mine, 1830-1960. Durham: Duke University Press, 1989. P. 37-38.

e de comando. Ademais, havia a questão dos escravos, mesmo a Inglaterra se posicionando contra o sistema, a maioria dos trabalhadores era formada por escravos alugados. Burton apresenta a seguinte estatística para 1867: 22 Oficiais, 143 trabalhadores europeus, 906 brasileiros, 1450 negros, totalizando 2.521 trabalhadores.¹⁴

A década de 1870 e o início da década de 1880 foi um período difícil para a empresa em Morro Velho devido a insatisfação com os resultados e a atuação dos superintendentes. Para sanar a situação de crise foi enviado a Congonhas do Sabará o engenheiro inglês George Chalmers, que chegou ao local no dia 04 de dezembro de 1884 e permaneceu como superintendente da mineração até 1924. Assim que assumiu seu posto, Chalmers reestruturou os procedimentos de trabalho e novos investimentos foram feitos, visando melhorias na produção e resultados lucrativos para a Saint John Del Rey Mining Company. Contudo, ele também conviveu com diversos imprevistos, como o acidente ocorrido no interior da mina velha em 11 de novembro de 1886.

Às 5 horas e 30 minutos da manhã, a seção inteira havia desaparecido e trouxe abaixo os suportes de madeira, máquina de transporte e as principais plataformas naquela seção de mina. Felizmente, isso ocorreu na mudança de turno e poucas pessoas estavam na mina naquela hora. A equipe de resgate rapidamente desceu e livrou da armadilha entre vinte e trinta mineiros, infelizmente, a rocha desmoronada soterrara outros dez homens. O desastre, entretanto, tinha apenas começado. A que provocou uma reação em cadeia e, durante as semanas seguintes, a mina ia, vagarosamente, entrando em colapso, seção por seção, enquanto os mineiros e administradores, desamparados, sentiam o solo tremer debaixo de seus pés a cada nova queda.¹⁵

O pioneirismo e a capacidade de superação dos problemas são alguns dos marcos da era Chalmers. Isso foi destacado por diversos autores que escreveram a história do engenheiro. Victor Rodrigues fala que:

¹⁴ BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 311.

¹⁵ RODRIGUES, Victor. Nova Lima dos Ingleses: a história do pioneiro George Chalmers. Belo Horizonte: É Editora, 2012. P. 96-97.

O que fascina é o fato de que Chalmers não veio para Morro Velho para abrir ou reabrir a mina. Sua contratação foi feita para melhorar a administração da empresa diante das dificuldades por que ela passava, dada a má administração que quase a levou à falência, quando os investimentos já não eram lucrativos e os acionistas, havia algum tempo, não recebiam dividendos.¹⁶



Imagem 03: Superintendente George Chalmers, responsável pela administração em Morro Velho de 1884 a 1924. Nova Lima/MG. Início do Século XX. Fonte: HOLLOWOOD, Bernard. A história de Morro Velho. Londres: Samson Clark & Co. Ltda. 1955.

Depois do grande acidente que fechou a mina velha, o superintendente traçou um novo plano de atuação e definiu a abertura de uma nova entrada para atingir o filão, e a abertura de dois novos poços, C e D, por onde desceriam os ascensores para levar os trabalhadores e os equipamentos para o interior da cavidade. Essa tarefa foi realizada entre os anos de 1889 e 1892, utilizando maquinário trazido da Inglaterra para o serviço de perfuração. Enquanto isso, também era realizado o trabalho de abertura para a mina, cujo túnel atingiria os poços. Os trabalhos de abertura da nova mina tiveram início em 13 de abril de 1889 e duraram doze meses. À medida que a escavação progredia, o teto era sustentado com madeira, que posteriormente foi substituída por tijolos assentados com cimento, e toda a estrutura iluminada por luz elétrica, graças à instalação de uma usina hidroelétrica, iniciativa do próprio superintendente da Saint John Del Rey Mining.

¹⁶ Ibidem, p. 35.

Para ter tijolos suficientes no local foi preciso construir uma olaria, onde trabalhavam muitas mulheres.

Em 1901 foi realizada uma cerimônia com homenagens a Chalmers, tendo a presença do presidente da Saint John Del Rey Mining e demais autoridades da companhia. Na ocasião, na entrada principal, sobre o arco de abertura, foi instalada uma placa de metal com a seguinte inscrição:

A diretoria da Saint John Del Rey Mining Company Limited instalou esta placa para registrar a sua consideração pelos imensos serviços prestados por George Chalmers, A.M.I.C.E., na reabertura da mina de Morro Velho e por planejar e construir os trabalhos da superfície. Agosto, 1901.¹⁷



Imagem 04: Boca da Mina Velha. Nova Lima/MG. Início do Século XX. Fonte: História. AngloGold Ashanti. Disponível em: <<http://www.anglogoldashanti.com.br/Paginas/QuemSomos/Historia.aspx>>. Acesso em: 16 jun. 2014.



Imagem 05: Boca da Mina Grande. Nova Lima/MG. Início do Século XX. Fonte: História. AngloGold Ashanti. Disponível em: <<http://www.anglogoldashanti.com.br/Paginas/QuemSomos/Historia.aspx>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

Por meio da análise das plantas mais antigas da área da mineração, citadas nos trabalhos de Alessandra Deotti Silva e Fernanda Alves de Brito Bueno, podemos compreender que mesmo antes da era Chalmers a mineradora havia feito grandes investimentos no local, com a construção de um hospital, uma capela, um cemitério, um armazém para a

¹⁷ A inscrição está contida na placa instalada na boca da Mina Grande.

venda de mantimentos e uma cozinha. Havia também as vilas escravas denominadas de Boa Vista e Timbuctoo. Essas estruturas podem ser vistas na planta datada de 1886, mas ao longo da permanência de Chalmers na companhia elas foram passando por melhorias. Em 1907, o cronista José Veríssimo escreveu na revista Kosmos que:

A Companhia mantém não longe da confortabilíssima casa do diretor, um hospital para os seus operários e suas famílias. Otimamente colocado sobre uma colina, num edifício de um só pavimento todo avarandado, este hospital pode ser modelo no seu gênero, tal é a excelência da sua instalação e abastança de seus recursos. Dirigem-no dois médicos ingleses.¹⁸



Imagem 06: Olaria construída dentro da mineradora. Início do século XX. Fonte: GOMES, Celso. Uma janela para o passado: a memória fotográfica de Nova Lima e região. Prefeitura de Nova Lima, 2012.



Imagem 07: Casa de Amalgamação. Início do século XX. Fonte: GOMES, Celso. Uma janela para o passado: a memória fotográfica de Nova Lima e região. Prefeitura de Nova Lima, 2012.

Foi implantada também uma nova planta metalúrgica com grande espaço destinado à área de redução, e novas edificações continuaram a serem erguidas. A Saint John Del Rey Mining se beneficiou do uso do ferro na arquitetura industrial empregado nas estruturas metálicas, e entre a última década do século XIX e as primeiras do século XX foram construídos diversos galpões e oficinas em sua área industrial. A arquiteta Alessandra Silva, citada no trabalho de Fernanda Bueno, coloca que:

Resultado das inovações, proporcionadas pelo uso do ferro na arquitetura, são projetados e construídos, entre os anos de 1892 e 1920, os galpões das oficinas com estruturas de pilares em perfis

¹⁸ VERÍSSIMO, José. Kosmos, revista artística, científica e literária. Outubro, 1907. Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=146420>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

metálicos, cobertos com telhas cerâmicas francesas ou galvanizadas e com telhados em estrutura de ferro no lugar da tradicional estrutura de madeira, além de apresentarem paredes vedadas com chapas onduladas de ferro galvanizado e até mesmo com chapas de zinco.¹⁹

A abertura da nova mina foi acompanhada da construção de uma série de estruturas localizadas próxima a ela, como a máquina do shaft e a máquina do shaft do Mingu, no bairro vizinho, estruturas que faziam os elevadores descenderem e subirem pelos poços que atingiam quase 700 metros de profundidade.

Em 1890 foi construído o Bicamente, um aqueduto com estruturas de peroba e aroeira, cuja função era levar água do ribeirão dos Cristais até a área de mineração. Mas também foi preciso montar as oficinas, elétrica e mecânica e a casa de força, que foi logo colocada em desuso graças à construção do complexo hidroelétrico do rio do Peixe, que supriu as necessidades de energia elétrica em Morro Velho, e ainda passou a fornecer energia para as cidades de Nova Lima, Raposos e, nos anos posteriores, à nascente Belo Horizonte.

¹⁹ SILVA apud BUENO, Fernanda Alves de Brito. Estruturas metálicas do início do período de industrialização em Minas Gerais: decorrências e preservação. 2012. 414 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Ouro Preto. P. 112.



Imagem 08: Em primeiro plano está a área de redução em Morro Velho. Nova Lima/MG. Início do século XX. Fonte: Companhia de Mineração São João Del Rey: Biblioteca Digital Mundial. Morro Velho. Disponível em: <<http://www.wdl.org/pt/item/2000/>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

Outra grande inovação na região foi a construção de uma linha férrea. Desde a instalação da Saint John Del Rey Mining, em 1834, até o início do século XX, o transporte do ouro até o Rio de Janeiro era feito por meio da força animal que formava a ‘Tropa do Ouro’. Para isso, de acordo com Richard Burton, a companhia mantinha na Fazenda Bela Fama, localizada logo na entrada da então Congonhas do Sabará, uma criação de mulas, que também era utilizada no tráfego de mantimentos. O próprio superintendente George Chalmers narra no relatório anual da Companhia as dificuldades ocasionadas pelo único meio de transporte existente na época. “*As provisões que vinham da Inglaterra chegavam ao Rio de Janeiro e eram transportadas até Morro Velho em carros de bois ou mulas através de um caminho precário, método lento e dispendioso. Os atrasos eram constantes, o que, frequentemente, prejudicava a mercadoria transportada*”.²⁰

²⁰ RODRIGUES, Victor. Nova Lima dos Ingleses: a história do pioneiro George Chalmers. Belo Horizonte: É Editora, 2012. p. 163.

Em 1912 foi concedida autorização do governo mineiro para a construção de uma linha de ferro (decreto nº 3516)²¹, ligando Morro Velho a Raposos, e no ano seguinte foram aprovados os estudos e o orçamento (decreto nº 3914)²². Dessa maneira, implantou-se um trem elétrico ligando Nova Lima a Raposos. O feito foi pioneiro em Minas Gerais, já que até aquela data só havia um outro trem elétrico no Brasil, localizado na Estrada de Ferro Corcovado, no Rio de Janeiro. A eletrificação dessa linha ocorreu graças aos empreendimentos hidroelétricos realizados pela própria companhia. O jornal O Cruzeiro relata que a inauguração ocorreu em abril de 1913, mas outras fontes apontam o ano de 1914. O certo é que o ouro era embarcado no trem, que seguia para Raposos, cuja estação já existia desde 1891, e de lá para o Rio de Janeiro. Mas o pequeno trem também servia aos funcionários da mina que residiam em outras localidades ao longo da linha, aos moradores de Nova Lima, e para o transporte de equipamentos. Com o surgimento dos veículos automotores e com a implantação de rodovias, a linha férrea passou, aos poucos, a perder sua utilidade, e em 1970 foi definitivamente fechada. A edição de outubro de 1958 da revista O Cruzeiro traz uma descrição completa de como era o transporte as barras de ouro, por isso, vale a pena sua reprodução:

Três vezes por mês, a locomotiva sai pela manhã, puxando apenas um carro, com destino a Raposos. “Trem especial”, numa viagem especial, realizada com os seus tripulantes – maquinista, guarda-chaves e o condutor – e mais só outras seis pessoas. Pelo longo da ferrovia, a distâncias determinadas, um rondante de espingarda em punho. Isso se faz há 45 anos, sem segredo nenhum: são milhões de cruzeiros em ouro, cerca de 110 quilos semanais, que a direção da Cia. Morro Velho faz transportar em seu próprio veículo até Raposos, onde as pequenas caixas de cedro contendo o metal são metidas em caixas-fortes da Central com destino ao Rio e outras praças do País. Nesses dias em que é feito o despacho, os servidores de confiança da empresa realizam um autêntico ritual: acomodam as barras de ouro nos pequenos caixotes, que são meticulosamente lacrados. A seguir, seguem em cortejo até a estaçãozinha, aguardam o momento do embarque e depois sobem, em silêncio, para a viagem de poucos

²¹ MINAS GERAIS. Decreto nº 3516, de 25 de março de 1912. Concede a “St. John D’el-Rei Mining Company-Limited” privilégio para a construção, uso e gozo de uma estrada de ferro de Morro Velho à Estação de Raposos. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=3516&comp=&ano=1912>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

²² MINAS GERAIS. Decreto nº 3914, de 17 de maio de 1913. Aprova os estudos definitivos e orçamento da estrada de ferro da estação de Raposos a Morro Velho. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=3914&comp=&ano=1913>>. Acesso: 13 jun. 2014.

minutos. Vão peçados de armas curtas, mas jamais houve a necessidade de qualquer intervenção. Nos 45 anos, não se observou qualquer tentativa de roubo.²³



Imagem 09: Tropa de Ouro, responsável pelo transporte do minério. Nova Lima/MG. Final do século XIX/Início do Século XX. Fonte: GOMES, Celso. Uma janela para o passado: a memória fotográfica de Nova Lima e região. Prefeitura de Nova Lima, 2012.



Imagem 10: Saída da Tropa de Ouro. Ao fundo escritório da mineradora. Nova Lima/MG. Final do século XIX/Início do Século XX. Fonte: GOMES, Celso. Uma janela para o passado: a memória fotográfica de Nova Lima e região. Prefeitura de Nova Lima, 2012.



Imagem 11: Trem elétrico que ligava Nova Lima a Raposos. Nova Lima/MG. Década de 1910/1920. Fonte: GOMES, Celso. Uma janela para o passado: a memória fotográfica de Nova Lima e região. Prefeitura de Nova Lima, 2012.



Imagem 12: Caixas com barras de ouro dentro do trem elétrico que ligava Nova Lima a Raposos. Nova Lima/MG. Década de 1910/1920. Fonte: MINERAÇÃO Morro Velho Ltda: história, fatos e feitos. Nova Lima, 1995.

²³ Há 45 anos: trenzinho vai, trenzinho vem.... O Cruzeiro. 11 de outubro de 1958. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ferroviaspart_rj/efmorrovelho.htm> . Acesso em: 13 jun. 2013.

Outro grande feito de George Chalmers foi a instalação da Planta de Refrigeração, isso permitiu que posteriormente as escavações chegassem em 2.453 metros no interior da terra. O sucesso da administração de Chalmers fez a mineradora prosperar e a cidade de Nova Lima atraiu a atenção e recebeu diversas visitas de autoridades, como chefes de estado, governadores, monarcas, e da própria direção da empresa sediada em Londres. Em 1990, o presidente da recém-proclamada República²⁴, Manuel Ferraz de Campos Sales, esteve na localidade, acompanhado do presidente do estado de Minas Gerais, Silviano Brandão, e diversos ministros. O grupo visitou as instalações no subsolo e o interior na mina em operação. Em 1920 Morro Velho recebeu a vista do Rei Alberto I e da Rainha Elizabeth, acompanhados pelo presidente Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa.

Após a saída de George Chalmers, a superintendência passou a ser ocupada pelo seu filho, Alexander George North Chalmers, que ficou no cargo até 1930. Nesse mesmo ano foi comemorado o centenário da Saint John Del Rey Mining. Para ocasião foi feita uma placa de bronze de formato retangular com inscrições em latim e em português. No canto esquerdo superior a palavra BRASILIAE e logo abaixo o brasão da república do Brasil, no canto superior direito a palavra BRITANNIA e logo abaixo um brasão com a imagem da personificação feminina da Grã-Bretanha. Ao centro está a inscrição: *1830-1930 -The St. John Del Rey Mining Company Limited; sendo presidente da República o Exmo. Snr. Dr. Getúlio Dornelles Vargas. Presidente do Estado de Minas Gerais Exmo. Snr. Dr. Olegário.* Acima dessa inscrição está a imagem de dois anjos segurando um guirlanda de louros e no seu interior uma estrela de cinco pontas. Ao centro e a esquerda da inscrição está a figura de um mineiro com ferramentas de trabalho, e à direita estão cinco mulheres com instrumentos de trabalho como martelo e lamparina. Na parte inferior da placa foi colocada a inscrição CUM MENTE ET MALLEO, que na tradução para o português quer dizer: Com a Cabeça e o Martelo. A frase sintetiza, dessa maneira, os avanços alcançados pela empresa, graças aos projetos elaborados e ao serviço dos mineiros.

²⁴ A Proclamação da República foi a aclamação da nova forma de governo que, no Brasil, substituiu o regime monárquico. A República foi proclamada no Brasil a 15 de novembro de 1889, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, pondo fim ao período imperial. BOTELHO, Ângela; REIS, Liana. Proclamação da República. Dicionário histórico Brasil Colônia e Império. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 279.

Essa placa está instalada na varanda da Casa Grande, uma construção que é anterior à presença da Saint John Del Rey Mining Company Limited em Nova Lima. A casa foi construída pelo padre Antônio Pereira de Freitas. Em seguida, a residência foi ocupada pelo capitão George Francis Lyon, e a partir de 1834 passou a pertencer à companhia inglesa. Em 1867, a Casa Grande era descrita da seguinte maneira: “*Nela fica a sede da superintendência, e é pintada com o amarelo oficial, ornada com uma parreira e tendo em frente uma varanda, construída para receber Sua Majestade Imperial*”.²⁵ E complementa que:

A única parte bonita da casa-grande é o lado de fora. Seu terreiro é um grande espaço plano com passeios cobertos de bom saibro e tentativas de gramado – um gramado anglo-brasileiro. A orla desse gramado que dá para o norte, e se coloca a cavaleiro do ribeirão, é adornada com laranjeiras, limeiras e uma flor-de-papagaio sempre viçosa. Para leste, ficam aterros, outrora depósitos de lixo, agora verdejantes com cafeeiros e bananeiras. Atrás, em uma depressão profunda, regada por um córrego fica o jardim. Na parte superior há árvores e flores estrangeiras.²⁶

A mesma casa serviu de residência a George Chalmers e sua família. Ao longo dos séculos a casa passou por reformas e expansão. Na primeira metade do século XX foram construídos os escritórios laterais, e atualmente abriga o Centro de Memória Morro Velho, onde estão expostos objetos que contam parte da história da mineração no local. No seu interior existem salas que expõem objetos e oferecem informações sobre medicina, geologia, metalurgia, mineração de ouro, e a administração e os administradores da mineradora, com destaque para o superintendente George Chalmers. Entre as peças da mineradora destaca-se o pilão californiano, datado do final do século XIX e começo do século XX, usado para a trituração do minério.

²⁵BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 233.

²⁶ Ibidem, p. 274.

O legado deixado por Chalmers continuou impulsionando o desenvolvimento da empresa. Assim, na década de 1930 a área industrial recebeu novas edificações, entre elas estão a Carpintaria, a Casa dos Moldes, a Fundição de Ferro e Bronze, e décadas depois os galpões denominados Ferrox, estruturas que já foram demolidas.

A administração inglesa vigorou até 1958, quando o controle acionário da empresa passou a pertencer à americana Hanna Mining Company. Contudo, após diversas pesquisas geológicas e diante do comportamento da economia em relação ao ouro, a empresa recuou e fez o repasse das ações para uma sociedade brasileira, tendo como sócios majoritários Walter Moreira Sales, Horácio de Carvalho e Fernando de Souza Mello Vianna. Foi nessa época que a empresa passou a se chamar Mineração Morro Velho. O decreto nº 48.326, de 21 de junho de 1960, assinado pelo presidente Juscelino Kubitschek, determinava em seu artigo único que:

É concedida à Mineração Morro Velho S.A. constituída por assembleia de trinta (30) de março de mil novecentos e sessenta (1960), com sede na cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, autorização para funcionar como empresa de mineração, ficando obrigada a cumprir integralmente as leis e regulamentos em vigor ou que venham a vigorar sobre o objeto desta autorização.²⁷

Mesmo sob o comando de um grupo nacional, muitos empregados estrangeiros continuaram na companhia, mas houve uma maior abertura para os brasileiros que passaram a assumir postos de comando. Além disso, os procedimentos foram revistos e novas técnicas foram adotadas, houve grande investimento para aquisição de equipamentos de alta tecnologia e de melhorias nas condições de trabalho, como melhor refrigeração e ventilação dentro da cavidade. Outro dado importante dessa época, é que a Mina Velha, cujos poços A e B foram abandonados em 1866, foi reativada.

Na segunda metade do século XX a produção atingiu recorde, como em 1970, quando foram produzidas 5,33 toneladas de ouro. Mas mesmo com todos os investimentos

²⁷ BRASIL. Decreto nº 48.326, de 21 de junho de 1960. Concede à Mineração Morro Velho Sociedade Anônima autorização para funcionar como empresa de mineração. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=158548&norma=178955>>. Acesso em: 09 jun. 2014.

realizados pelo grupo brasileiro, um estudo mostrou que a mina trabalhava com produção reduzida. Contudo, os estudos também apontavam que ainda havia uma enorme reserva com grande potencial de produção. Além disso, a empresa já estava a procura de um parceiro um pudesse fazer maciços investimentos e que ao mesmo tempo conhecesse as melhores técnicas. Destarte, em 1975 foi feito um acordo com a Anglo American Corporation, empresa sul-africana com grande conhecimento da exploração aurífera. Apesar de ser sócia minoritária, com 49 % das ações, a Anglo American passou a ter o controle das áreas técnica e administrativa.

A nova empresa investiu em estudos e pesquisas geológicas e na instalação de equipamentos adequados, buscando o aperfeiçoamento da mecanização. No Centro de Memória Morro Velho a extração do ouro na rocha maciça por meio das novas técnicas adotada pela empresa é explicada da seguinte maneira:

Na extração do minério de ouro em subsolo são empregados os métodos clássicos das minas metálica: corte e enchimento, recalque, câmaras e pilares. Após o desmonte, o minério é transportado até a superfície via planos inclinados ou poços verticais, os quais utilizam caminhões ou são equipados com skips para essa finalidade. Na superfície, o minério é levado diretamente ou através de caminhões para a área de britagem. Daí, o minério é conduzido para o beneficiamento.²⁸

Na década seguinte um novo associado passou a fazer parte da empresa, o Grupo Bozano Simonsen. No final do século XX um ramo da Anglo American especializado em ouro e por isso chamado de Anglo Gold passou a ter o controle da mineração. E somente após a fusão entre a Anglo Gold e a Ashanti Goldfields, em 2004, é que surgiu o nome da atual responsável pela mineradora, a AngloGold Ashant. Contudo, nessa época as minas de Morro Velho em Nova Lima já não estavam mais em operação, pois as atividades na Mina Grande tinham sido encerradas em 1995, e na Mina Velha em 2003. O fechamento se deu pela inviabilidade na continuidade das escavações e do emprego de novos métodos.

²⁸ Placa informativa do Centro de Memória Morro Velho. Mineração – A extração do Ouro. Visita realizada em 05 jun. 2014.

A história de Nova Lima está ligada à exploração aurífera, pois a cidade se ergueu no entorno das atividades de mineração em Morro Velho. Dessa forma, ela foi fortemente influenciada pela presença da mineradora e das empresas que a administraram. A Saint John Del Rey Mining foi a responsável pelo abastecimento de água, pela chegada da energia elétrica e pela ligação de Nova Lima com outras cidades por meio do trem eletrificado. A constante presença dos ingleses que imigraram para o local e fixaram residência também marcou a vida dos demais habitantes, pois com eles vieram seus costumes, seus modos de morar, de viver e de se alimentar. Prova disso são residências do bairro das Quintas com a presença de jardins floridos na frente das casas e que outrora cultivavam pomares e hortas. Outra importante influência dos ingleses foi a construção da igreja anglicana, sendo a primeira capela erguida em 1834 e posteriormente substituída pela atual, implantada em 1911 e ornamentada com objetos vindos da Inglaterra. Enfim, uma série de costumes e práticas que agregaram valor histórico ao município de Nova Lima, contribuindo para o desenvolvimento local.

3.1. Referências bibliográficas:

A MATRIZ de Nossa Senhora do Pilar. Paróquia de Nossa Senhora do Pilar – Nova Lima/MG. Disponível em: <<http://www.nossasenhoradopilar.com.br/igreja.php>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

A HISTÓRIA de Nova Lima. Disponível em: <<http://historianovalima.no.comunidades.net/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BOTELHO, Ângela; REIS, Liana. Dicionário histórico Brasil Colônia e Império. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRASIL. Decreto nº 48.326, de 21 de junho de 1960. Concede à Mineração Morro Velho Sociedade Anônima autorização para funcionar como empresa de mineração. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=158548&norma=178955>>. Acesso em: 09 jun. 2014.

BUENO, Fernanda Alves de Brito. Estruturas metálicas do início do período de industrialização em Minas Gerais: decorrências e preservação. 2012. 414 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Ouro Preto.

BURTON, Richard. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

CALDCLEUGH, Alexander. Viagens na América do Sul. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2000.

COMPANHIA de Mineração São João Del Rey: Biblioteca Digital Mundial. Morro Velho. Disponível em: <<http://www.wdl.org/pt/item/2000/>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

COSTA, Joaquim Ribeiro. Nova Lima. Toponímia de Minas Gerais: com estudo histórico da divisão territorial e administrativa. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1997.

COSTA, Roberto. A Cortina de Ouro (Morro Velho). Belo Horizonte: 1955.

DELGADO, Tarcísio. Tatuagens na alma. 1964: a saga dos mineiros da Mina Morro Velho de Nova Lima. Belo Horizonte: Mandamentos, 2009.

EAKIN, Marshal C. British Enterprise in Brasil: the St. John d'el Rey Mining Company and the Morro Velho Gold Mine, 1830-1960. Durham: Duke University Press, 1989.

FRANCO, Lizandro Edmundo Cordeiro de Melo. Arquitetura e arqueologia industrial em Minas Gerais: o período inglês. 2002. 191 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte.

GOMES, Celso. Uma janela para o passado: a memória fotográfica de Nova Lima e região. Prefeitura de Nova Lima, 2012.

GROSSI, Yonne de Souza. Mina de Morro Velho: a extração do homem. Uma história de experiência operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HÁ 45 anos: trenzinho vai, trenzinho vem.... O Cruzeiro. 11 de outubro de 1958. Disponível em: < http://www.estacoesferroviarias.com.br/ferroviaspart_rj/efmorrovelho.htm> . Acesso em: 13 jun. 2013.

HOLLOWOOD, Bernard. A história de Morro Velho. Londres: Samson Clark & Co. Ltda. 1955.

IEPHA. Conjunto de ruínas do Gongo Soco. Disponível em: < <http://www.iepha.mg.gov.br/component/content/article/1/604-conjunto-de-ruinas-do-gongo-soco>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

LEONARDOS, Othon Henry. Geociências no Brasil e a contribuição britânica. Rio de Janeiro: Fórum, 1970.

LIBBY, Douglas Cole. Trabalho escravo e capital estrangeiro no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

MINAS GERAIS. Decreto nº 364, de 05 de fevereiro de 1891. Eleva à categoria de vila com a denominação de Vila Nova de Lima a freguesia de Congonhas de Sabará. Disponível em:

<<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=364&comp=&ano=1891>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

MINAS GERAIS. Decreto nº 3516, de 25 de março de 1912. Concede a “St. John D’el-Rei Mining Company-Limited” privilégio para a construção, uso e gozo de uma estrada de ferro de Morro Velho à Estação de Raposos. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=3516&comp=&ano=1912>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

MINAS GERAIS. Decreto nº 3914, de 17 de maio de 1913. Aprova os estudos definitivos e orçamento da estrada de ferro da estação de Raposos a Morro Velho. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=3914&comp=&ano=1913>>. Acesso: 13 jun. 2014.

MINERAÇÃO Morro Velho Ltda: história, fatos e feitos. Nova Lima: 1995.

RODRIGUES, Victor. Nova Lima dos Ingleses: a história do pioneiro George Chalmers. Belo Horizonte: É Editora, 2012.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

SOUZA, Lígia Faria Tavares de; CIVALE, Leonardo. Retrato do Brasil aos olhos dos viajantes: Richard Burton e a “Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho”. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2441>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

TRAVASSOS, Celso Gomes. Uma janela para o passado: a memória fotográfica de Nova Lima e região. Prefeitura Municipal de Nova Lima, 2012.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VERÍSSIMO, José. Kosmos, revista artística, científica e literária. Outubro, 1907. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=146420>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

VILLELA, Bráulio Carsalade. Nova Lima: formação histórica. Belo Horizonte: Cultura, 1998.

FONTE ORAL

Ricardo Salgado – Médio da Mineração Morro Velho entre 1975 e 1998. Entrevista em: 11 jun. 2014. Nova Lima/MG.

Fabíola Félix – Esposa do ex-supertintendente da Mineração Morro Velho, Sr. Juvenil T. Félix. Entrevista em: 11 jun. 2014. Nova Lima/MG.

4. INFORME HISTÓRICO DO BEM CULTURAL

Os cultos, os ritos e as homenagens aos santos têm origem nos primórdios do Cristianismo, com grande influência do período anterior, quando, ainda no paganismo as festas devocionais eram realizadas em honra a uma divindade protetora da produção agrícola. Com a instituição da Igreja Católica, os eventos passaram a fazer parte de um calendário oficial. Ocorreu, paulatinamente, a cristianização de muitas festas pagãs. Atualmente, as festas do catolicismo compreendem os momentos relacionados à vida de Jesus Cristo e os dias comemorativos dos santos, incluindo-se Maria, apóstolos, pontífices, mártires, virgens e padroeiros.

As festas religiosas estão presentes no Brasil desde os primórdios da colonização. Em parte como expressão política, já que o cristianismo era religião oficial do Estado, não sendo, portando, um Estado laico. E também como elemento cultural. Os devotos colonizadores portugueses seguiam os tradicionais ritos consolidados na Idade Média.

A antiga sociedade brasileira, tanto no período colonial como na época imperial, tinha um caráter sacral. Em força da instituição do Padroado²⁹, o catolicismo era religião oficial do Estado. O governo luso-brasileiro era, pois, declaradamente religioso. Deste modo havia um grande interesse por parte das autoridades civis em prestigiar ao máximo as festas da Igreja. Por sua vez, também a população era toda ela educada dentro de uma tradição marcadamente religiosa. A religião era parte integrante e fundamental na estrutura da sociedade. Toda a cultura era permeada por expressões cristãs.³⁰

Assim, ao se criar um povoado, uma das primeiras medidas era instituir o local de devoção e com o tempo erguer uma capela, que em muitos casos era transformada em uma Igreja, conforme o desenvolvimento do local. O orago era escolhido de acordo com o dia ou com algum acontecimento histórico que deu origem ao local. Posteriormente, seguia-se as determinações do Código de Direitos Canônicos, que

²⁹ Padroado Régio: compromisso entre a Igreja Católica e o Governo de Portugal que assegurava o exercício pleno do domínio político e religioso dos reis sobre a Colônia, pois esses soberanos detinham o título de grão-mestre da Ordem de Cristo. Na prática, significava que o direito do padroado foi cedido pelo papa ao rei, que deveria promover a organização da Igreja nas terras descobertas. Através do padroado, foi financiada a expansão do catolicismo no Brasil. Ao rei de Portugal cabia pagar as cômguas régias, arrecadar os dízimos, controlar a vinda de religiosos para a Colônia, escolher os bispos, criar paróquias, etc. Com a predominância do padroado, a influência de Roma foi praticamente anulada, no período colonial. Assim, verificou-se o enfraquecimento da autoridade papal e o fortalecimento do poder do rei, verdadeiro chefe religioso no Brasil.

BOTELHO, Angela Vianna; REIS, Liana Maria. Padroado Régio. **Dicionário histórico Brasil colônia e império**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 132.

³⁰ AZZI, Rioldo. Festas. In: AZZI, Rioldo. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 106.

determinava que cada freguesia deveria promover celebrações litúrgicas em devoção ao santo padroeiro do local.

A ocupação da região de Nova Lima ocorreu no final do século XVII. Sua história está relacionada à presença de Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, um bandeirante paulista, a quem é atribuída a descoberta de ouro na região por volta de 1700. De acordo com dados históricos, a localidade foi inicialmente chamada de Campos de Congonhas e já em 1720 passou a se chamar Congonhas das Minas de Ouro, fazendo jus ao metal encontrado no local. Posteriormente, por meio da lei provincial nº 50, de 08 de abril de 1836, formou-se o distrito de Congonhas do Sabará, pertencente ao município de Sabará. A emancipação ocorreu em 05 de fevereiro de 1891, por meio do decreto nº 364 assinado pelo governador Chispim Jacques Bias Fortes. O artigo 1º desse documento determina que “Fica elevada à categoria de vila e constituída em município com a denominação de Vila Nova de Lima a freguesia de Congonhas do Sabará, desmembrada do município de Sabará”³¹. O topônimo Nova Lima foi adotado em 1923 como homenagem ao escritor e político mineiro Antônio Augusto de Lima. Nascido na então Congonhas do Sabará, em 05 de abril de 1859, ele exerceu o cargo de Governador de Minas Gerais entre março e junho de 1891, sendo um dos responsáveis pela mudança da capital do estado de Ouro Preto para Belo Horizonte.

Nova Lima fica localizada na região metropolitana de Belo Horizonte e possui uma população de 80.998 habitantes, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE em 2010³². O município faz divisa com: Belo Horizonte, Sabará, Itabirito, Raposos, Brumadinho, e Rio Acima; e possui os seguintes distritos: Honório Bicalho, Santa Rita, Rio do Peixe, São Sebastião das Águas Claras, e Jardim Canadá.

Após o descobrimento de ouro em suas terras, a localidade recebeu novos moradores e o povoamento começou a se formar ao redor das capelas que se ergueram em devoção ao Nosso Senhor do Bonfim, Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora do Rosário. A primeira foi construída ainda no período colonial e acompanhou o surgimento do povoado, a segunda foi erguida por uma rica irmandade e posteriormente recebeu altares de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e a terceira foi construída

³¹ MINAS GERAIS. Decreto nº 364, de 05 de fevereiro de 1891. **Eleva à categoria de vila com a denominação de Vila Nova de Lima a freguesia de Congonhas de Sabará.** Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=364&comp=&ano=1891>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

³² IBGE Cidades. **Nova Lima.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/nova-lima/panorama>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

por meio das mãos e da devoção dos escravos, com estilo e ornamentação bem mais simples que a igreja do Pilar. Todas essas estão localizadas no distrito sede.

A região que hoje engloba o distrito de Honório Bicalho foi ocupada durante o auge da mineração e ficou conhecida como Barra do Ribeirão dos Macacos, assim batizada pelo bandeirante Manoel Afonso Gaia. Mas se desenvolveu de forma mais intensiva a partir da construção da estação de trem Honório Bicalho, como parte da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), inaugurada em 1890 e demolida cem anos depois.

A igreja mais antiga de Honório Bicalho é o Santuário do Senhor do Bom Jesus de Matozinhos, construído em 1760. Contudo, o santo padroeiro do distrito é São José Operário. De acordo com o senhor Otacílio Corrêa, depois de erguida a igreja no centro da localidade, foi feita uma votação e São José foi o escolhido.

São José foi o esposo de Maria, a mãe de Jesus. Exerceu a profissão de carpinteiro, por isso é considerado padroeiro dos operários. Sua devoção é uma das mais antigas do catolicismo. Contudo, seu culto litúrgico teve início no século XV. São José é comemorado em duas datas: 19 de março e 1º de maio, marcando assim o dia dos trabalhadores. “As virtudes que são atribuídas a São José [...] são as da humildade, brandura, equidade. Sua imagem é a de um homem laborioso (era carpinteiro ou marceneiro), e isso, para os fieis da Igreja primitiva, enobrecia o trabalho manual, considerado degradante no mundo pagão porque em regra era realizado pelos escravos.”³³ “João Paulo II destacou a laboriosidade e o senso de responsabilidade de São José, virtudes que o aproximam de todos os trabalhadores honestos e dos pais de família e que portanto tornam a sua santidade atual também nos nossos tempos.”³⁴

Um dos principais meios de expressão da devoção ao santo é a realização de uma festa em sua homenagem. Acontece em Honório Bicalho a festa do padroeiro no mês de maio de cada ano, sendo organizada pela própria paróquia.

Para além dela, há 62 anos foi fundada a Cavanhada que leva o nome de Cavanhada de São José Operário. Criou-se, assim, um estreito laço entre a devoção e as atividades religiosas locais, não podendo dissociar o evento da Cavanhada de seu sentido cristão. Atualmente, a Cavanhada de São José Operário em Honório Bicalho é celebrada no mês de julho.

³³ CERINOTTI, Angela. São José. In: **Santos e beatos de ontem e de hoje**. São Paulo: Globo, 2004. p. 8.

³⁴ CERINOTTI, Angela. São José. In: **Santos e beatos de ontem e de hoje**. São Paulo: Globo, 2004. p. 9.

A Cavallhada é uma representação da luta entre cristãos e mouros³⁵ que acontece, geralmente, associada às festas religiosas de devoção católica. Ela tem como pano de fundo fatos históricos ocorridos na Idade Média. A representação é também um ritual que envolve crenças, conflitos, disputas e conquistas. Os soldados, de um lado e de outro, travam uma luta montados a cavalo. O objetivo é a conquista de território e principalmente a conversão a uma nova fé. Os autos de Cavallhadas que acontecem no Brasil têm como inspiração as histórias relatadas no livro “História do imperador Carlos Magno e dos doze pares de França”³⁶. A lenda é contada já no período da França cristã. O livro se divide em cinco partes assim retratadas: Livro I: sobre o rei Pepino, pai de Carlos Magno e primeiro rei católico da França. Livro II: sobre os doze pares de França na batalha do gigante Ferrabrás com Oliveiros; aparece nesta parte a história de Floripes, filha do almirante Balão. Livro III: trata das intercessões do apóstolo São Tiago Maior. Livro IV: apresenta a sagração da Igreja em território antes inimigo, entre outras conquistas. Livro V: nascimento e morte de Roldão.

A ideia de expansão da fé cristã, que dá sentido às lutas entre cristãos e mouros, tem como principal território de disputa a Península Ibérica, visando o combate ao islamismo³⁷, a luta contra os infiéis, a conversão ao cristianismo, a conquista de muitos territórios e a reconquista³⁸ de outros, tendo como inspiração as cruzadas³⁹.

³⁵ Mouro: Designação do muçulmano, instalado na Península Ibérica durante a Idade Média; compreendia populações árabes, etíopes, turcomanas e afegãs. Aquele que, sob pena de expulsão, aceitava ser convertido à fé católica, passava a ser denominado mourisco. BOTELHO, Angela Vianna; REIS, Liana Maria. Mouro. **Dicionário histórico Brasil colônia e império**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 124.

³⁶ **História do imperador Carlos Magno e dos doze pares de França**. Lisboa: Typografia de Mathias Joze Marques da Silva, 1864.

³⁷ O islamismo “é a religião revelada na península Arábica, no século VII, que pregava a submissão total a Deus, nominado em árabe por “Allah”. [...] Apoiado na revelação alcorânica, que o titulava de “Profeta de Allah”, Muhammad promoveu a unidade das tribos árabes da citada península através da substituição dos laços de consaguinidade pelos laços da fé, dando origem à formação do estado teocrático: o califado. Motivados pela Jihad (“o combate pela causa de Deus”), os muçulmanos, sob a direção dos califas (delegados do Profeta), moveram extraordinária expansão pela orla do mediterrâneo ao longo dos séculos VII e VIII.” RIBAS, Rogério de Oliveira. O islão na diáspora: mouriscos africanos no Portugal quinhentista. In: ASSIS, Angelo Adriano Faria de Assis; PEREIRA, Mabel Salgado. **Religiões e religiosidades: entre a tradição e a modernidade**. São Paulo: Paulinas, 2010.

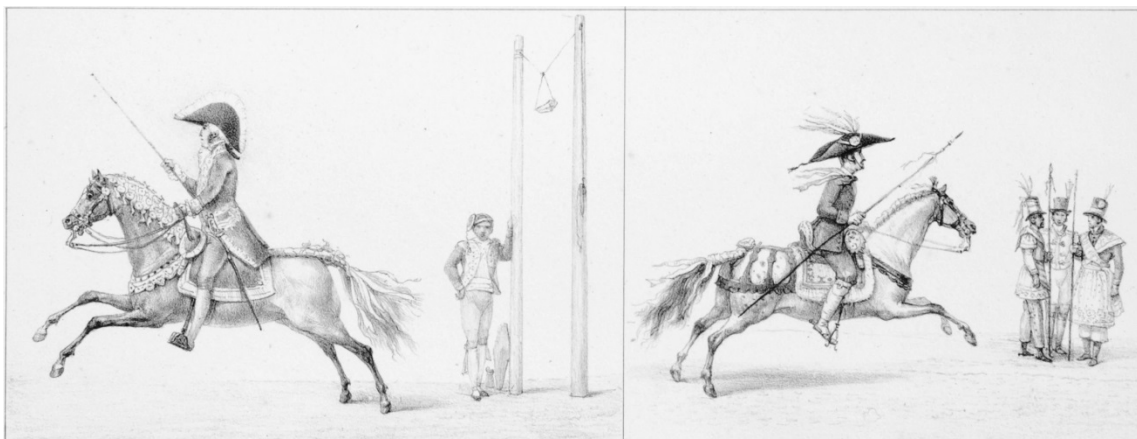
³⁸ O termo reconquista se refere ao processo pelo qual os cristãos lutaram em busca da retomada das terras ocupadas pelos muçulmanos desde 711 na área em que hoje ficam localizados Espanha e Portugal. A Reconquista teve início no século XI e seu marco final foi a recuperação de Granada em 1492.

³⁹ Cruzadas: expedições religiosas e militares organizadas pelos cristãos, com o objetivo de libertar a Terra Santa do domínio dos muçulmanos. A primeira Cruzada, constituída em 1095 e que tomou Jerusalém em 1099, foi movida pelo espírito religioso, mas da segunda em diante aliou-se a este o espírito econômico. À primeira Cruzada seguiram-se várias outras, num total de oito, que até o século XIII tentaram, sem sucesso, estabelecer o domínio cristão definitivo sobre Jerusalém. Com as Cruzadas surgiram as ordens de cavalaria, como a dos hospitaleiros e a dos templários.

Posteriormente, estes elementos, de um cristianismo guerreiro, foram incorporados às solenidades reais e comemorações católicas, fazendo lembrar, portanto, a ideia de supremacia da fé cristã. Iniciaram-se em território ibérico e de lá seguiram para o Brasil.

Trata-se, pois, de uma tradição comum nos dois lados do Atlântico, cuja realização periódica tem por fim reforçar as identidades coletivas. No caso europeu, tem algum papel a desempenhar na reafirmação da identidade nacional e religiosa ao atualizar um fato marcante de sua história, a Reconquista cristã aos muçulmanos. A exibição contribui para fortalecer os laços culturais cristãos, funcionando nesse caso como ritual de aproximação e integração. Ao mesmo tempo, contribui para acentuar a negação da presença islâmica em solo ibérico, funcionando como ritual de separação. Com efeito, também aqui o mouro representa a alteridade, o “outro”, quer dizer, aquele com o qual os participantes não se identificam, o estranho e exterior à comunidade, ao qual é necessário rechaçar ou incorporar à força.⁴⁰

Mas cada localidade, onde ocorre uma Cavallhada, tem suas próprias influências. Elementos como jogos equestres e danças se juntam ao evento, revelando o lado multicultural de um local.



Figuras 01 e 02: Cavallhada registrada no Brasil por Jean Baptiste Debret. Meados do século XIX. Fonte: Brasiliana Iconográfica. Disponível em: <<https://brasilianaiconografica.art.br/obras/18526/une-matineedu-mercredi-saint-a-leglise-cavallhadas-tournois>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

A ocorrência no Nordeste do Brasil de torneios a cavalo é citada por muitos estudiosos, ainda no século XVII, principalmente o jogo das argolinhas. Theo Brandão aponta que “O que parece da revista que fizemos de todos estes documentos é que,

realmente, a forma primitiva de cavallhadas foi a corrida de argolinhas [...]”⁴¹. Já a dramatização da luta entre cristãos e mouros aparece na historiografia em momento posterior, a partir do século XVIII com grande predominância no Sudeste do país. Dessa maneira, em cada região a Cavallhada se desenvolveu tendo suas particularidades históricas e influências culturais. Para Carlos Rodrigues Brandão “Nas Cavallhadas do Nordeste a referência será aproximadamente a dos torneios que seriam realizados entre os cavaleiros. Nos Cristãos e Mouros a lembrança é a de Carlos Magno e seus cavaleiros, transformados em Cruzados e enviados em luta contra os Mouros na Península Ibérica.”⁴²

No Dicionário da Religiosidade Popular, Frei Chico elenca mais de noventa municípios em que ocorrem Cavallhadas, distribuídos em onze estados. Destaca também alguns pesquisadores desta prática cultural, como Niomar de Souza Pereira, autora de “Cavallhadas no Brasil: de cortejo a cavalo a lutas de mouros e cristãos”; Theo Brandão, que publicou “Cavallhadas de Alagoas”; Alceu Maynard Araújo, que estudou o folclore nacional; Agostinho Marques Viana, que pesquisou a “Cavallhada de Morro Vermelho em Caeté”; Carlos Rodrigues Brandão, com a obra “O divino, o santo e a senhora”.⁴³

Frei Chico sintetiza a definição do evento ao dizer que é uma: “Festa de torneios a cavalo que, na maioria das vezes, inclui a memória das lutas de Carlos Magno e os 12 Pares de França, como também, dos cristãos e mouros na reconquista de Portugal e nas cruzadas. Estas celebrações têm suas origens nos torneios medievais.”⁴⁴ Interessante, neste contexto, descrever a Cavallhada de Campos dos Goytacazes no Rio de Janeiro, que apresenta elementos comuns a diversas outras Cavallhadas do país, reunindo a batalha entre cristãos e mouros, cuja prática aparece com mais frequência nos relatos de Cavallhadas das regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul; e o jogo das argolinhas, que além de ser também comum em diversas cidades do país, é o ponto central das Cavallhadas do Nordeste.

⁴¹ BRANDÃO, Theo. **Cavallhadas de Alagoas**. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1978.

⁴² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavallhadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974. p. 20.

⁴³ PEREIRA, Niomar de Souza. **Cavallhadas do Brasil**: de cortejo a cavalo a lutas de mouros e cristãos. São Paulo: Escola de Folclore, 1984; BRANDÃO, Theo. **Cavallhadas de Alagoas**. Rio de Janeiro: Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro, 1979; ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**. São Paulo: Melhoramentos, 1967; VIANA, Agostinho Marques. **Passagens por “O Morro Vermelho”**. Belo Horizonte: Litera Maciel, 1985; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

⁴⁴ POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultural, 2013. p. 201.

Em 15 de janeiro, dois grupos de cavaleiros vestidos de azul e vermelho, com seus cavalos enfeitados e precedidos por uma banda de música, dirigem-se ao campo aberto onde está a forca usada no jogo da argolinha. Fazem parte da apresentação: entrada, manobras com as lanças, desfiles em fileiras e cruzando o campo, jogo da argolinha, visita ao santo da igreja, despedida do povo no campo e visita à casa do capitão. O levantamento da bandeira pode acontecer em vários lugares. Da cavallhada com dramatização, participam dois grupos ou cordões de 12 cavaleiros de uniformes azuis e vermelhos; cada grupo tem seu rei; os cavaleiros cristãos vestem-se de azul e os mouros, de vermelho. Às vezes os cristãos têm como símbolo a cruz desenhada em escudos ou bandeiras, enquanto os mouros usam a lua como símbolo. Há campo de guerra, castelo e torre, embaixadas, troca de ultimatoss, lutas, rendição e, às vezes, o batismo dos mouros.⁴⁵

A dinâmica da Cavallhada é sintetizada por Carlos Rodrigues Brandão da seguinte maneira: “Há uma estrutura que prevê não só as regras de participação, mas as atuações e os resultados. A estrutura produz os acontecimentos finais; dois grupos de cavaleiros supostamente iguais em tudo menos na crença; um grupo sempre ganha e o outro sempre perde. Não há vitórias individuais; o final é previsto e a vitória é sempre dos cristãos.”⁴⁶

No Norte do Brasil, destaca-se a Cavallhada que acontece durante a Festa de São Tiago no distrito de Mazagão Velho, município de Mazagão no Amapá. O primeiro relato é de 1777, quando durante a festa de aclamação à rainha Dona Maria I ocorreu uma encenação de um combate entre cristãos e mouros. Em meados do século XX, o antropólogo Nunes Pereira relatou a permanência da Cavallhada nesse mesmo local, e que continua viva nos dias atuais. O ponto alto da festa é a batalha travada entre cristãos e mouros. Contudo, se diferencia de outros locais do Brasil por conta dos personagens e da sua dinâmica. Não há ali a presença feminina e a ideia da conquista e do casamento que contribuem para a rendição dos mouros. A vitória dos cristãos é certa. Mas sua lenda, hoje representada em um auto teatral, conta a história de uma sangrenta batalha envolvendo envenenamento, traição, e mortes. Como aponta Nunes Pereira acerca desta representação:

Cavaleiros, trajando capas vermelhas, calças de bainhas rendadas e arvorando capacetes emplumados, embatiam contra os “infiéis mouros” nos seus trajes típicos, depois de insultaram-se e provocarem-se, tudo terminando, muitas

⁴⁵ POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultural, 2013. p. 201.

⁴⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavallhadas de Pirenópolis**: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974. p. 19.

vezes, em conflitos mais sangrentos que a pantomima da própria “guerra” ou “batalha”.⁴⁷

Em Pirenópolis, estado de Goiás, a Cavalcada acontece durante a Festa do Divino Espírito Santo. Por sua história e importância, esta manifestação cultural foi registrada como Patrimônio Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2010. A Cavalcada faz parte da festa e é apresentada durante três tardes, durante as quais ocorrem as embaixadas, as batalhas e a rendição dos mouros aos cristãos, aceitando, desta maneira, o batismo. Além do auto, acontecem os jogos equestres:

A primeira carreira é o Florão, na qual os cavaleiros trocam flores, formando buquês que serão oferecidos a pessoas previamente escolhidas. A segunda carreira, a Luxúria, antecede os jogos do torneio de tira-cabeça com espadas, lanças e garruchas. Em seguida ocorrem as tradicionais retiradas de argolinhas. As carreiras que se seguem são Quatro fios de lenço e Despedida, em que os cavaleiros acenam lenços para o público [...]. A seguir, em fila alternada, cristãos e mouros se retiram do campo, encerrando as cavalcadas ao fim do terceiro dia de encenações.⁴⁸



Figura 03: Soldado mouro durante a Cavalcada de Pirenópolis/GO. Data: Início séc. XXI. Fonte: Dossiê Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis.



Figura 04: Soldado cristão durante a Cavalcada de Pirenópolis/GO. Data: Início séc. XXI. Fonte: Dossiê Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis.

A Cavalcada de Pirenópolis teve início em 1826, sendo introduzida pelo padre Manuel Amâncio da Luz. Mas em grande parte do século XIX e na primeira metade do século XX houve descontinuidade da prática. Sua retomada aconteceu em 1960. Desde então acontece de forma sistemática. “Para a comunidade local e para os cavaleiros, as

⁴⁷ PEREIRA, Manuel Nunes. *O sahiré e o marabaixo*: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro congresso brasileiro de folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951. p. 105.

⁴⁸ **Dossiê de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis** – Goiás. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2010. p. 64-65.

cavallhadas representam um ato de devoção e renovação da fé no Divino Espírito Santo”.⁴⁹

Para além de Pirenópolis, as Cavallhadas ocorrem em diversas outras cidades de Goiás, como: Santa Cruz de Goiás, Palmeiras de Goiás, Posse, Jaraguá, Crixás, Hidrolina, São Francisco de Goiás, Santa Terezinha de Goiás, Corumbá de Goiás, Pilar de Goiás. Falando sobre as Cavallhadas de Goiás, o IPHAN ressalta que:

As Cavallhadas são celebrações inspiradas nas tradições de Portugal e da Espanha na Idade Média. Elas começaram a ser representadas no Brasil no século XVI. Em Goiás, o primeiro registro é de 1751. A festa une religiosidade e fé, cultura, turismo, economia e valorização do patrimônio imaterial do Estado, mobilizando os moradores locais e visitantes, revivendo toda uma tradição histórica. O cenário das Cavallhadas consiste em uma representação das batalhas entre cristãos e mouros. São dois exércitos que se apresentam, encenando a luta, ricamente ornada e com belíssimas coreografias. Junto a esta manifestação, encontra-se a presença dos Mascarados, personagens incontáveis que se vestem com máscaras e saem às ruas, a cavalo ou a pé.⁵⁰

Nos relatos das Cavallhadas em Minas Gerais, podemos observar o caráter marcadamente religioso do evento, a exemplo da descrição que Agostinho Marques Viana realizou a partir das pesquisas da Cavallhada de Morro Vermelho em Caeté:

O desejo de haver uma religião única no mundo, aceita por todos, no final do primeiro milênio depois de Cristo; as aventuras de Carlos Magno e os 12 pares de França; o roubo das relíquias cristãs pelo mouro e a consequente invasão de seus territórios na busca das mesmas; o reconhecimento do valor supremo da Virgem Maria pela “seita” dos mouros; e a celebração da união.⁵¹

A Cavallhada de Amarantina, no município de Ouro Preto, acontece há mais de duzentos anos, e acompanha a festa em honra a São Gonçalo, padroeiro local. A programação religiosa tem grande peso no evento, com procissões, missas e novena, além de repique de sinos, alvorada festiva e levantamento do mastro. Compõem a programação os shows musicais, banda de música, fogos de artifício, leilões, e a confraternização dos participantes nas barracas de alimentos e bebidas. O auto da Cavallhada acontece em um campo próprio, conhecido como Pavilhão das Cavallhadas,

⁴⁹ **Dossiê de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis** – Goiás. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2010. p. 58.

⁵⁰ Cavallhadas do Estado de Goiás podem ser reconhecidas como Patrimônio Cultural. 31 maio 2019. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/go/noticias/detalhes/5111/cavallhadas-do-estado-de-goias-podem-ser-reconhecidas-como-patrimonio-cultural>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

⁵¹ VIANA, Agostinho Marques, apud POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil**. Curitiba: Nossa Cultural, 2013. p. 201.

com estruturas específicas para este evento, como as baias para os cavalos, além de palanque, depósito, capela e castelos. No passado, faziam parte dessa festividade a dança de São Gonçalo, a dança de fitas e a corrida das argolinhas.



Figura 05: Casamento da princesa Floripes e do soldado Guido de Borgonha durante a Cavalcada de Amarantina – Ouro Preto/MG. Data: 2010. Foto: Nayara Gerin. Fonte: Dossiê de Registro das Tradicionais Cavalcadas de Amarantina.



Figura 06: Palhaços da Cavalcada de Amarantina – Ouro Preto/MG. Data: 2010. Foto: Luiz Carlos Teixeira. Fonte: Dossiê de Registro das Tradicionais Cavalcadas de Amarantina.

Ainda em Minas Gerais, ganha destaque a Cavalcada do distrito de Brumal, em Santa Bárbara, a qual é devotada a Santo Amaro. O auto teve início em 1936 por iniciativa de Jorge Calunga e Amaro Antônio Luiz, tendo como inspiração a Cavalcada de Morro Vermelho em Caeté. Contudo, a devoção ao santo remonta ao século XVIII. Além do auto da Cavalcada, que em Brumal é também composto pelo entrelaçamento de fitas, a programação da festa engloba missas e novena, apresentações de quadrilha, uma carreata em louvor a Santo Amaro, levantamento do mastro, procissão, repique de sinos, fogos de artifício. O espaço é decorado com a ajuda da comunidade e são instaladas barraquinhas de comidas, bebidas e jogos recreativos. Há também a apresentação e acompanhamento de banda de música. O Dossiê de Registro da Cavalcada de Brumal apresenta a seguinte descrição acerca da apresentação da Cavalcada:

A exibição inicia-se com o silvo do apito de Divino Lúcio, a partir do qual os cavaleiros executam uma série de evoluções enquanto a Banda de Música Santa Cecília toca o famoso “galopinho”. Destaca-se, na apresentação, o magnífico desempenho dos cavalos, os quais realizam, através de seus guias, uma complexa ordem de movimentos: entrada dos cavaleiros com a bandeira de Santo Amaro, execução de duas “embaixadas”, levantamento do mastro com a bandeira, desempenho de outras duas “embaixadas” e entrelaçamento das fitas – quando oito cavaleiros, numa espécie de dança sincronizada, trançam o mastro. Por fim, ocorre a realização de movimentos em círculo, meio-círculo, meia-lua e em forma de oito, encerrando em um show

pirotécnico seguido do desfile de despedida – no qual os cavaleiros pareados de dois em dois acenam lenços para a plateia.⁵²

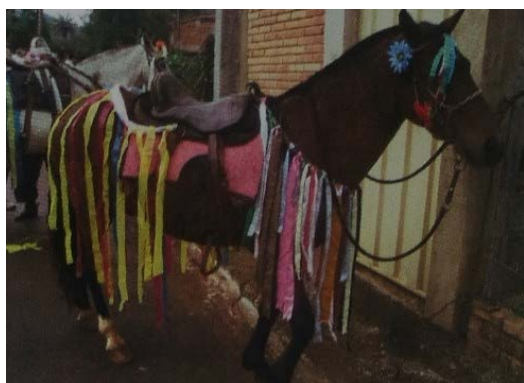


Figura 07: Cavalos adornados para a Cavallhada de Brumal - Santa Bárbara/MG. Data: 2009. Foto: Viviane Corrado. Fonte: Dossiê de Registro da Cavallhada de Brumal.



Figura 08: Execução da Cavallhada em Brumal – Santa Bárbara/MG. Data: 2009. Foto: Viviane Corrado. Fonte: Dossiê de Registro da Cavallhada de Brumal.

Para além dos relatos mais recentes, há referências, principalmente no material produzido pelos viajantes, sobre as Cavallhadas em Minas Gerais no século XIX. O botânico Karl Friedrich Philipp von Martius registrou as impressões sobre as festas do Tejuco (atual Diamantina), em 1818, durante sua viagem com o zoólogo Johann Baptist von Spix. O relato faz parte do estudo de Luís da Câmara Cascudo em “Antologia do Folclore Brasileiro”. Nota-se que naquele momento a solenidade era em honra a Dom João VI, recém-aclamado rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve. Era, portanto, uma festa do império composta por pompa e luxo. Martius usa a expressão cavalgada, contudo, podemos entender que ali estão presentes os elementos da Cavallhada, uma verdadeira representação da luta entre cristãos e mouros, e também a ocorrência do jogo da argolinha.

Não menos interessante espetáculo foram as Cavalgadas. Cavaleiros trajando veludo vermelho e azul, bordado a ouro, armados de lanças, figuraram combates entre Mouros e Cristãos, e, nesses desafios, faziam lembrar a bela época cavaleiresca da Europa. Antes de começar esse combate simulado, cruzaram-se Cristãos e Mouros; depois, separam-se em duas filas e correram uns para os outros, atacando-se ora com lanças, ora com espadas e pistolas. No seguinte *carroussel* da argolinha, conseguiram com grande agilidade, uns após outros, enfiar o anel em rápida correria desde o camarote do Intendente até ao fim da pista fronteira, onde ele estava pendurado. Se o herói era bem-sucedido, retirando a argolinha com a lança, ele escolhia na assistência uma dama, mandava-lhe um pajem negro pedir licença para lhe oferecer o troféu, entregava-lho, e, triunfante, ao som de fanfarra corria ao encontro dos

⁵² Dossiê de Registro da Cavallhada de Brumal – Santa Bárbara. Prefeitura Municipal de Santa Bárbara/Memória Arquitetura. Jan. 2010. p. 92.

cavaleiros, trazendo na lança uma echarpe ao laço de fita, ali amarrado pela mão da escolhida.⁵³

Ainda em Minas Gerais, há também registros da ocorrência da Cavallhada em Mariana em meados do século XIX. De acordo com o naturalista alemão Hermann Burmeister:

Uma rua transversal, curta e extremamente estreita, conduz do largo da Cadeia ao das Cavallhadas – um retângulo comprido do qual um dos lados longos coincide com a rua das Cortes. Nessa praça há belas casas, em geral sobrados. Não é pavimentada no centro por causa dos torneios que ali se realizam anualmente, no dia dos Reis. Infelizmente, não tive oportunidade de assistir a esses jogos, que, naquele dia, se levam a efeito em todas as cidades do Brasil, simbolizando a luta entre os cavaleiros cristãos e os mouros.⁵⁴

A região metropolitana de Belo Horizonte é, portanto, palco para diversos eventos de Cavallhada. A exemplo da Cavallhada de Morro Vermelho em Caeté, da Cavallhada de Brumal em Santa Bárbara, da Cavallhada de Amarantina no município de Ouro Preto, além das Cavallhadas de Nova Lima, com a Cavallhada de São Jorge no distrito sede, e de São José Operário em Honório Bicalho. Frei Chico descreve a Cavallhada de São Jorge da seguinte maneira:

Em 24 de abril de 1999, em Nova Lima (MG), ocorreu o torneio das argolinhas, uma procissão com a bandeira e a imagem de São Jorge, com participação da cavallhada, guardas de marujos, congo e Moçambique, cavaleiros, grupo de pastorinhas da terceira idade e comunidade. Depois da missa conga, realizou-se o auto da cavallhada de São Jorge com a participação da sociedade musical Santa Cecília, de Caeté (MG), que existe desde 1975.⁵⁵

Com relação a Cavallhada de São José Operário foi registrado pelo pesquisador que:

Em Honório Bicalho, distrito de Nova Lima (MG), em julho acontece a cavallhada de São José Operário, com três dias de festa. Participam, de um lado, o rei cristão, seu embaixador, o nobre Guido de Borgonha e soldados; de outro lado, o rei mouro, seu embaixador, o espião, a princesa Floripes e soldados. A cavallhada demora duas horas e trinta minutos e termina com o casamento de Floripes com Guido de Borgonha.⁵⁶

⁵³ MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von, apud CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

⁵⁴ BURMEISTER, Hermann. **Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**: visando especialmente a história natural dos distritos auri-diamantíferos. São Paulo: Martins, 1952. Disponível em: < <http://reficio.cc/publicacoes/viagem-ao-brasil-atraves-das-provincias-do-rio-de-janeiro-e-minas-gerais/mariana/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

⁵⁵ POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultural, 2013. p. 202.

⁵⁶ POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultural, 2013. p. 202.

De acordo com a pesquisa de Jean Michael Leandro Madeira⁵⁷, a Cavallhada de São Jorge foi criada por Benedito Felício Carmelo em 1975. O auto acontece em um domingo próximo ao dia 23 de abril, data em que se comemora o santo. A programação inclui procissão com imagens, cortejos com estandarte, levantamento do mastro, trança das fitas, coroação, fogos de artifício, missa e orações. Diferentes grupos de congado e de dança participam do evento. Há também barraquinhas com comidas e bebidas, e shows musicais. O auto da Cavallhada é o principal momento da festa. Dele participam os reis e cavaleiros, fazendo as embaixadas, trançando as fitas no mastro, realizando as manobras no campo, e acenando com lenços para a plateia. Para o auto é importante a presença de uma banda musical.



Figura 09: Rei mouro e rei cristão na Cavallhada de São Jorge – Nova Lima/MG. Data: 2015/2016. Foto/Fonte: MADEIRA, 2017, p. 58.



Figura 10: Imperatriz e imperador na Cavallhada de São Jorge – Nova Lima/MG. Data: 2015/2016. Foto/Fonte: MADEIRA, 2017, p. 62.

Já a Cavallhada de São José Operário, objeto de estudo deste trabalho, é definida historicamente por seus próprios organizadores da seguinte maneira:

A Cavallhada surgiu no final do primeiro milênio depois de Cristo, a partir da luta entre mouros e cristãos. A Cavallhada de São José Operário do distrito de Honório Bicalho, em Nova Lima, integra as manifestações nas quais há representação cênica com personagens determinados e vestes características. A Cavallhada de São José Operário, que homenageia o Santo Padroeiro do distrito de Honório Bicalho, é apresentada desde 1957, simultaneamente com a dramatização, os torneios e o enfoque religioso. Esta manifestação é originária da Espanha, que mantém semelhante tradição desde o século XVI. A Cavallhada de São José Operário é um Folguedo Popular Tradicional de rara beleza que merece ser visto por todos.⁵⁸

⁵⁷ MADEIRA, Jean Michael Leandro. **As cavallhadas de Nova Lima: entre tradição, transformação e revitalização**. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

⁵⁸ **Folder de divulgação da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho**. 2006.

A ideia da distribuição de folders explicativos, como acima, é para que o público entenda a sua história e valorize o evento. Acerca do significado e da origem da Cavallhada foi assim escrito no ano de 2004 por seus organizadores:

A cavallhada é uma manifestação folclórico-devocional de grande incidência no Brasil, em todas as regiões. Logicamente, cada uma tem sua característica própria, a que os estudiosos chamam “variante”. São, contudo, homogêneas na sua essência. Que essência é esta? É o significado geral da cavallhada; o ódio dos cristãos aos infiéis. A luta dos cristãos contra os turcos ou mouros. Segundo Mário de Andrade, a tradição das lutas entre cristãos e mouros vem da Península Ibérica. Aí houve a fusão das questões religiosa e política, pois os turcos/sarracenos ou mouros dominaram a Península Ibérica do séc. VIII ao XV. Acirrando-se, assim, o ódio dos povos de Castela e da Lusitânia aos mouros infiéis. Deste ódio surgiram os torneios e simulacros de lutas entre cristãos e mouros nas classes nobre e os autos populares de fundo religioso. Nesses autos está a origem da cavallhada popular tradicional: uma representação das lutas entre os cristãos e mouros com grande influência do Imperador Carlos Magno e de seus doze pares. A representação teatral, cênica, é denominada pelos estudiosos folcloristas de folguedos populares tradicionais. Mário de Andrade preferiu simplesmente chamar de “Dança Dramática”.⁵⁹

Há uma incerteza na data de início da Cavallhada em Honório Bicalho. Enquanto alguns documentos citam o ano de 1954, a exemplo do trabalho realizado em conjunto pela Secretaria de Cultura de Nova Lima, com a Comissão Mineira de Folclore, outros marcam o início em 1957. Esta data é a mais aceita, já que ao retrocedermos 62 anos (em 2019 realizou-se a 62ª Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho), chegaremos ao ano de 1957. O certo é que um grupo de moradores, por iniciativa do Sr. Benedito Ferreira de Matos, Sr. Zico, fundou a Associação da Cavallhada. Um manuscrito histórico registrado no Cartório de Registro de Títulos e Documentos, de Aloísio Sales Wardi, na data de 03 de janeiro de 1989, apresenta os motivos e as influências para a fundação da Cavallhada de Honório Bicalho, se referindo também ao ano de 1957.

No ano de 1957, em diversas ocasiões e por muitos e muitos meses consecutivos reuniam-se pessoas da sociedade local, todas interessadas em fundar corridas de Cavallhada; folclore; tradição do lugar, talvez devido as viagens e ao transporte que eram feitos através do cavalo; naquela época, quase todas as pessoas tinham animal de sela para passear ou mesmo viajar. Daí o grande interesse de todos por este esporte praticado a cavalo.⁶⁰

⁵⁹ **Folder de divulgação da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho.** 2004.

⁶⁰ **Histórico de Cavallhada.** Associação da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho. Manuscrito. 1989.

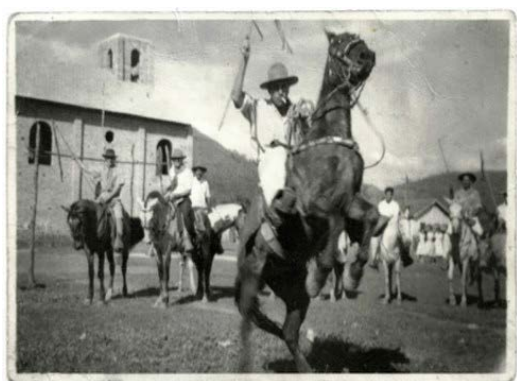


Figura 11: Embaixada durante a Cavallhada de São José Operário realizada pelo cavaleiro Raul Pontes Perdigão. Ao fundo a antiga igreja local. s/d. Fonte: Acervo da Associação dos Corredores de Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho.

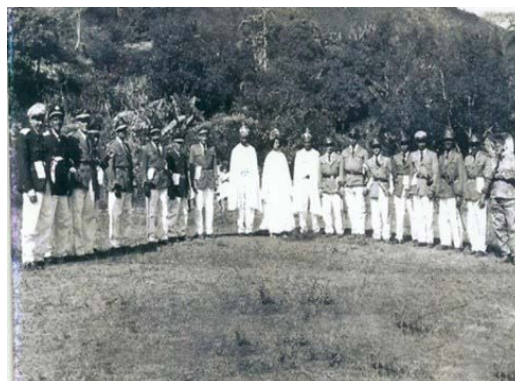


Figura 12: Exércitos cristão e mouro e ao centro os reis José Paca e José Paca Filho, e a princesa Floripes interpretada por Luci Carolina. s/d. Fonte: Acervo da Associação dos Corredores de Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho.

O documento de fundação da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho relata a participação de vinte e seis pessoas, com destaque para o senhor Benedito Ferreira Matos e sua esposa, Dona Julinha, que no dia 28 de julho de 1957, se reuniram na igreja de São José Operário para deliberarem sobre a criação da associação. O documento complementa que “E logo em seguida nesta mesma data, tomaram assento nos bancos no interior da Igreja antiga em Assembleia geral extraordinária todos os cavaleiros e outras pessoas interessadas em corridas e ali realizaram a eleição, que formou a sua primeira diretoria.”⁶¹ Elegeu-se, portanto, a diretoria e um conselho deliberativo, “para juntos harmoniosamente administrarem os destinos e funções da Cavallhada; folclore regional para fins sociais, religiosos, culturais e lazer”.⁶² No mesmo documento, nomeou-se todos os fundadores: João Estanislau, Benedito Ferreira de Matos (presidente), José Maria, Luiz de Lima Bento; José Alves (carreiro), Ailton Campos, José Arcênio Perdigão, Osvaldo Silva, Afonso Vicente, José de Oliveira (rei), José de Oliveira da Silva (rei), Luci Carolina (Floripes), Antônio Marcelo (técnico das cavallhadas), Antônio Seabra, Raimundo Rodrigues Pedrosa, Augusto Barbosa, Vitalino Simões, Raul Pontes Perdigão, Domingos da Silva Rocha, Sebastião Soares, Edson Santiago, João Tomaz, Dimas Lucindo, Benedito Sirino Corrêa, Antônio de Paula, João Guilherme.

⁶¹ **Histórico de Cavallhada.** Associação da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho. Manuscrito. 1989.

⁶² **Histórico de Cavallhada.** Associação da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho. Manuscrito. 1989.

A Cavallhada se manteve ativa por mais de vinte. Contudo, com o falecimento de alguns membros e as dificuldades da época houve uma interrupção. Por falta de maiores dados não foi possível precisar o tempo que o evento ficou sem acontecer. O certo é que em 28 de agosto de 1988 um novo estatuto foi elaborado pela diretoria, sendo registrado no cartório local em 03 de janeiro de 1989.

O Estatuto da Associação dos Corredores das Cavallhadas de Honório Bicalho foi composto por treze capítulos, sendo os assuntos assim divididos: Capítulo I – Da denominação e sede – do prazo de duração – do exercício social e do foro; Capítulo II – Dos fins e dos objetos sociais; Capítulo III – Do patrimônio – dos meios e recursos; Capítulo IV – Do quadro social; Capítulo V – Dos corredores de Cavallhada; Capítulo VI – Dos direitos e deveres dos sócios; Capítulo VII – Da administração; Capítulo VIII – Das atribuições dos membros da diretoria; Capítulo IX – Das comissões; Capítulo X – Das Assembleias e reuniões; Capítulo XI – Da votação – da apuração e posse; Capítulo XII – Do edital de convocação da assembleia geral; Capítulo XIII – Das disposições gerais e transitórias.⁶³

A associação era assim definida em seu documento de fundação: “A associação de Cavallhada de Honório Bicalho, fundada em 28 de julho de 1957, situada à Rua São Pedro, nº 289, neste Distrito, Município de Nova Lima, Estado de Minas Gerais, é uma instituição social de Folclore regional para fins religiosos, culturais e de lazer.”⁶⁴

Além das informações administrativas, constava no estatuto informações técnicas acerca da composição da Cavallhada, que definiam o número mínimo seis e o máximo de doze cavaleiros de cada lado para o auto. Não havia especificação da cor das vestimentas, apenas que cada lado deveria ter uma cor diferente da do outro lado.

No final deste documento constam as seguintes assinaturas: Benedito Ferreira de Matos (presidente); Weliton José Santos Borges (2º secretário); José Ovídio Felipe; Otacílio Corrêa; Edervan de Paula Neto; João Estanislau; Vander Ferreira dos Santos; José Tavares dos Santos; José Arcênio Perdigão; Luiz de Lima Bento; Armindo Soares; e Iêda Lúcia Moraes (1ª secretária).

⁶³ **Estatuto da Associação dos Corredores das Cavallhadas de Honório Bicalho.** 28 ago. 1988. Nova Lima/MG.

⁶⁴ **Estatuto da Associação dos Corredores das Cavallhadas de Honório Bicalho.** 28 ago. 1988. Nova Lima/MG.

Novamente foi paralisada na década de 1990 e retomada em 1999, sendo sua associação reabilitada no ano 2000. Uma pesquisa realizada pela Secretaria de Cultura de Nova Lima apresenta os motivos que levaram a comunidade a retomar a Cavallhada:

O principal argumento foi o amor que vem, por herança cultural, à festa de São José Operário, à cavallhada, ao seu enredo e à sua representação, ao amor a Honório Bicalho e à sua gente, fraternal e solidária, ao amor dos companheiros, que se tornam uma família, do início dos ensaios até o fim da festa. Existe ainda o fundo religioso, que se faz sentir na tradição de acompanharem a procissão e beijarem a porta da igreja, e, ali, orar, antes de se dirigirem ao campo. Ainda há o fator estético, artístico, com que qualquer pessoa de sensibilidade se extasia, ante o maravilhoso espetáculo: a cavallhada.⁶⁵

Nessa ocasião a diretoria foi recomposta e apresentava os seguintes nomes: Diretor presidente: Geraldo Gonçalves Coelho; Diretor vice-presidente: Antônio Felizardo Reis; 1ª secretária: Renata Núbia Oliveira Dias; 2ª secretária: Geni Pereira de Oliveira; 1º tesoureiro: Edervam de Paula Vito; 2º tesoureiro: Adair José Perdigão; Presidente do conselho deliberativo: Adelcio Elias Perdigão; Membro do conselho: José Ovídio Felipe e José Arsênio Perdigão; Suplente: Otacílio Corrêa e Geraldo Francisco da Silva; Equipe técnica da Cavallhada: Ademar José Perdigão; Membro da equipe: Wallace Natalício Marques e Max Wilson de Paula.

Nessas retomadas, foi fundamental a ajuda da Cavallhada de Amarantina, em Ouro Preto, que em muitas ocasiões cooperou instruindo o passo a passo do evento, emprestando cavaleiros e materiais. O Dossiê de Registro das Tradicionais Cavallhadas de Amarantina, apresenta o depoimento do Sr. Natalino Madalena Filho sobre a Cavallhada de Honório Bicalho, destacando a ajuda mútua entre as duas:

A de Amarantina levou para Honório Bicalho, que já aconteceu lá esse ano, foi agora dia 25 de julho, então agora o que é que há? Há um intercâmbio entre eles. Vamos supor: Honório Bicalho já teve a cavallhada lá, eles já mandaram, telefonaram, precisaram de um soldado Espinque da nossa cavallhada, já foi lá já, fez a apresentação junto com eles, e eles já estão sabendo que no terceiro domingo de setembro, dia 19.⁶⁶

Ao longo tempo, diversas modificações foram ocorrendo na Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho, como a diminuição dos dias de duração da festa.

⁶⁵ Pesquisa Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho. Secretaria Municipal de Cultura de Nova Lima/MG. s/d.

⁶⁶ **DOSSIÊ de Registro das Tradicionais Cavallhadas de Amarantina.** Ouro Preto. Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Set. 2011.

Pelo menos nos últimos quinze anos sabe-se que a Cavalhada acontece em dois dias de festa, diferente dos três ou quatro como era no passado. O folder de divulgação da Cavalhada de 2005 apresentava a seguinte programação:

Cavalhada de São José Operário

Dias 9 e 10 de julho de 2005 em Honório Bicalho – Nova Lima

A Prefeitura Municipal de Nova Lima, através de sua Secretaria de Cultura, convida para a Cavalhada de São José Operário, conforme a presente programação:

9 de julho – sábado

5 horas: Alvorada e café comunitário na Praça da Matriz com a participação da Corporação Musical “Sagrado Coração de Jesus” e após o café, a ornamentação da arena com a participação da comunidade.

19 horas: Missa celebrada pelo Padre Ângelo Márcio de Paula, na igreja de São José Operário, de Honório Bicalho, com a participação dos cavaleiros e amazonas adultos e mirins. Após a missa, procissão com a bandeira de São José Operário até a arena, onde será realizado o levantamento do mastro. Em seguida, a cavalhada mirim, com a participação da Corporação Musical “Sagrado Coração de Jesus”.

22 horas: Espetáculo de Danças Folclóricas apresentado pelo Grupo Guararás.

10 de julho – Domingo

10h30: Missa solene com participação das crianças e dos convidados

13h às 14h30: Tarde de lazer, com a realização de sorteios na arena montada ao fundo da Igreja Matriz.

15 horas: Procissão dos cavaleiros, saindo da capela de Nossa Senhora Aparecida, trazendo o estandarte de São José Operário até a arena.

15h30: Hasteamento das bandeiras pelo Grupo de Escoteiros “Expedicionário Assumpção” e execução do Hino Nacional pela Corporação Musical “Sagrado Coração de Jesus”.

16 horas: Auto da Cavalhada de São José Operário, com a participação da Corporação Musical “Sagrado Coração de Jesus”.

18h30: Show pirotécnico, ao fundo da Igreja Matriz, em Honório Bicalho.

19 horas: Show com a Banda Vayper 07, da cidade de Rio Espera/MG.
Barraquinhas de comidas típicas durante o evento.

Dessa data até os dias de hoje, a festa foi sendo simplificada. Hoje não acontece mais a apresentação da Banda de Música durante a alvorada. Também não há mais apresentação de grupos de dança, como uma quadrilha que ocorreu no ano de 2006. Houve mudança na missa dos cavaleiros. Antes eram duas missas, uma no sábado e outra no domingo. Atualmente, só é celebrada a missa de domingo e não há mais a presença dos cavaleiros fardados como havia no passado. Consequentemente não há mais a procissão que ocorria após a missa de sábado, quando os fiéis se dirigiam em grupo até a arena para o levantamento do mastro, levando também a imagem de São

José Operário. Outra mudança foi a não mais ocorrência da procissão dos cavaleiros, que saía da Capela de Nossa Senhora Aparecida indo até a arena. Também não ocorre mais o jogo das argolinhas, muito comum nas cavallhadas em outras partes do país.

A mais emblemática das alterações, talvez, tenha sido a mudança de data da festa. Após a sua criação e ao longo da segunda metade do século XX, a Cavallhada de Honório Bicalho ocorria em maio, junto com a festa do padroeiro, São José Operário. Por conta da separação das festas, muitos eventos deixaram de fazer parte da Cavallhada. Contudo, o sentido do auto, que é o embate entre cristãos e mouros continua presente.

Outro elemento próprio das mudanças é a renovação dos componentes da cavallhada, que muitas vezes acontece de maneira natural, seja pela “aposentadoria” dos mais velhos, seja pelo interesse dos mais novos. Assim, há cerca de dez anos (não houve precisão na data) ocorreu a cavallhada mirim, quando crianças de cerca de oito a dez anos fizeram o seu próprio auto usando cavallinhos de pau. Essa foi uma maneira de incentivar a transmissão desta prática cultural. Atualmente, ocorre a Cavallhada juvenil no sábado à noite.

Uma reportagem do jornal Estado de Minas sobre a Cavallhada de Honório Bicalho no ano de 2002 apresenta uma análise de Domingos Diniz (da Comissão Mineira do Folclore): “O mais importante, porém, não é perguntar quando ela teve início, mas por que ela ainda sobrevive. Não tenho a resposta, mas posso ver que isso acontece a partir da devoção do povo.” A reportagem também explica que, de acordo com Domingos Diniz, “a cavallhada é um ato popular espontâneo – por isso faz parte do folclore. Depois das batalhas, os dois exércitos baixam as armas para celebrar a conversão dos mouros ao cristianismo. A princesa Floripes, filha do imperador mouro, casa com um soldado cristão e dá início a uma grande festa de integração.” A mesma reportagem também apresenta um depoimento do cantor e compositor Rubinho do Vale: “Estou muito feliz por ver uma cavallhada ao vivo pela primeira vez, ela tem um significado especial para mim, que fui criado na roça montando a cavalo. Esse teatro mostra a resistência da cultura brasileira.”⁶⁷

Com o título de “Tradição medieval é revivida em distrito de Nova Lima, na Grande BH”, o portal de notícias G1 publicou a seguinte reportagem:

Uma tradição medieval foi revivida, neste domingo (22), no distrito de Honório Bicalho, em Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo

⁶⁷ Procissão e cavallhada homenageiam São José. **Estado de Minas**, 15 de julho de 2002. p. 18.

Horizonte. A cavallhada de São José Operário encenou batalhas entre mouros e cristãos, típicas daquela época.

A festa chegou ao Brasil por meio dos portugueses e tem mais força em cidades do interior de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul e em alguns estados do Nordeste. Em Honório Bicalho, a tradição tem mais de 60 anos.

O presidente de honra do evento, Otacílio Corrêa, participou das primeiras edições. “Eu comecei na cavallhada com 14 anos e hoje estou com 86. Sempre eu sou o Rei Carlos Magno, o rei cristão, né”.

O objetivo é reviver o embate típico da Idade Média, que opunha as religiões e os povos que disputavam o domínio da Europa.⁶⁸

O auto encenado, portanto, segue a tradição das Cavallhadas presentes no Sudeste, Centro-Oeste e Sul do Brasil com as influências da colonização portuguesa. No campo de batalha é contada a história da luta entre cristãos e mouros, com os personagens: rei cristão, rei mouro, princesa Floripes, Guido de Borgonha, palhaços, e demais soldados. O auto se desenvolve em planos, sendo os principais deles: as embaixadas, a morte do palhaço, a rendição dos mouros, o casamento da princesa Floripes e a conversão dos infiéis mouros em cristãos. Evidencia-se neste evento grande participação de sua comunidade, e um sentido devocional, como parte de um longo processo cultural, que vem sendo passado de geração a geração.

⁶⁸ Tradição medieval é revivida em distrito de Nova Lima, na Grande BH. 23 jul. 2018. **G1**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/07/23/tradicao-medieval-e-revivida-em-distrito-de-nova-lima-na-grande-bh.ghtml>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

5. DEPOIMENTOS

5.1 Otacílio Correa

Otacílio Corrêa, nascido em Entre Rio de Minas em 23 de março de 1932. Morador de Honório Bicalho desde 1946. Membro da Associação dos Corredores de Cavanhada de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Adriene dos Anjos Noronha.

Origem da Cavanhada em Honório Bicalho

Eles estavam querendo formar a Cavanhada e me convidou para fazer parte. E eu ajudei a fundar a Cavanhada. [...] No tempo da Cavanhada antiga [...] nós fundamos ela lá na beira do rio. A igreja até existia mas não era essa. Tinha a igreja, mas aqui tudo era mato, aqui no fundo era mato. E tinha aquele espaço lá, e nós conseguimos armar, formar, convidando um e outro. E trouxemos para ajudar nós, porque para nós fazer sozinho tinha que ter outras pessoas que já sabia de Cavanhada para ajudar nós. Nós, então, fomos lá em Amarantina. Lá já tinha antiga, a deles lá já tem uns trezentos anos. Ela já está no patrimônio. E eles vieram aqui, nós fizemos diversas reuniões. Nós fomos lá muito, a diretoria que nós formamos. E eles vieram e fizeram a formação, como que faz. “Vocês animam fazer isso? Vocês animam?” E nós animamos e eles deram uma grande ajuda. E nós formamos a Cavanhada. Depois que estava pronto, já tinha os cavaleiros, todo mundo entusiasmado, eles vieram para mostrar a nós como faz. E eu aprendi. Eu tenho a história lá da França, que foi como era lá, como era e porquê que nós fazemos este teatro aí e que é coisa de Deus porque eu, pelo menos, fundei e fiquei como rei cristão. [...].

As origens históricas da Cavanhada e a relação com a Igreja Católica

A Cavanhada tem que ser católico porque a coisa vem de lá da França assim: Lá era o rei que mandava. Lá chamava província, província tal, província tal. Então tinha um rei que era o Carlos Magno. E tinha um sultão, que eram os vermelhos que a gente fala aqui. O Carlos Magno propôs, por isso que tem que falar de religião, eles aceitarem Jesus do outro lado, na outra província. E ele falou: “não aceito”. Nós aqui não aceitamos e quem falar de Jesus aqui nós mata. Aí aconteceu. Aqui fala palhaço. O que significa o palhaço? O palhaço a gente chama ele aqui de alcoviteiro. Ele vai ali, tem amizade ali, ouve tudo o que ele fala, e vem aqui e fala: cuidado. E ele era leva e trás lá. Aí acabou que eles foram à guerra, e no fim os cristãos, que é o que está do lado azul, vai lá e

rouba a princesa que é filha do rei ateu. Aí leva ela e o rei Carlos Magno manda um dos soldados dele casar com ela. Aí acaba que eles aderem. Aí entra tudo em paz. Então, vem aquela palavra que vem lá de Jesus: “A minha Igreja será combatida, mas não será vencida”. Igual tá hoje aí no mundo inteiro, tem muita igreja com todo nome, é igreja, mas a nossa Igreja Católica é a primeira. Então, criou a Cavalhada por isso. [...] A palavra primeiro que o rei fala é assim: “que faça com que seja Católico Apostólico Romano”. O cristão vai falar isso, é a palavra que eu falava lá no início da Cavalhada.

Nome da Cavalhada

Antes era só Cavalhada (não havia um nome de santo associado). [...] Perguntaram qual vai ser o padroeiro da igreja. Um queria São Vicente, outro São José, outro São João. Outro que a gente fala é um tanto. E eu que dei ideia e minha ideia foi aprovada. Nós fizemos um plebiscito. Eu falei: “pra não dar confusão vamos fazer tipo uma eleição”. [...] São José Operário ganhou. [...] A Cavalhada já existia, só não tinha um nome (associado a um santo).

Interrupção e recomeço da Cavalhada

Ela teve uma paradinha porque foram morrendo os mais velhos. Aí a comunidade toda: “vocês não vão reviver a Cavalhada?”. Aí nós começamos de novo. [...] Ela ficou parada quinze anos.

Um dia nós estávamos aqui. A prefeitura sempre mandava um pessoal cantar aqui, pro povo. E chegou um: “Otacílio, vamos levantar a Cavalhada”. “Vamos”. O prefeito estava aqui, naquele tempo quando tinha qualquer coisinha eles vinham. Aí falamos: “você ajuda nós a levantar a Cavalhada?”. Aí ele falou assim: “O que vocês quiserem”. [...] Ele se chamava Dr. Sebastião Fabiano (gestão 1983-1986).

Local de ocorrência da Cavalhada

Ali tem o campo oficial do time amador. Ele era aberto. Nós não tínhamos espaço, não tinha esta praça, não tinha nada. Aí nós pedimos a diretoria do time. Eles falaram: “esse lado aí está à toa, vocês podem formar aí”. E lá nós formamos ela. O tempo foi passando e eles pediram (o local). Veio outro prefeito, fechou o campo lá, o local foi crescendo. Aí nós viemos aqui pra atrás, não tinha essas casas não. Passou mais uns

anos, nós viemos aqui pro fundo (da igreja). Aí eles invadiram aqui. Agora nós estamos ali.

Preparação da arena

Nós mesmos que fazíamos o palanque de madeira e fechava tudo de chitão. E o lugar de sentar era de madeira. E a coisa foi crescendo e gasta muito dinheiro. E com esse crescimento, também, movimentou mais a comunidade e nós agora temos uma estrutura que a prefeitura que também ajuda. E depois da Cavallhada entrar no fio certo, [...] a prefeitura ajuda. [...] Naquele tempo que eu falei, de chitão e tudo, naquele tempo quem ajudava mais era a Mineração Morro Velho. A prefeitura fazia alguma coisa pequena. Agora, com esta estrutura toda que tem, a prefeitura ajuda sim. Sem a prefeitura não dá para fazer o que a gente está fazendo.

Participação no auto da Cavallhada

Eu correr como se fosse soldado eu nunca queria. Eu fui rei a vida inteira. [...] Tem uma turma aí que fez até um abaixo assinado: “Oh Geraldo, volta com o Otacílio”. [...] Eu não sou mais, não é por mim, eu gostaria ainda de ser. Mas aí os meus netos foram pedindo: “Oh vô, deixa eu ser”. A gente tem que passar, aí passei para um neto meu. Mas acontece que ele arrumou um outro emprego [...], aí ele pisou na bola, eu xinguei ele, [...]. Não pode falhar. Agora a gente tá passando pro outro [...], que é menino ainda, é rapazinho. Ele vai ser mirim logo. Eu fui rei uns vinte anos. O papel do rei é falar sobre o Carlos Magno. Pedir para que ele (mouro) seja cristão, aceitar ser cristão, o papel dele é esse. [...] Tem o embaixador, que é aquele que vem, pede ordem, tudo e tal. E cada cena que eles fazem, cada cena que o azul faz, os vermelhos também fazem. São vinte e quatro cavaleiros. [...] O que chama margarina, eles põe tantas bolas grandes no meio do campo, vermelha e azul, na hora da cena da briga. O cavaleiro vermelho de cima do cavalo ele xuxa as azuis, como ele se estivesse matando e brigando com o soldado. E acaba que um deles, na hora do casamento, na hora que terminar tudo, ele pede para roubar, o cristão pede para roubar a princesa, e rouba e ela desce e vai lá e a entrega para o Carlos Magno. Tem mais cenas. Mas no fim tem o casamento, aí eles aderem ali ao cristianismo.

Transformações ao longo do tempo

Não pode mudar. A única coisa que mudou, porque não tem espaço também, chamava tirar argolinha. Sabe o que é tirar argolinha né? Põe e o cavalo sai, mas aquilo tem que ter espaço. Aquilo é pra ganhar um prêmio. [...] As falas não mudam. As falas não podem mudar.

Cavalos e cavaleiros

São vinte e quatro cavaleiros, não pode correr com mais de vinte e quatro. Dezesseis pode, mas com menos não. [...] Cada cavaleiro tem que ter o seu cavalo. O problema é do cavaleiro, ele que arruma e tudo. Agora, toda a vestimenta, toda a farda, todos os enfeites, aí já é com nós. [...] Tem os enfeites do cavalo. Ali é o seguinte, quanto mais enfeite, mais bonito fica. Então tem a capa para colocar na anca do cavalo. E o enfeite do soldado, não pode mudar, tem que ser todos iguais. E as fitas dependuradas no animal, quase você não vê o cavalo, mais é pano em cima dele.

Organização do espaço e decoração

É feita hoje (no sábado de manhã). Isso é todo ano, é uma tradição, depois do café, junta a comunidade toda, muita gente aparece aí para ajudar. Todo ano, depois do café a ornamentação fica no programa. [...] Os enfeites têm que ser com as cores, as cores da Cavallhada são azul, branco e vermelho. Se você chegar lá agora já está começando a enfeitar.

Preparação dos enfeites.

Pode começar um mês antes. Os enfeites a gente pode fazer da maneira que achar melhor. Quanto mais enfeitado o campo melhor, aí já é para o povo, para ficar bonito. Então cada ano nós inventa, pode inventar um tipo de enfeite, as cores que não podem ser diferentes.

Igreja

Tem que ter a missa, não pode passar sem a missa dos cavaleiros. [...] Sempre cada padre muda alguma coisa. Antes era hoje, dia de sábado, que celebrava a missa dos cavaleiros. Os cavaleiros vêm todos uniformizados. Como eles vão correr lá, eles têm que vir à missa, os vermelhos, os azuis, os reis, tudo direitinho. Sempre era sábado (a

missa) às 17 horas, depois da missa vai levantar a bandeira do padroeiro. Mas o padre mudou para amanhã às 10h30, que é a missa da Cavallhada.

Visitantes

Vêm de todo lado. Vem de Sabará, vem de Raposos, vem de Rio Acima. Aqui cada ano aumenta. Ano passado, contado pela polícia, mil e duzentas pessoas. Nós estamos esperando umas mil e quinhentas este ano.

Transmissão para os mais novos

Nós começamos a passar. Deu muita mão de obra. Quando nós começamos: “Como que vai ser?” Aí nós tivemos que ir no prefeito, na época, muitos anos atrás. Porque só os adultos, vai morrendo, vai ficando velho. Então nós fomos lá, depois nos grupos conversar com a diretora, pra saber qual eram os meninos que queria correr, brincar. Elas explicavam a eles e aqueles que aceitavam, nós pegávamos o menino, ia na casa do pai, pro pai autorizar, porque era menino né, se podia autorizar se eles podiam fazer. Uns autorizavam, outros não autorizavam, mas conseguimos trazer os meninos que correm até hoje. Vai virando adulto, vai pra parte adulta, e uns saem, muda né. Mas acontece que deu trabalho né, depois nós tivemos que ir na prefeitura, na secretaria de cultura, nós fizemos muita reunião. Pra começar nós fizemos cavalinho de pau, porque é menino. [...] Fazia uma estrutura leve, mas como se fosse um cavalinho de pau. E colocava neles como se fosse uma capa, mas tudo leve e enfeitava. O que corre hoje a cavalo eles corriam a pé, fazia a mesma coisa. Pra começar, os meninos, as crianças. Hoje os meninos estão aí, tudo a cavalo. Isso veio desse fruto. Nós fizemos pra levantar, pra mostrar o evento. E um foi passando pro outro, foi crescendo. E não precisou fazer eles andando mais, eles estão montando normal. Eles mesmos pedem.

Riscos de desaparecimento

Teve um problema muito sério agora, que ali a gente está achando que ia acabar. A questão do terreno. Mas conseguimos a não falhar este ano. Agora, com o terreno estamos funcionando na medida do possível. E vendo o que vai acontecer para frente. [...] Então agora, o que nós temos que fazer é uma coisa lá de longe, sempre fazendo mais algum outro evento. Não fazer só este, pra movimentar. A AngloGold fala em ajudar a comunidade e por isso ela não pode tirar um teatro tão grandioso quanto este.

Acompanhamento da banda

Cada corrida tem um toque. Na medida que o cavalo está correndo tem um toque, não pode tocar errado. Na medida que os cavaleiros estão fazendo uma parte, tem que tocar. A banda vem lá de Morro Vermelho (Caeté). [...] Nova Lima têm duas bandas, mas ela deixou de tocar. [...] Lá em Morro Vermelho também tem a Cavalhada, aí eles vêm, não falha.

Importância da Cavalhada

Isso é uma cultura que não pode acabar porque o povo está precisando de cultura, precisando de lazer. A importância é ela crescer mais ainda. E ela ter uma subvenção, seja não sei da onde, pra ajudar mais a comunidade. A festa não é da gente (associação), a festa é da comunidade, pra mostrar ao povo que tem festa, tem cultura. Nós estamos precisando é disso.

5.2 Antônio Felizardo Reis

Antônio Felizardo Reis, aposentado, nascido em Honório Bicalho em 16 de novembro de 1948. Membro da Associação dos Corredores de Cavalhada de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Adriene dos Anjos Noronha.

Participação na Cavalhada.

Desde 1998 que o Geraldo me convidou pra gente participar da diretoria. E nós pegamos em 1998 e estamos aí até agora, ininterrupto. Eu comecei como vice-presidente. Hoje eu estou no cargo de tesoureiro. Eu sou o tesoureiro e ajudo na organização também, a montagem de arena, todo o serviço que envolve eu participo dele.

Lembrança da Cavalhada do passado.

Isto está vivo na memória. Desde a idade de oito anos que eu comecei a participar, ver o movimento aqui. Antes era aqui do lado, e eu já participava, acompanhava. Inclusive, lembro de todo o pessoal, que era só gente da região, gente conhecida né, que participava. Hoje, infelizmente, desse pessoal nós só temos duas pessoas aí, os outros já foram, que é a nossa primeira Floripes, que é de 1957, quando foi fundada. Ela hoje mora lá em Caeté, Luci Ferreira. E Luís Bento. Os dois que estão aí até hoje.

Locais de ocorrência da Cavalhada

Era aqui do lado (da Igreja). Tinha uma igreja antiga que foi demolida e reconstruída, no mesmo espaço. Hoje está tudo modificado. Daqui foi lá para perto da passarela. Depois, em 1987, como festeiro de São José, aí o pessoal disse: “Vamos fazer a Cavalhada na festa de São José?”, “Vamos”. Aí fizemos ela, também, em 1987 que eu participei aqui no mesmo local. Depois disso, foi lá pra cima, fizemos lá, não sei bem quantos anos que fizemos ali em cima, onde é a escola municipal. Da escola municipal, nós viemos pra aqui, pra este espaço, onde hoje está ocupado, nós passamos a fazer ali.

Mudanças ao longo dos anos

Era uma coisa interessante porque tinha uma participação do pessoal que passava de pai para filho, avô, passava. Então, alguns dos nossos componentes que correm aí hoje tem um passado, o avô ou pai corria também na Cavallhada. E aqui era um trabalho interessante, cada um fazia o seu, digamos assim, o seu palanque, furava os buracos, fazia os andaimes, os palanques, é como se fosse um camarote. Aí as pessoas ficavam em cima, trazia os convidados, as outras pessoas ficavam em baixo, era uma coisa até legal, interessante. Hoje está tudo modificado, nós estamos tentando simplificar ao máximo porque é muito trabalhoso.

Auto da Cavallhada

Continua a mesma coisa, a mesma história, as mesmas falas, isso aí não mudou em nada.

Participação da Comunidade

A participação é boa, muito boa. O pessoal sempre tá aí com a gente ajudando, dando apoio. Mas eu acho que tempos atrás a coisa parecia que era mais arraigada porque não tinha nada aqui em Bicalho. A única coisa que tinha era a Cavallhada. [...] Antes era a única coisa que tinha, não tinha outro evento, não tinha nada, a não ser o festejo do padroeiro. [...] A comunidade sempre deu muito apoio. E vem pessoal de Raposos, Rio Acima, Nova Lima, Belo Horizonte, e até mesmo de fora, teve uma pessoa que veio de São Paulo fazer um trabalho aqui.

Estrutura do local

Esta estrutura aqui (tendas e palco) já tem ela, é só no dia a gente pegar e montar. [...] Patrocínio da prefeitura, tendas, palco. Agora, a estrutura lá dentro com os castelos, isso aí é nosso, nós que preparamos e nós temos isso guardado, está sempre usando. A mão de obra era muito grande e hoje essa mão de obra a gente já não tem mais. Carregar madeira para fazer andaime para fazer os castelos dava muito trabalho. Então, nós fomos simplificando, fizemos uma estrutura que é só chegar e montar.

Preparativos para a Festa

Tem as reuniões que a gente sempre faz pra poder acompanhar como está o desenvolvimento dos preparativos. Uns dois meses antes mais ou menos a gente começa

a reunir. (A solicitação pra prefeitura) normalmente a gente faz com uns três meses antes porque aí tem as reuniões com o pessoal da cultura. [...] A gente tem uma relação das coisas que a gente precisa para a estrutura e a gente já vai e faz a reunião, aí fica dependendo da prefeitura chamar a gente pra pode acabar de acertar. (A prefeitura) está patrocinando palco, estas tendas, vigilância, iluminação da arena, [...], som, shows, [...], banheiro químico. Tem a polícia também, ambulância, corpo de bombeiros, a prefeitura que requisita.

Barraca de comidas e bebidas

Aqui é a cozinha da paróquia (atrás da igreja São José Operário). Todo o preparativo das comidas é feito aqui e passa aqui pra fora, onde o pessoal fica aqui para poder servir os visitantes. A renda aqui é direto para a Cavallhada (associação). É servido pastel, tradicional né, não pode faltar, feijão tropeiro, inclusive o pessoal elogia demais o feijão tropeiro nosso aqui, que é rico mesmo, caldos. E tem a parte de bebidas também, cerveja, refrigerante, quentão. Nós damos uma doação para a igreja porque nós estamos usando o espaço, então tem uma contribuição.

Resgate da Cavallhada

Ela ficou paralisada me parece que foi 23 anos. Tanto é que quando nós fomos festeiros do padroeiro, aí resolvemos fazer o evento. E juntamos um pessoal, dentro de três meses aí a gente preparou, fomos buscar o pessoal para nos ajudar, pessoal que tinha conhecimento porque muitos já tinham ido embora, e a gente já estava sem saber como que é. E tem a tradicional lá de Ouro Preto, de Amarantina, aí nós buscamos esse pessoal lá de Amarantina para nos ajudar. Foi em 87. Aí buscamos esse pessoal que nos deu apoio, aí ficamos uns três anos. Depois mudou para uma nova diretoria, aí eu me afastei. Quando foi 98, eu tive o convite pra voltar: “Ah porque você já tem conhecimento, já sabe como que é, então vem com a gente, vamos tentar levantar a festa outra vez”. [...] Depois de 87 ela teve mais uma paralisação, me parece que foram uns quatro anos que ela ficou parada.

Riscos ao desaparecimento

A minha preocupação é porque, infelizmente, esse trabalho voluntário está acabando. Porque já não são as mesmas pessoas. As pessoas vão envelhecendo e a dificuldade vai

aumentando. Uma preocupação que nós tínhamos também e nós corremos esse risco, mas me parece que agora está solucionado, e que a gente possa dar continuidade, era a questão do espaço. As invasões, do que jeito que estava acontecendo, nós estávamos ficando sem espaço. Só que hoje, parece que já está mais ou menos definido e nós vamos ter o espaço, que a prefeitura está desapropriando o espaço. Todo ano a gente tinha que pedir a licença, autorização para poder fazer o evento. Fazia por escrito. Nunca negou.

Castelos construídos em 2019

Este ano construímos de alvenaria. Com recursos da própria Cavallhada (associação). Nós participamos de um projeto da prefeitura e nós fomos contemplados. Então, a verba que foi destinada pra nós, foi de R\$ 19.140,00. Nós investimos esse dinheiro na construção dos castelos e mais recursos que nós tínhamos que é desses eventos que a gente faz. A gente tinha esse recurso e aplicamos este recurso também nos castelos. Os castelos eram para dar um visual melhor pro evento né. E também facilitar o nosso trabalho porque é trabalhoso. Então, a gente queria fazer uma coisa definitiva pra acabar com essa mão de obra (de montagem). [...] A Anglo só chegou e mandou derrubar. Eu estava na minha casa quando eu fui chamado porque estavam aqui o pessoal da AngloGold com polícia, caminhões e máquinas, que era para poder demolir os castelos. Foi de 06 de fevereiro (2019), uma quarta-feira.

Transmissão para os mais novos

Nós já tivemos aqui um trabalho com as crianças. Iniciamos aqui com um trabalho de papelão. Nós envolvemos as crianças e algumas delas participam ainda. Um trabalho que foi feito com a escola municipal. Então as crianças participaram. Crianças de oito até dez anos. Muitos deles mudaram de ideia e ficaram pra trás, outros continuaram. Este é um trabalho que a gente fez para poder ajudar a resgatar. [...] Os pais deram apoio, ficaram empolgados com o renascimento né. Fizemos uns três anos, só que as dificuldades vão aumentando, tudo tem um custo, quando a gente tem o recurso a gente consegue dar uma melhorada. [...] Nós estamos pra voltar, mas depende de recurso.

Participação das crianças e jovens

Nós temos, por exemplo, no dia de hoje, no sábado né, a participação com muitos jovens, maioria jovens, amanhã já é a parte mais adulta, com alguns jovens também para poder mesclar, para dar continuidade. [...] A (Cavallhada juvenil) é de quando nós pegamos pra cá, antes não existia. Foi criada exatamente para isso, pra poder substituir aqueles que a idade já não permite mais. E essa participação tem sido muito boa. [...] Nós temos aí também o Ademar Perdigão, que ele é uma pessoa envolvida né. Ele que prepara o pessoal. Tem as falas né, e as manobras que são feitas durante o evento dentro da arena. Então, ele também é um soldado forte no nosso exército aí. Inclusive, ele é o rei mouro. [...] O pai dele corria, foi um dos fundadores, José Arcênio Perdigão. [...] O Dé é o rei mouro e o irmão dele é o embaixador cristão. Então, é uma “briga” entre os dois irmãos, até interessante. O Dé tem dois filhos, eles começaram com a gente na cavallhada mirim. Chegou a ficar o pai e o filho como rei, o rei cristão e o rei mouro. E teve um ano que participaram os dois na mirim, os dois irmãos reis, um cristão e um mouro.

Enfeites e uniformes

O material todo a gente fornece, os enfeites, nós damos o uniforme, só não dá a calça, que é uma calça branca e a botina, o resto tudo é da Cavallhada. O uniforme fica guardado, tem uma pessoa que cuida, uma voluntária também, que é irmã do Ademar. Envolve toda a família né. Ela que é a responsável pela guarda dos uniformes.

Banda de Música

Nós temos aqui a participação da Banda de Morro Vermelho, município de Caeté. Eles já têm um bom tempo que está aí com a gente. É uma dificuldade também que a gente tinha porque as partituras são diferentes né. Até a própria banda fala que as músicas da Cavallhada são muito repetitivas, então tem dificuldade. E eles dão conta disso aí. A cada momento do auto é uma música. [...] Já teve aqui a banda de Nova Lima, de Amarantina também, de Ouro Preto né. [...] Eles são voluntários. O transporte este ano a prefeitura pagou pra eles. Mas, às vezes, nós custeamos este transporte. Esta responsabilidade sendo nossa a gente já sabe que tal hora o ônibus estará lá pra pegar o pessoal e trazer e levar.

Importância da festa

A gente atende um chamado né. A gente não sabe de onde veio este chamado. E a gente se sente envolvido. Eu, por exemplo, não tenho dificuldade. Eu estou pronto para poder ajudar. E também a comunidade no momento que ela se sente envolvida ela esquece tudo e vem junto com a gente.

5.3 Ademar José Perdigão

Ademar José Perdigão (Dé), aposentado, nascido em Honório Bicalho em 10 de novembro de 1965. Membro da Associação dos Corredores de Cavallhada de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Adriene dos Anjos Noronha.

Memória e participação na festa

A primeira lembrança que eu tenho da festa foi em 1985, a primeira vez que eu participei. Tinha parado né. Aí o pessoal retornou, a primeira que eu fui convidado para participar. [...] Aí participei um ano como corredor, aí no próximo ano eu participei como embaixador. Desde então participo sempre. [...] Já fiz soldado, embaixador, rei mouro e rei cristão.

Participação no auto da Cavallhada

Quando a gente inicia naquele exército, acho que a gente põe um gosto. Porque as falas, no caso, como eu faço o rei mouro, eu fiz o embaixador mouro e o rei mouro. Então, eu foquei muito nas falas do rei mouro e do embaixador mouro. Então, pra fazer o cristão, eu já achei um pouco diferente né, a gente faz até com menos entusiasmo porque já estava adaptado ao mouro, aí depois vai fazer o cristão. Hoje, o que eu faço, eu sou o rei mouro, eu faço o rei mouro e sou o diretor técnico. Eu que dou o ensaio com minha equipe, organizo os cavaleiros. Essa parte toda é comigo.

Ensaaios da Cavallhada

Quando chega, geralmente, no início do ano a gente já faz umas reuniões pra estar juntando o pessoal que participou. Às vezes alguns continuam outros não, vêm outros. Então, a gente marca os ensaios e a gente marca aos domingos pra ensaiar. Porque as pessoas que estão chegando, as novas, não sabem, então a gente tem que dar uns ensaios para poder pegar. Mas é muito tranquilo. Todo o ano a gente já faz isso no início do ano a gente começa as reuniões pra gente tá organizando. [...] Não é estipulado quantos ensaios. Tipo assim, o pessoal tá bem, a gente fala assim, então vamos folgar um domingo e vamos no outro, de quinze em quinze dias. Ou se a gente tá vendo que tem alguma dificuldade, a gente faz todos os domingos. Então, isso varia muito da gente ver o desempenho das pessoas. [...] No início a gente faz só a corrida dos cavaleiros, dos

soldados, aí quando vai chegando nos últimos ensaios, aí a gente faz dois ou três completos, com fala, com tudo, pra gente poder estar lembrando, aí a gente faz completo os três últimos. Mas os anteriores a gente faz só com os cavalos mesmo.

Resgate da tradição

Quando a gente iniciou a Cavalhada, a gente tinha que buscar o pessoal lá em Amarantina que dava apoio a gente para poder vir ensaiar, pra dar o ensaio pra gente. A gente sabia mais ou menos, mas já tinha muito tempo. Então, buscava o pessoal. Aí ficou uns dois anos eles vindo lá de Amarantina, era um custo que a gente tinha de buscar o pessoal e levar e tudo para poder treinar. No primeiro ano teve que vir o rei lá, já veio palhaço. Então, a gente tinha muita dificuldade. Hoje não, hoje a gente está tranquilo nessa parte. [...] Aí teve um ano que a gente fez uma reunião e vimos a dificuldade de estar buscando, gerava custo e tudo. Aí, “como nós vamos fazer?” Vamos pegar as corridas com eles. [...] Aí eu peguei e comecei a dar o treino e deu certo. [...] Mas a gente deu uma melhorada em duas corridas só. Mas a corrida em si é normal. Não teve mudança, nas falas também.

Fardamento

A vestimenta sempre a gente está trocando. O modelo praticamente é o mesmo. Mas a gente muda sim. Já mudou o quepe, por exemplo. A gente vai testando né. Era um quepe tipo da polícia militar, aí passamos para um outro mais moderno, agora a gente está com um boné todo enfeitado. Aí a gente faz reuniões e tudo pra gente ver os modelos. Mas até hoje, o que o pessoal mais gostou foi do antigo. Mas só que isso é um custo bem alto pra gente porque se a gente for fazer esses quepes aí hoje não tem condições de fazer porque é um custo bem alto. [...] Não tem espaço para guardar, aí fizemos um armário e essa roupa é guardada na minha casa. Aí acabou a Cavalhada, aí a gente leva, coloca tudo no armário, fica o ano todo, aí quando é a semana da Cavalhada aí a gente vai distribuindo o material para o pessoal. Às vezes tem que fazer mais alguma farda, reformar, principalmente no lado dos adolescentes porque hoje é um menino e amanhã, dois ou três anos, já não serve mais. E a gente tem que trocar as fardas. [...] Quando a gente começou era um modelo (de capa para os cavalos) e hoje já tem outro modelo. E hoje, por causa da situação que a gente está passando aí de falta de investimento na Cavalhada, no sábado, hoje à noite, os meninos vão correr com um

material que não é igual de domingo porque a gente não consegue fazer essa para os meninos também. Aí a gente está pensando, se Deus quiser ano que vem vai melhorar, a gente padronizar para o sábado e para o domingo. Mas no sábado é bem inferior porque as condições da Cavallhada não oferece a gente igualar o material.

Local de ocorrência da Cavallhada

A gente tinha um espaço bem em frente à igreja e o pessoal invadiu e perdemos o espaço. Aí passamos pro lado de lá né. [...] Recentemente teve o apoio do projeto que nós fomos contemplados, aí fizemos os castelos aí, ficou bem bacana, mas infelizmente a Anglo Gold resolveu demolir. Perdemos tudo. [...] A gente não tem espaço para guardar os materiais, então, os castelos a gente estava fazendo até mesmo para a gente aproveitar a parte de baixo pra gente guardar os materiais né. Ficava mais fácil porque é uma dificuldade. Hoje acaba a Cavallhada, a gente tem que recolher tudo e levar e transportar lá pra cima. Então, a ideia nossa, estava fazendo o castelo, acabou a Cavallhada a gente guardava tudo e ficava já bem próximo, a facilidade era bem maior. Aí a gente vai ter a dificuldade de tirar daqui e levar, recolher, transportar e depois trazer de novo para o outro dia. Então, é bem complicado.

Dificuldades para a ocorrência do evento

A gente tem muito pouca mão de obra, a prefeitura apoia a gente em palco, em tenda, mas essa mão de obra é a gente. Então, se a gente tivesse um local definido, a gente poderia fazer um projeto de já colocar uns encaixes, tudo, pra gente não ter esse monte de dificuldades que a gente tem com pouca mão de obra. Os castelos já estariam prontos, agora a gente tem que montar castelos, aí de um ano para outro às vezes as peças danificam, aí tem que soldar de novo, a montagem fica bem complicada, aí tem que contratar serralheiro. A gente tem bastante dificuldade nesse ponto aí. Se a gente já tivesse uma coisa montada, na parte da visibilidade ficaria bacana porque aí a gente ia fazer uma coisa bem feita, um projetinho bacana, e ficaria bem mais apresentável e tirava bastante a dificuldade que a gente tem dessa parte de trabalho que a gente não tem mão de obra pra isso.

Confraternização

Amanhã (domingo) tem um cavaleiro que faz uma recepção na casa dele para todos os cavaleiros, inclusive as crianças. Cachorro quente, tropeiro, refri. Faz uma confraternização antes de descer para a Cavallhada do domingo. [...] Os meninos ficam no maior entusiasmo. [...] Eles sobem todos para a casa dessa pessoa que chama Edervan de Paula Vítor. Todo ano é ele que faz, tem ajuda dos cavaleiros também. Isso aí é custo dos cavaleiros. Tudo isso aí é os cavaleiros que custeiam porque a Cavallhada (associação) não tem condições de custear. [...] É um modo da gente estar incentivando os meninos. [...] Outra coisa que a gente fazia e este ano não deu para fazer devido às dificuldades, todo treino, até mesmo o pessoal que estava assistindo, vem muitas crianças assistir, a gente comprava bala para dar durante os treinos. Aí este ano a gente comprou refrigerante e distribui para quem está assistindo.

Cavallhos

E tem a dificuldade de cavallhos. Tem pais que ficam aqui no treino com a gente, acompanhando os filhos e tudo. Mas tem uns que a gente nem conhece os pais deles. Então, o menino não tem cavallho. Ele quer correr, mas não tem cavallho. Não tem condições de comprar a bota e a calça branca. [...] Hoje, por exemplo, tem um menino que faz o papel do embaixador, ele não tem cavallho. Eu vou ter que arrumar um cavallho pra ele. Eu tenho que arrumar dois cavallhos até à noite pros meninos poderem participar porque eles vão participar, treinaram e não têm cavallho. [...] A gente até já conversou. A solução seria se a Cavallhada tivesse pelo menos uns três cavallhos pra gente poder administrar essa falha. Mas, infelizmente, a gente não tem.

Apoio da comunidade

Acho que 80% da comunidade apoia a Cavallhada. [...] A comunidade até cobra muito. Inclusive, esse problema que teve da demolição, o pessoal, a gente chegava aqui em Bicalho, “e a Cavallhada?”, “vai ter a Cavallhada?”. Então, na hora que conseguiu mesmo a gente viu manifestação de muita alegria de muitas pessoas. Inclusive, teve uma cena no dia que estava demolindo aqui, tem uma menina aqui que ela tem uns três anos, ela saiu chorando, mas chorando mesmo no colo da mãe, “ah, não vai ter a Cavallhada mais”. Então, a gente vê que tem bastante participação da comunidade, tem apoio da comunidade.

Missa dos cavaleiros

A gente não está tendo muito apoio do padre, porque os anteriores, todos que passaram aqui deram apoio pra gente demais, inclusive participavam com a gente de reuniões, davam muito apoio mesmo. Então, esse está havendo uma dificuldade da gente ter o apoio dele. Antes a gente fazia uma missa exclusiva da Cavalhada no sábado. Mas a gente foi conversando, e o que acontece? Para ter a missa e depois a Cavalhada, aí o pessoal ficava muito focado em cavalo e tudo, então a gente viu que não estava sendo bacana. Aí o padre Ângelo sugeriu que a gente fizesse a missa das dez e meia da manhã porque a gente atendia os cavaleiros e também a comunidade e os visitantes. Era uma missa que ele falava muito da Cavalhada, a gente fazia a organização da missa, os cavaleiros vinham fardados. O padre até sugeriu que colocasse umas cadeiras de frente ao altar e ficavam os reis e a princesa. Aí a missa era toda assim. As leituras todas eram lidas pelos cavaleiros, ofertório, tudo era feito pelos cavaleiros. Este ano a gente não conseguiu porque o padre não ofereceu isso pra gente. Este ano a gente não vai ter essa missa com a participação dos cavaleiros fardados.

Bênção aos cavaleiros

O pessoal fala também da bênção né, na hora antes da Cavalhada chegar, aí o padre geralmente dá a bênção porque ali acontece tanta coisa e o pessoal fala que na Cavalhada pode correr tranquilo porque não acontece nada que o santo protege. E acontece tantas coisas aí no campo, o cavalo assusta, pula, tudo e a gente consegue contornar a situação. Então, o pessoal pede para o padre dar a bênção da Cavalhada. Aí todo ano dava. Este ano também acho que vai ter a bênção também. Ele perguntou se seria necessário. O pessoal explicou isso pra ele, o que ele falou é que o pessoal que fica assistindo ele percebeu que o pessoal fica muito desatento. Tudo bem, vêm pessoas até de outras religiões ver a Cavalhada, mas nós estamos falando que os cavaleiros que pedem a bênção. É nesse sentido que a gente está tendo dificuldade de entrosamento. Ele chegou e não conhece a Cavalhada, não conhece a história né. Então, está um pouquinho complicado nesta parte porque nos outros anos nessa parte era muito tranquilo pra gente.

Devoção a São José

Teve um ano [...] quando chegava a Cavalhada eles davam aquele fogo de bengala para cada cavaleiro. Quando eu cheguei para pegar, ele assustou e, o pessoal não tinha pensado muito, e tinha muito carro, muita coisa em volta, chegou a amassar três carros, inclusive até viatura da polícia que estava próximo, e o cavalo saiu pulando. Foi aquela tragédia, até machucou o Geraldo. Aí o pessoal falou assim “você não caiu porque foi por São José”. Então, tem tudo isso envolvido, São José que segurou em cima. [...] Aí o pessoal vem e fala que foi São José mesmo. Então, tem tudo isso a ver a Cavalhada com a religião, porque geralmente todas as pessoas que participam eles têm esse vínculo com o santo né.

Importância da Cavalhada

Hoje o pessoal não valoriza muito a parte de teatro, de cultura. E eu penso que na hora que a gente está na arena a gente sente, a gente faz com tanto gosto que parece até uma coisa real, a gente sabe que é uma coisa que aconteceu muitos anos atrás, uma luta. Até nas falas, tanto faz o embaixador como o rei, empolga com as falas, são brigas mesmo. Então, o pessoal fica muito empolgado com aquilo. Então, significa pra mim assim, que quando eu estou ali eu me sinto mesmo um rei fazendo. Pra mim é muito interessante e eu peguei gosto por isso. Se meu pai tivesse aí hoje, ele estaria com 95 anos. Na primeira Cavalhada que teve ele foi um participante e ele fazia o papel do Guido de Borgonha, que é aquele que rouba a Floripes. Quando a Cavalhada acabou ele sempre relatava isso pra gente. Aí ele falava a fala e a gente queria, e aconteceu que o pessoal reuniu e voltou, então, a gente participou e tomou gosto por tudo, pelas falas e tudo. Antes era até melhor. Eu lembro que meu pai preparava tudo, na época a gente usava aquelas garruchas de pólvora, ele tinha muita garrucha de pólvora. Então, chegava próximo, ele ia lá arrumava, organizava tudo. Aí tinha um senhor que ajudava ele, cada cavaleiro tinha uma espingarda, tem as margaridas, azul e vermelho, é a cabeça. Na corrida os azuis atiravam no vermelho, o vermelho atirava no azul. Hoje não pode. [...] Pra mim é uma coisa espetacular.

5.4 Reportagem Canal Cidadão – TV Banqueta

Reportagem realizada em Honório Bicalho, pelo Canal Cidadão, veiculado pela TV Banqueta. 13 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qGqWBIEl3PM>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

Narrador: Tradição mantida em Nova Lima há 61 anos, a Cavanhada de São José Operário, em Honório Bicalho, será realizada nos dias 21 e 22 de julho. O evento acontecerá na conhecida Arena da Cavanhada, em frente à Escola Municipal Dalva Cienfuentes Gonçalves e ao fundo da Igreja Matriz.

Geraldo Coelho (Diretor-presidente da Cavanhada): O trabalho se resume na Cavanhada, que é uma tradição de 61 anos. E é uma parceria com a prefeitura, que tem dado certo. Eles com a Secretaria de Cultura, Secretaria de Obras, em geral boa parte da prefeitura trabalha conosco aqui.

Narrador: Os festejos começaram logo cedo no sábado, dia 21 a partir das 5 horas, com o tradicional café comunitário. Em seguida será iniciada a ornamentação da Arena. No decorrer do fim de semana, o público poderá assistir a Missa em Ação de Graças, Shows, Autos da Cavanhada, e saborear as comidas e bebidas típicas da região.

Otacílio Corrêa (Presidente de Honra da Cavanhada): O dia que tem Cavanhada ou mesmo, igual, durante o ano, a gente já fica pensando o que a gente vai fazer no ano que vem. Porque ela pra mim é uma vida. A comunidade toda fala assim: “mas você é da cavanhada, faz isso, faz aquilo”; Pra mim é uma glória.

Antônio Felizardo Reis (Integrante da Cavanhada): Com a idade de nove anos eu já acompanhava a Cavanhada. Já tem a minha filha que já participa, minha esposa também. E a gente vai tentando passar de geração para geração.

Geraldo Coelho (Diretor-presidente da Cavanhada): Essa aqui é parte da nossa equipe da Cavanhada. O sr. Otacílio é um dos fundadores. O Antônio está sempre junto com a gente, o Dé é da parte técnica. Para vocês que estão me ouvindo é só vindo aqui para

conhecer, que é o maior show cultural de Nova Lima. Estamos aguardando todos vocês. Venham que não vão arrepender.

6. ANÁLISE DESCRITIVA DO BEM CULTURAL

A Cavalcada de São José Operário é realizada há 62 anos no distrito de Honório Bicalho em Nova Lima. Em 2019 a festa aconteceu nos dias 13 e 14 de julho. A programação contou com café comunitário, hasteamento da bandeira, auto da cavalcada juvenil e adulta, banda de música, missa, tarde de lazer com bingo e barraca de comidas e bebidas; além de fogos de artifício e shows musicais.

Programação

13 de Julho – sábado

05h30 – Café comunitário

19h30 – Hasteamento da bandeira de São José Operário

20h – Auto da Cavalcada juvenil

21h30 – Show pirotécnico

22h – Show com Amanda Rocha e banda

14 de Julho – domingo

10h30 – Missa em ação de graças às crianças, cavaleiros e convidados

12h – Barraquinhas com comidas típicas

14h – Tarde de lazer

16h15 – Hasteamento das Bandeiras do Brasil, Minas Gerais e Nova Lima pelo 13º Grupo de Escoteiros Expedicionários Assumpção

16h30 – Auto da Cavalcada de São José Operário – participação da Corporação Musical Santa Cecília de Morro Vermelho – Caeté

18h30 – Show pirotécnico

19h – Show com Bruno Duarte e Banda



Folder da divulgação da Cavalcada de São José Operário de Honório Bicalho. Fonte: Prefeitura de Nova Lima/MG. Disponível em: <<http://novalima.mg.gov.br/noticias/cavalcada-de-sao-jose-operario-2019>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

Para a realização do evento, cerca de três meses antes, são feitas reuniões para dividir as tarefas e tomar as primeiras providências, como a requisição que é enviada ao proprietário do terreno, a AngloGold Ashanti, além daquelas que precisam ser enviadas à Prefeitura Municipal de Nova Lima e demais autoridades locais, como Polícia Militar e Corpo de Bombeiros.

É grande a experiência da atual diretoria da Cavalcada de Honório Bicalho. As providências são muitas e para isso eles utilizam um check-list para administrar o

evento. Reproduzimos abaixo uma lista com 63 providências que foram tomadas no ano de 2006, e que mostra a dimensão da responsabilidade para a concretização do evento.

1ª	Fechamento da arena
2ª	Castelos com locais definidos
3ª	Iluminação da arena e toda área
4ª	Cadeiras para os reis
5ª	Mastro Bandeira da Cavanhada
6ª	Mastros e cordões para Bandeira do Brasil, Minas e Nova Lima
7ª	Mastro e cordão para Hasteamento da bandeira de São José
8ª	Palanques para banda; Grupo de Seresta e Shows
9ª	Arquibancada
10ª	Banda para Cavanhada
11ª	Banda de Forró ou sertaneja
12ª	Narrador
13ª	Execução do Hino Nacional (Banda)
14ª	Fogos de artifícios
15ª	Barraquinhas
16ª	Varas para lanças e fitas
17ª	Margaridas 4 azuis e 4 vermelhas
18ª	Espadas
19ª	Garruchas
20ª	Lenços brancos para todos cavaleiros
21ª	Gravatas pretas
22ª	Água e luz para barraquinhas
23ª	Ornamentação para arena e castelos
24ª	Fechamento da rua Natalício Carsalade
25ª	Pipi móvel
26ª	Vigilante para os 3 dias no local do evento
27ª	Trajeto da cavanhada
28ª	Missa em Ação de Graças aos Cavaleiros e Procissão
29ª	Coroas para reis e Floripes
30ª	Vestido para Floripes
31ª	Roupa para palhaço
32ª	Transporte para pessoal de Raposos
33ª	Guizeiras
34ª	Palanque para o casamento da Floripes

35ª	Maca para transportar o palhaço
36ª	Transporte para os cavalos de Raposos
37ª	Transporte para banda
38ª	Fogos bengala para levantamento da bandeira São José
39ª	Local e estrutura para o jantar das autoridades e cavalheiros
40ª	Banda para alvorada e café comunitário
41ª	Microfones de lapela para os reis, embaixadores e palhaço
42ª	Trído para levantamento da bandeira
43ª	Convites e programas
44ª	Panfletos informativos
45ª	Faixas para divulgação e carro de som
46ª	Crianças para Cavallhada mirim
47ª	Definir local da saída da procissão de abertura no domingo
48ª	Ofício a AngloGold pedindo licença do local da arena
49ª	Ofício para Polícia Militar de Minas Gerais
50ª	Arranjo de flores
51ª	Estandarte de São José
52ª	Convites para o café comunitário
53ª	Tubos para 1 ½ polegada para as bandeiras
54ª	Ponteiras de alumínio para os mastros das bandeiras
55ª	Fitas de cetim azuis, vermelhas e brancas
56ª	Quepes
57ª	Uniformes
58ª	Copos, pratos, talheres para jantar
59ª	Ambulância de plantão para emergências
60ª	Mesas para o café comunitário
61ª	Charrete para transportar a Floripes
62ª	Brasões para quepes
63ª	Convite para jantar

Para a realização do evento, a Cavallhada conta com os recursos financeiros da própria associação, com a comercialização de alimentos e bebidas em sua barraca; com o empréstimo do terreno pela empresa AngloGold Ashanti e principalmente com a colaboração da Prefeitura Municipal de Nova Lima, que fica responsável pela estrutura do local, como vigilância, palco, tendas, banheiros químicos, iluminação, som, além dos shows musicais. Não há arrecadação de donativos, mas a ajuda da comunidade é bem vinda por todos para suprir a mão de obra necessária. Voluntários se organizam na

montagem e ornamentação da arena e no funcionamento da cozinha e da barraca. A prefeitura também faz a divulgação do evento em seus meios de comunicação, principalmente em seu site na internet.

Atualmente, o evento da Cavallhada de Honório Bicalho acontece próximo à Igreja de São José Operário, em um espaço cedido pela mineradora AngloGold Ashanti. Ocupa, também, a rua lateral desse espaço (Rua Maria Núbia Gonçalves Lopes) e a parte posterior da igreja, onde se situa a cozinha.

Em 2019, o evento teve início com o café da manhã comunitário ao amanhecer do dia 13 de julho. Ainda na escuridão, os participantes chegaram para o café em frente à igreja São José Operário no centro de Honório Bicalho. A mesa foi montada com salgados, biscoitos, bolos, pães, roscas, café, leite, e canjica. Os participantes, cerca de trinta pessoas, se uniram em orações e agradecimentos, para depois comemorarem o momento com a farta mesa de quitandas, dando início a 62ª Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho.

Após o café comunitário, o grupo se dirigiu ao campo para montar a estrutura e fazer a decoração do local. O campo, que fica entre as ruas Soares, Jardim e Maria Núbia Gonçalves Lopes, é organizado tendo em uma das extremidades o palco (local próximo à barraca), que é enfeitado com banners na cor azul, tendo a imagem de um cavaleiro estampada e as seguintes informações: “62ª Cavallhada de São José Operário – Nova Lima” e “Associação dos Corredores de Cavallhadas de São José Operário de Honório Bicalho”.

No centro da arena é feito um círculo no gramado e em cada um dos lados é montado um castelo com estrutura de metal e madeira e revestidos de tecido, sendo um castelo dos cristãos na cor azul, e outro castelo dos mouros na cor vermelha. Ao longo de todo o contorno do campo são colocadas varas tendo em suas pontas tnt nas cores azul, vermelha e branca. Também são colocadas tendas ao longo da Rua Maria Núbia Gonçalves Lopes até a altura da parte posterior da igreja São José Operário, onde ficam a cozinha e a barraca para venda de bebidas e comidas.

No sábado, às 19h30, aconteceu o hasteamento da bandeira de São José Operário. Em seguida, houve a apresentação da Cavallhada juvenil, com participação de jovens e adolescentes. Para essa apresentação é usado som mecânico. Neste ano (2019), os reis cristão e mouro foram interpretados pelos jovens Arthur Francisco e Sávio

Gomes, respectivamente. Sávio segue a tradição de seu avô Otacílio Correa, que participou da Cavallhada desde seus primórdios em Honório Bicalho.

Ao final do evento aconteceu o show pirotécnico e uma apresentação musical com Amanda Rocha e Banda. Durante todo o tempo a barraca da Associação dos Corredores de Cavallhada de São José Operário funcionou vendendo bebidas e comidas típicas, como pastéis, caldos, e feijão tropeiro. O trabalho ali realizado é voluntário e envolve muitas pessoas, como Vanessa Nunes e Amantina Pereira Athanázio. O trabalho voluntário é um elemento importante para a realização da festa, e mostra também a solidariedade e a união da comunidade. Vanessa diz que: “A parte que eu gosto é a cozinha, eu estou aqui com as pessoas que entendem de cozinha, a gente vai aprendendo, já são vinte e tantos anos aqui dentro com elas”⁶⁹. A experiente Amantina prepara os pastéis desde a fundação da Cavallhada. “É muito bom trabalhar, a gente gosta. Eu não trabalho só na Cavallhada, eu trabalho na paróquia, eu faço as comidas quando é para vender, lá na Nossa Senhora Aparecida eu também ajudo quando precisa. No que precisa de mim eu estou”⁷⁰.

No domingo, às 10h30, aconteceu a missa em ação de graças às crianças, cavaleiros e demais convidados. Ao longo da tarde de lazer, o público se confraternizou na barraca da Cavallhada e participou do bingo. Estes momentos são importantes no tempo festivo, pois dão sentido à integração social e à vivência coletiva. Após as 16 horas teve início o hasteamento das bandeiras do Brasil, Minas Gerais e Nova Lima feito pelo 13º Grupo de Escoteiros Expedicionários Assumpção, que frequentemente participam do evento. Em seguida teve início a Cavallhada. A noite foi encerrada com fogos de artifício e show musical com Bruno Duarte e Banda.

Durante as apresentações, os componentes da Cavallhada usam fardas compostas da seguinte maneira:

Cristãos: os soldados usam calça branca, camisa azul com detalhes nas cores branca e prata nos punhos, ombro e gola, além de cinto branco, bota escura e boné azul com detalhes prateados; o rei, além da mesma vestimenta, também usa capa azul com bordados na cor prata, e na cabeça uma coroa dourada com pedraria; os soldados carregam uma bandeira azul com uma cruz de malta estampada na cor prata; e os

⁶⁹ Vanessa Nunes, cozinheira voluntária durante a Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Carolina Costa Moreira dos Santos.

⁷⁰ Amantina Pereira Athanázio, cozinheira voluntária durante a Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Carolina Costa Moreira dos Santos.

cavalos do exército cristão usam capa azul com franjas prateadas no dorso, e outro tecido nas mesmas cores é colocado sobre a cabeça do animal.

Os mouros: os soldados usam calça branca, camisa vermelha com detalhes nas cores branca e dourada nos punhos, ombro e gola, além de cinto branco, bota escura e boné vermelho com detalhes dourados; o rei, além da mesma vestimenta, também usa capa vermelha com bordados na cor dourada, e na cabeça uma coroa dourada com pedraria; a princesa Floripes usa vestido vermelho, capa vermelha com detalhes dourados, e tiara dourada na cabeça; os soldados carregam uma bandeira vermelha com uma meia lua e uma estrela estampadas na cor dourada; os cavalos do exército mouro usam capa vermelha com franjas douradas no dorso, e outro tecido nas mesmas cores é colocado sobre a cabeça do animal.

Há também os palhaços que se vestem com macacão colorido e estampado, confeccionado com tecido sedoso, e usam maquiagem característica no rosto.

O auto da Cavallhada é realizado pelos soldados montados a cavalo, além da presença dos reis em seus castelos, da princesa Floripes e dos palhaços. Existe um roteiro⁷¹ a ser seguido, sendo que o auto se divide em quatro planos: reconhecimento, diplomacia, militar, e desportivo. Durante estes planos acontecem as corridas e movimentações dos dois exércitos dentro da arena, as embaixadas, os ataques e as batalhas. Outro ponto alto do teatro é o roubo da princesa Floripes, seguido de seu casamento com o soldado Guido de Borgonha. Nos momentos finais acontece a união dos dois exércitos e a celebração de um novo tempo cristão. Todo auto é abaixo descrito conforme material da Associação dos Corredores de Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho:

1º Plano - Significa o reconhecimento, preparação e agrupamento dos Exércitos Mouros e Cristãos.

1ª Corrida: O exército Mouro trajando farda vermelha, sob o comando do Rei Almirante Balão, acompanhado de sua filha princesa Floripes e o palhaço Espia, entram na arena, buscando o reconhecimento do território.

2ª Corrida: Movimentação do exército Cristão com seu fardamento azul, sob o comando do Imperador Carlos Magno, percorrendo as terras inimigas.

3ª Corrida: Significa a movimentação do exército Mouro, agrupando e preparando-se

⁷¹ Folder com o roteiro da Cavallhada elaborado e divulgado pela Associação dos Corredores da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho. 2004. Nova Lima/MG.

para a guerra em decorrência da invasão do exército Cristão ao seu território.

4ª Corrida: Significa a preparação do exército Cristão, que se agrupa temendo a represália dos Mouros em decorrência da invasão dos Cristãos ao território Mouro.

5ª Corrida: A corrida do “X”. Quando os dois exércitos percorrendo seus domínios, buscando inteirar-se da situação dos seus territórios (ou áreas dominadas).

6ª Corrida: É o “8” (oito) de todos, movimento em que todos os exércitos se cruzam na arena (campo de batalha), fazendo cada um estudos sobre os exércitos, com o objetivo de organizarem suas manobras e estratégias.

OBS: Termina o 1º Plano da Cavallhada culminando com a morte do soldado Espinque (palhaço), morto pelo soldado Embaixador Galalão Cristão.

2º Plano - Parte da diplomacia: os embaixadores, o Cristão (Galalão) e o Mouro (Milão), dão suas embaixadas com o propósito de paz, trégua e rendição.

3º Plano – Plano Militar

7ª Corrida – Quebra garupa: Significa a luta dos soldados usando como armas, as “chopas” (lanças), atacando os inimigos, representados pelas “Margaridas” (cabeças azuis e vermelhas).

8ª Corrida – Essa corrida simboliza a guerra. As “Margaridas” (cabeças) simbolizam os soldados Mouros e Cristãos e neste caso a luta é com as espadas.

9ª Corrida – Florão da Fugida. Na batalha não houve vencedor, os exércitos saem do campo de batalha (arena). Neste momento acontece o roubo da princesa Floripes pelo soldado cristão “Guido de Borgonha”.

OBS: O 3º Plano da Cavallhada termina aqui.

4º Plano – Plano Desportivo

OBS: Os soldados Mouros e Cristãos entram a pé até o centro da arena, onde será realizado o casamento da princesa Floripes com o soldado Cristão Guido de Borgonha.

10ª Corrida – Corrida da Vitória. Os dois exércitos entram na arena passo a passo em frente ao Castelo Cristão, acontece a confraternização.

11ª Corrida do Manchetá – Representa os dois exércitos unidos trabalhando em prol de um bem comum.

12ª Corrida do Galho de Flor – Representa a confraternização dos exércitos mostrando que realmente estão unidos em um objetivo comum.

13ª Corrida – A corrida do Bouquet de Flores, representando a união.

Corrida final – Florão da despedida. Terminando com a fala do Rei Cristão Carlos Magno.

A apresentação da Cavallhada é acompanhada pela Sociedade Musical Santa Cecília de Morro Vermelho, do município de Caeté, que tem uma tradição de mais de trezentos anos. Geralmente, a banda se apresenta durante o auto da Cavallhada no domingo. As músicas executadas pela banda acompanham a evolução dos movimentos da Cavallhada, há que se destacar que nem todas as bandas conseguem tocar estes tipos de músicas. Nas palavras de seu coordenador Valtencir Lopes Junior: “É uma experiência muito bacana, muito interessante, porque lá nós também temos uma Cavallhada. E a partir do momento que a gente aceitou o convite, a gente sempre gosta de estar prestigiando este tipo de evento. A gente já está bem identificado com este evento.”⁷² E complementa dizendo sobre o evento que “Acho bem importante, tem que prestigiar, contanto a história, acho bem legal quando conta a história de uma maneira lúdica, de uma maneira bastante interessante, eu gosto muito, sempre gostei muito dessa história, da maneira como é contada.”⁷³

O Blog Sociedade Musical Santa Cecília de Morro Vermelho relatou os acontecimentos da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho no ano de 2019 e a participação da banda.

O distrito de Honório Bicalho, em Nova Lima, esteve em festa neste domingo, 14 de julho, com o auto da Cavallhada de São José Operário.

De origem espanhola, a Cavallhada de São José Operário, de Honório Bicalho é um dos eventos mais tradicionais da cidade de Nova Lima, com 62 anos de existência.

Após a “Tarde de Lazer”, que contou com um bingo em benefício da Cavallhada, aconteceu a recepção da Cavalaria, que se posicionou na arena para o hasteamento das Bandeiras do Brasil, de Minas Gerais e de Nova Lima, pelo Grupo de Escoteiros de Nova Lima, ao som do “Hino Nacional Brasileiro”, executado pela Sociedade Musical Santa Cecília de Morro Vermelho. Seguida da Bênção da Cavalaria e de todos os presentes pelas mãos do Padre Alisson.

⁷² Valtencir Lopes Junior, coordenador da Sociedade Musical Santa Cecília de Morro Vermelho. Entrevista realizada em 14 de julho de 2019 por Adriene dos Anjos Noronha.

⁷³ Valtencir Lopes Junior, coordenador da Sociedade Musical Santa Cecília de Morro Vermelho. Entrevista realizada em 14 de julho de 2019 por Adriene dos Anjos Noronha.

Em seguida foi dado início ao “Auto da Cavallhada”, revivendo a disputa entre Mouros e Cristãos pelo controle da Península Ibérica.

As primeiras movimentações representam o reconhecimento do território pelos dois exércitos. A primeira parte termina com a morte do soldado mouro “Espiga” (sic), representado pelo palhaço, morto pelo embaixador Cristão.

A Cavallhada prossegue com as Embaixadas, onde os dois exércitos tentam a rendição de seus adversários.

Os Cavaleiros executaram uma série de movimentos que simbolizam as disputas pelo território, até a paz ser selada entre os dois exércitos através do Casamento entre o soldado Cristão “Guido de Borgonha e a Princesa Moura “Floripes”.

Os cavaleiros se despediram do público ao som do Oh! Minas Gerais”, enquanto assistiam a um espetáculo pirotécnico, que representa a “queima dos deuses pagãos”.

Toda Cavallhada é acompanhada por músicas características, executadas pela tricenária “Banda de Morro Vermelho”.⁷⁴

Outro interessante relato foi feito a partir da observação do auto, nos anos de 2015 e 2016, pelo pesquisador Jean Michael Leandro Madeira⁷⁵, autor de uma dissertação de mestrado sobre as Cavallhadas de Nova Lima:

Para iniciar a representação da gesta, estouram fogos de artifício enquanto o trio principal constituído pelos reis mouro e cristão e no meio deles a princesa moura Floripes entram na arena. O restante dos 24 cavaleiros segue atrás divididos em pares, em que um cavaleiro cristão fica ao lado de um cavaleiro mouro, para dar início ao que [...] os participantes chamam de primeiro plano da cavallhada. A situação só é diferente para os reis mouro e cristão, que entram em companhia da princesa moura e dos dois palhaços mouros que entram por último, os quais, no contexto das cavallhadas, são os espíões. Todos se dispõem em fila dupla de frente para as bandeiras do Brasil, Minas Gerais e de Nova Lima. Assim, segue-se o Hino Nacional tocado por uma banda convidada para que o grupo de escoteiros chamado de “Expedicionário Assunção”, comumente convidados pela Prefeitura, também entrem na arena e ergam as bandeiras. Feito isso, apenas os reis, cavaleiros e a princesa permanecem na arena para receberem a bênção feita pelo pároco da igreja de São José Operário. Somente após isso é que os reis e a princesa dirigem-se para seus devidos castelos.

⁷⁴ Cavallhada de São José Operário. In: **Sociedade Musical Santa Cecília de Morro Vermelho**. 14 jul. 2019. Disponível em: <https://smcmv.blogspot.com/2015_07_01_archive.html?m=0>. Acesso em: 20 ago. 2019.

⁷⁵ MADEIRA, Jean Michael Leandro. **As cavallhadas de Nova Lima: entre tradição, transformação e revitalização**. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

A partir de então, seguem com o rito, a fim de representarem a guerra de Reconquista Cristã. O rei cristão se dirige para seu castelo (o azul) e o rei mouro, juntamente com sua filha, a princesa Floripes, adentram em seu castelo (o vermelho). Desse momento em diante, Elmo Gomes, servidor público convidado para ser o narrador, começa a explicar o que se passará na arena, a fim de oferecer maior entendimento ao público que assiste. Desse modo, enquanto narra do palco em que se encontra, saem todos os cavaleiros da arena e minutos depois entram apenas os cavaleiros mouros e seus espíões. Estes últimos percorrem os limites do espaço a fim de fazerem o reconhecimento e confirmar a ausência de ameaças inimigas. Saem os mouros e entram em cena os cavaleiros cristãos, percorrendo o mesmo território que outrora pertencera a eles. Saem novamente da arena todos os cavaleiros cristãos e voltam à arena os cavaleiros mouros, com a praxe de galantaria, se apresentam ao público e se preparam para guerra, agrupando-se no território que pretendem defender. Entram em cena os cavaleiros cristãos, que também se apresentam e se preparam para a guerra contra os mouros. Ambos os grupos de cavaleiros fazem o que chamam de “corrida do x”, com a intenção de descobrirem o que se passa no campo de batalha. Logo na sequência, fazem movimentos em oito, nos quais todos se cruzam e se olham, na intenção de conhecer seus inimigos e criar suas estratégias de batalha. Nesse momento, o narrador efetua uma pausa para que possamos ouvir algumas falas dos reis e da princesa através de um microfone.

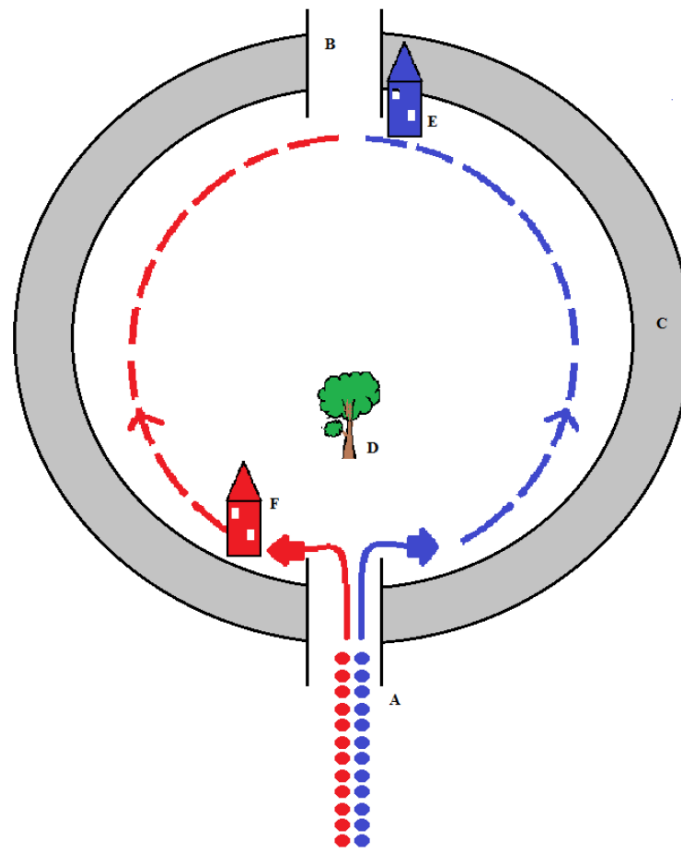
Chega o momento em que um dos espíões mouros é morto por um embaixador cristão. Mas antes, vestido de palhaço, o espião procura divertir bastante o público junto com seu parceiro, também vestido de palhaço, que tenta salvá-lo. O público cai na gargalhada sem receios, o que dá um ar ainda mais lúdico e alegre à festa, fazendo com que todos esqueçam que, no fundo, se trata de uma morte. [...]

Com a morte do espião mouro, os cavaleiros mouros descem de seus cavalos e carregam o espião, simbolizando um cortejo fúnebre e um enterro. Com isso, iniciam o que aqui chamarei de segundo ato do ritual: a tentativa de acordo entre mouros e cristãos, a fim de evitar a guerra. Mas as propostas divergem, pois os cristãos querem a conversão dos mouros ao catolicismo e seu território de volta, enquanto que os mouros exigem a retirada do exército cristão de suas terras. Sem um acordo e com a morte do espião que serve como estopim para guerra, esta é simbolizada por uma série de

embaixadas entre os cavaleiros mouros e cristãos e movimentos para pegar com suas espadas, as “cabeças” de seus adversários. Para isso, são jogados no centro da arena embrulhos nas cores azul e vermelho fazendo alusão às cabeças, que simbolizam as mortes de cristãos e mouros no conflito.

A guerra sofre uma pausa, iniciando o terceiro ato do ritual com o outro espião mouro ainda vivo distribuindo balas para a plateia, em especial para as crianças. Esse gesto é mais uma forma de não perderem o lúdico, uma vez que estão representando uma guerra, o que pode ser considerado inadequado para o público infantil desse modo, através das balas, distraem as crianças para que não foquem sua atenção nessas cenas.

Ao retomarem à cena, os cavaleiros percebem então que não há vencedor com a guerra. Assim, o cavaleiro cristão, que atua como o soldado Guido de Borgonha, sequestra a princesa moura. Com o rei mouro fora do castelo e em presença dos seus cavaleiros, o soldado Guido de Borgonha entra no castelo e leva consigo a princesa Floripes para seu território. Ela acaba por se apaixonar pelo soldado cristão e se converte ao cristianismo, abrindo espaço para uma nova negociação. Novamente os reis mouros e cristãos voltam a falar ao microfone, representando a conversa de negociação. O ato final fica por conta do acordo que chegam os reis. Esse acordo gira em torno da aceitação de ambas as partes do casamento entre a princesa moura Floripes e o soldado cristão Guido de Borgonha. Assim, é selada a paz entre os dois exércitos. Todos descem de seus cavalos e o casamento é celebrado. Com a união e a paz entre os dois exércitos, tem início mais algumas embaixadas. A princesa Floripes, apaixonada por seu marido cristão, convence seu pai, o rei mouro a se converter ao catolicismo, mostrando a eles as vantagens em ser cristão. Assim, o rei se converte juntamente com o restante dos seus cavaleiros. Mais um ciclo de embaixadas é feito, simbolizando a conversão ao catolicismo e a união dos dois exércitos.

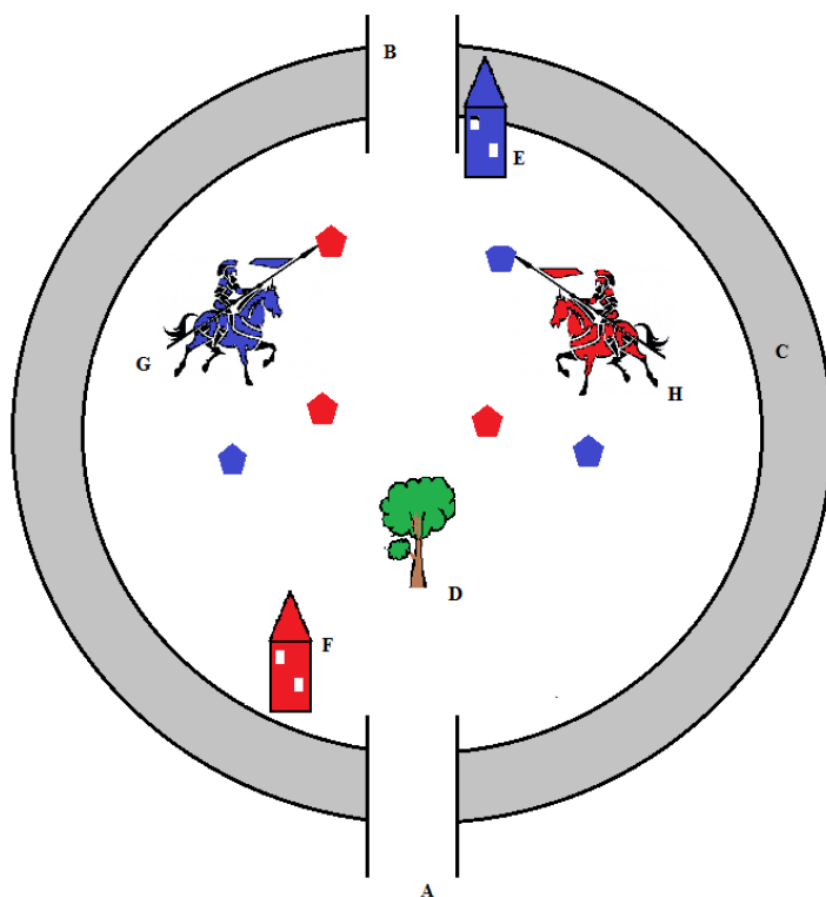
CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO:
ENTRADA DOS CAVALEIROS NA ARENA

LEGENDA:

A	Entrada da arena
B	Saída da arena
C	Cercado para a visualização do público
D	Árvore
E	Castelo cristão
F	Castelo mouro
●	Cavaleiros cristãos
●	Cavaleiros mouros

Croqui da Cavallhada de São José Operário. Entrada dos Cavaleiros na arena. Fonte: MADEIRA, Jean Michael Leandro. **As cavallhadas de Nova Lima: entre tradição, transformação e revitalização**. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. p. 179.

**CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO:
A GUERRA ENTRE MOUROS E CRISTÃOS**



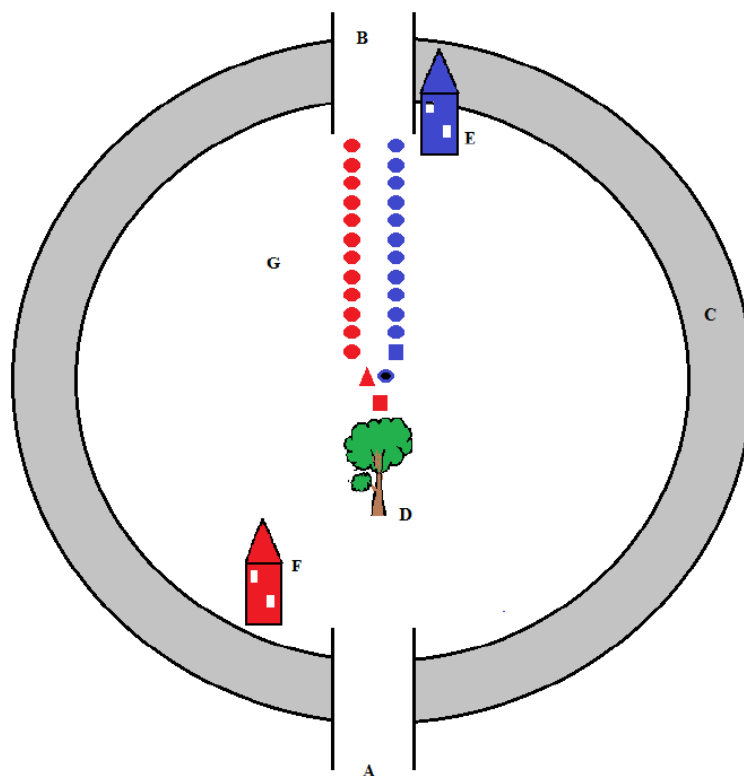
LEGENDA:

A	Entrada da arena
B	Saída da arena
C	Cercado para a visualização do público
D	Árvore
E	Castelo cristão
F	Castelo mouro
G	Cavaleiros cristãos
H	Cavaleiros mouros
	Cabeças de cavaleiros cristãos
	Cabeças de cavaleiros mouros

Croqui da Cavalhada de São José Operário. A guerra entre mouros e cristãos. Fonte: MADEIRA, Jean Michael Leandro. **As cavalhadas de Nova Lima: entre tradição, transformação e revitalização**. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. p. 180.

CAVALHADADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO:

O CASAMENTO



LEGENDA:

A	Entrada da arena
B	Saída da arena
C	Cercado para a visualização do público
D	Árvore
E	Castelo cristão
F	Castelo mouro
G	Casamento da princesa Floripes com o soldado cristão
▲	Princesa moura Floripes
●	Soldado cristão Guido de Borgonha
■	Rei cristão
■	Rei mouro
●	Cavaleiros cristãos
●	Cavaleiros mouros

Croqui da Cavallhada de São José Operário. O casamento. Fonte: MADEIRA, Jean Michael Leandro. **As cavallhadas de Nova Lima**: entre tradição, transformação e revitalização. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. p. 181.

O auto é composto pelas movimentações na arena e também pelas falas de alguns personagens que reproduzimos abaixo conforme divulgação da Associação dos Corredores de Cavallhadas de São José Operário de Honório Bicalho.

Embaixada Cristã: Afugentação do palhaço

Carlos Magno: Alô, alô, Honório Bicalho! Neste momento sou o Imperador Carlos Magno. E para dar início a nossa tradicional cavallhada chamo meu imperador. Venha à minha presença meu Embaixador Galatão!

Galatão: Soberano Senhor, tens à vossa presença quem sempre soube executar as vossas ordens.

Carlos Magno: Embaixador, ordeno-te que percorra as nossas fortalezas; se nela encontrases algum inimigo, faça-o se retirar.

Galatão: (Sai, percorre a fortaleza, e retomando, diz): Soberano Senhor, percorrendo as nossas fortalezas, nelas encontrei um fraco inimigo, que não resistiu e correu.

Carlos Magno: Recolha-te!

Embaixada Moura: Reconhecimento do inimigo

Rei Mouro: Floripes, querida filha, hoje o exército tem à sua frente um personagem, que pelas cores de seus trajes, parece-me um imperador.

Floripes: Sim, meu pai, pela cor do fardamento parece um imperador Cristão.

Rei Mouro: Cristãos, minha filha, em meus territórios? Vou mandar saber pelo meu embaixador. Venha à minha presença Embaixador Milão!

Milão: Soberano Senhor, em vossa presença me acho pronto para executar às vossas ordens.

Rei Mouro: Embaixador, vai à frente daquele exército que ali se acha, saber daquele Imperador, quem são, o que querem e o que pretendem.

Milão: (Parte em disparada e, chegando diante de Carlos Magno, lhe diz): Alto Imperador! Venho à frente de meu poderoso exército saber quem sois vós e quem vem lá, quem pisa no terreno de meu poderoso Senhor, é quem fez o mundo cheio de pavor.

Carlos Magno: Embaixador, vai e diga ao seu soberano, que o exército que aqui se acha é Cristão. À frente dos mesmos se encontra o Imperador Carlos Magno.

Milão: (Retornando ao seu exército): Soberano Senhor, dei a vossa embaixada e em resposta tenho a dizer-lhe que o exército que ali se acha é Cristão, à vossa frente se

encontra o Imperador Carlos Magno.

Rei Mouro: Recolha-te!

Embaixada Cristã: Intimação ao Rei Mouro

Carlos Magno: Venha à minha presença Embaixador Galatão!

Galatão: Soberano senhor, em vossa presença encontro-me pronto para executar as vossas ordens.

Carlos Magno: Embaixador, desejando saber o que o Almirante Balão quer ou pretende, peço que leve ao teu conhecimento, que é meu desejo que ele se faça Cristão, recebendo o Santo Batismo e abraçando a Santa Religião Católica, Apostólica e Romana.

Galatão: (Ao Rei Mouro): Almirante Balão. Venho da parte do meu soberano, Imperador dos Cristãos, que desde ontem se acha acampado em um de seus territórios e nem uma hostilidade o fará se entender o que me manda lhe propor. O primeiro: que se faça Cristão, recebendo o Santo Batismo, abraçando assim, livremente, a nossa Santa Religião Católica, Apostólica e Romana. E em segundo: que faças entregar os nossos Santos e Relíquias que tem em seu poder. E que, por último, liberte imediatamente todos os nossos valentes soldados que se acham presos em uma de suas fortalezas.

Rei Mouro: Embaixador, ouvi com bastante atenção a embaixada que acabaste de dar-me. Se não fosse intérprete de más intenções, caro faria pagar por tua ousadia de vir à minha presença, não respeitando o meu poderoso exército que aqui se acha, exigir-me o que só em campo com as armas poderemos satisfazer. Mas vá, e diga ao teu soberano que por meu Embaixador dar-te-ei resposta.

Galatão: Infame turco! Delicada e respeitosamente dei a embaixada do meu Soberano. E tu, atrevidamente, me respondestes ameaçando-me. Se não faço ultrapassar as ordens de meu Soberano, caro faria pagar esta tua ousadia com esta espada que tenho decepado a cabeça de tantos Reis mais poderosos que tu. Pois hora eu faria a tua rolar aqui nesta praça. E não pense que nos intimidamos com estas tuas ameaças. Só o nome do meu Soberano vale por um exército. Ouvi o eco do canhão do nosso exército que se aproxima. Tremei Turco! Nem teu deus os livrará de cair em nosso poder.

Rei Mouro: Retire-se de minha presença!

Galatão: Retiro-me. Retiro-me sim, mas não por temer-te, mas para reunir-me com

meus companheiros e juntos mostraremos o quanto vale a nossa cólera.

Galatão: (A Carlos Magno) Soberano Senhor, dei a vossa embaixada, conforme me ordenastes, mas não fui bem acolhido pelo Almirante Balão, Quis passar além das vossas ordens, chegando a passar a mão em minha espada, mas não o fiz para quando chegarmos em campo.

Embaixada Moura: Resposta ao Rei Cristão

Rei Mouro: Venha a minha presença, Embaixador Milão!

Milão: Soberano Senhor, em vossa presença me acho pronto para executar as vossas ordens.

Rei Mouro: Embaixador, confiando em seu poder, que tantas vezes me tem comprovado em diversas batalhas que temos nos achado, mando-te com confiança, à presença daquele exército que ali se acha, dizer para aquele imperador que se retirem com todo o seu exército em menos de vinte e quatro horas, se aqui não quiseses perder a vida sacrificando todos os teus.

Milão: (A Carlos Magno) Alto Imperador Carlos Magno, sabeis que o cavaleiro que se acha a vossa presença é um valente soldado que do exército foi escolhido para vir dar a resposta da embaixada que foi dada pelo teu atrevido embaixador. O poder e fama deste exército são bem conhecidos por todo o universo, pelas grandes vitórias que tem alcançado. Mas confiando em seu poder digo que só em campo e com arma podereis satisfazer-lhe.

Carlos Magno: Embaixador, grande é o teu atrevimento em falar ao mais valente dos guerreiros, diante do teu soberano, que era meu desejo evitar efusão de sangue hoje nesta praça, mas pelo teu atrevimento, Embaixador, desafia-me e vai e diga-lhe que em campo estou, não com o poderoso exército que diz ser o teu, mas com força suficiente para fazer-te prisioneiro com o teu exército. Mas como me pareces pela tua fraca voz, o mais perrengue de seus companheiros, desprezo-te, aguardando a ocasião oportuna para esmagar-te com as patas de minha valente cavalaria.

Milão: Alto Imperador Carlos Magno, reflita bem o passo que vai dar e prepara o nosso exército para combater com vinte mil homens e vinte mil bocas de fogo que se acham às ordens de meu Soberano, e fique também ciente que ele não é medroso, e nosso exército é forte, valente e poderoso.

Carlos Magno: Retire-se de minha presença.

Milão: Retiro-me sim, mas não por teme-lo. (Afasta-se e se apresenta ao Rei Turco)

Milão: Soberano Senhor, dei a vossa embaixada, conforme me ordenastes.

Rei Mouro: Recolha-te.

Embaixada Cristã: Morte do Palhaço

Carlos Magno: Venha à minha presença meu Embaixador Galatão.

Galatão: Soberano Senhor, em vossa presença me acho pronto para executar a vossa real ordem.

Carlos Magno: Embaixador, percorra as nossas fortalezas e se encontrares algum inimigo, faça-o se retirar, e se resistir, mate-o.

Galatão: (Sai, encontra o inimigo escondido atrás de uma árvore, trava luta com o mesmo e o mata. Retornando, diz a Carlos Magno): Soberano Senhor, percorri as nossas fortalezas conforme me ordenaste, e encontrei um grande inimigo que resistiu e o matei.

Carlos Magno: Recolha-te.

Embaixada Moura: Recolhimento do cadáver

Rei Mouro: Venha à minha presença, Embaixador Milão.

Milão: Soberano Senhor, em vossa presença me acho pronto para executar as vossas ordens.

Rei Mouro: Embaixador, ordeno-te que percorra nossas fortalezas, verifique se há de encontrar algum de nossos soldados ferido ou morto.

Milão: (Sai, percorre a fortaleza, verificando o ocorrido, e volta): Soberano Senhor, percorri as nossas fortalezas e encontrei o nosso valente soldado, o Espique, assassinado pelo soldado Cristão.

Rei Mouro: Junte seus companheiros e retire o corpo fora de campo.

(Os soldados vão à busca do companheiro morto; o Rei Turco desce do palanque, juntamente com Floripes, e realiza-se um cortejo fúnebre).

Casamento de Floripes: Conversão do Rei Turco

Carlos Magno: Almirante Balão, depois do sangue e da violenta batalha na qual os

nossos exércitos deram a mais cabal prova de valentia e disciplina, podia vingar-me de ti e decepar sua cabeça hoje, nesta praça, mas perdoo-te para salvação de tua alma. Peço-te que deixe o culto da idolatria, cujas tensões têm sacrificado a ti e a todos tem que contigo converter. Peço que conceda o casamento da tua filha, formosa Floripes com o meu cavaleiro Guido de Borgonha. Se o conceder, farei a entrega de todos os bens e ao mesmo tempo desejo abraçá-la.

Rei Mouro: Magnânimo Imperador, ouvi com bastante atenção o que acabaste de dizer. Compreendo a pureza de sua alma, de seu caráter. Bem que eu poderia vingar-me, mas concedo o que me propõe, para não mais sacrificar meus fiéis camaradas, e por saber que só o teu Deus é verdadeiro. Assim, aceito o seu Santo Batismo, não só para mim, mas para todos os meus, e aceito que minha filha Floripes receba como esposo seu valente cavaleiro Guido de Borgonha, que neste momento desejo ver, conhecer e abraçar.

Floripes: Amado e querido pai, sei que não sou digna de comparecer à vossa presença, por vos ter traído, pondo em liberdade os nobres Pares de França, que se achavam em vosso poder, tendo-me libertado da fileira que divide as nossas bandeiras, que é a Religião Católica, Apostólica e Romana. Venho, pois, meu bom pai pedir que vos convertais a nossa fé. Abraçai esta bandeira recebendo o Batismo e fazendo que todos o recebam. Estais muito enganado, meu pai, o que valem estas estátuas de ouro que vós adorais! O nosso Deus é único e verdadeiro Deus de todos os homens, que morreu na cruz para nos salvar. De joelhos, peço-vos que me perdoe.

Carlos Magno: Ó grande poderoso exército francês! Quando eu pus à minha cabeça a coroa do grande império, que hoje estamos prontos para defender, farei assim que vós fizestes. Levantando a minha voz eu digo viva a Santa Religião Católica, Apostólica e Romana! Viva os doze Pares de França! Viva São José Operário! Viva Honório Bicalho! Viva o Brasil!

7. DOCUMENTAÇÕES AUDIOVISUAIS

DVD

8. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Café da manhã comunitário



Foto 01: Café da manhã Comunitário em frente à igreja de São José Operário. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Adriene dos Anjos Noronha.



Foto 02: Quitandas no café da manhã comunitário. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Adriene dos Anjos Noronha.



Foto 03: Biscoitos, bolos e pastéis no café da manhã comunitário. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Adriene dos Anjos Noronha.



Foto 04: Mesa com leite, café e canjica. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Adriene dos Anjos Noronha.



Fonte 05: Grupo reunido para o café da manhã comunitário. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Adriene dos Anjos Noronha.



Fonte 06: Café da manhã comunitário em frete à igreja São José Operário. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Adriene dos Anjos Noronha.

Hasteamento da bandeira de São José Operário e Cavallhada Juvenil



Foto 07: Hasteamento da bandeira de São José. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 08: Hasteamento da bandeira de São José. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 09: Cavallhada juvenil em direção ao mastro da bandeira de São José Operário. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 10: Cavallhada juvenil com fogos para o mastro da bandeira de São José. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 11: Cavallhada juvenil: mouros e cristãos preparando o hasteamento da bandeira. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.

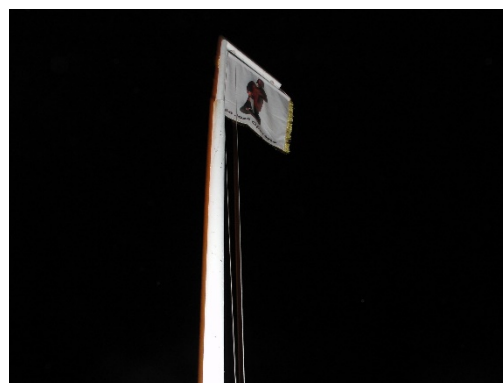


Foto 12: Hasteamento da bandeira de São José Operário. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.

Cavallhada Juvenil



Foto 13: Reis da Cavallhada Juvenil. Arthur Francisco (Carlos Magno) e Sávio Gomes (Rei Mouro). Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 14: Palhaços da Cavallhada: Miguel e Raniely. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 15: Cavallhada Juvenil: exército dos cristãos, em azul, e mouros em vermelho. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 16: Cavallhada Juvenil: exército dos mouros. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 17: Cavallhada Juvenil: momento do rapto da princesa Floripes; em direção ao castelo dos cristãos. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 18: Cavallhada Juvenil: detalhe do Castelo dos Mouros. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 13/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.

Hasteamento das Bandeiras e Auto da Cavallhada



Foto 19: Escoteiros preparados para o hasteamento das bandeiras. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 20: Momento em que os exércitos entram na arena para o hasteamento das bandeiras e batalha. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 21: Exércitos no hasteamento das bandeiras. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 22: Exércitos no hasteamento das bandeiras. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 23: Exército cristão em movimentação na arena. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 24: Apresentação dos exércitos para o início da batalha. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.

Auto da Cavallhada de São José Operário



Foto 25: Músicos da Corporação Musical Santa Cecília de Morro Vermelho, Caeté. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 26: Apresentação da Corporação Musical Santa Cecília de Morro Vermelho no momento da Batalha. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Janaina Marise



Foto 27: Exército dos Cristãos na arena. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 28: Exército dos Mouros na arena. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 29: Castelo dos Cristãos. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 30: Castelo dos Mouros com o rei e a princesa Floripes. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.

Auto da Cavallhada de São José Operário



Foto 31: Cavaleiros na arena durante o auto com público ao fundo. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 32: Movimentação do exército cristão na arena. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 33: Morte do palhaço mouro pelo soldado cristão. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 34: Momento da morte do palhaço. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 35: Retirada do cadáver do palhaço pelo exército mouro. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Patrick Vaz.



Foto 36: Presença dos exércitos mouro e cristão na arena. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Patrick Vaz.

Auto da Cavalcada de São José Operário



Foto 37: Preparação do exército cristão para a uma embaixada. Cavalcada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 38: Posicionamento do exército cristão na arena. Cavalcada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 39: Embaixada do soldado cristão em frente ao castelo dos mouros. Cavalcada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 40: Cavaleiro mouro e cristão no centro da arena. Cavalcada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Patrick Vaz.



Foto 41: Cavalcada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 42: Movimentação dos exércitos no centro da arena. Cavalcada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.

Auto da Cavallhada de São José Operário



Foto 43: Estrutura do palco principal. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Patrick Vaz.



Foto 44: Vista posterior do palco com a Banda de Música. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 45: Público participante sob tendas na tarde de lazer. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Patrick Vaz.



Foto 46: Vista geral das tendas montadas nas proximidades da arena. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 47: Banheiros químicos atendendo ao público. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 48: Público participante na tarde de domingo. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 49: Show pirotécnico no final da apresentação. Cavalhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 50: Show pirotécnico visto da arena. Cavalhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.

Cozinha e estrutura para a comercialização dos produtos



Foto 51: Cozinha: produção de caldos para a barraquinha. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 52: Dona Amantina fazendo massas de pastéis. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 53: Vista geral da Cozinha. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 54: Cozinha: produção de pastéis para a comercialização. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 55: Vista geral da barraquinha de comercialização dos produtos. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 56: Sr. Geraldo Coelho, Janaína e o músico Sr. José Leal. Cavallhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.



Foto 57: Sr. Otacílio Corrêa. Cavanhada de São José Operário. Honório Bicalho – Nova Lima/MG. 14/07/2019. Foto: Carolina C. Moreira dos Santos.

9. PLANO DE SALVAGUARDA

9.1 Diagnóstico Da Situação Do Bem Cultural Imaterial

A Cavanhada de São José Operário existe há 62 anos no distrito de Honório Bicalho em Nova Lima. Porém, houve intervalos de tempo sem a ocorrência desta prática cultural. Essa interrupção se deu por motivos não totalmente esclarecidos durante a pesquisa, mas as evidências apontam para a falta de recursos financeiros para a promoção do evento.

Pode-se perceber, sobretudo, que existe uma grande identificação da comunidade de Honório Bicalho com a Cavanhada. Os mais velhos relatam com afetividade sua participação, os mais novos promovem e participam do evento com regularidade e os adolescentes e crianças se interessam pela história, pelos acontecimentos durante o auto, e muitos querem participar como personagens da Cavanhada. A comunidade se une para organizar e preparar os dias de festa, muitas pessoas se voluntariam para montar a arena e para trabalhar na cozinha e na barraca que comercializa alimentos e bebidas. Outros se dedicam à confecção, guarda e cuidados com as vestimentas. E muitos se interessam em participar do auto, cumprindo o papel de cada personagem e mostrando à comunidade e aos visitantes a importância em dar continuidade ao evento. Dessa maneira, existe uma ação coletiva, com tarefas compartilhadas entre as pessoas, o que fortalece a ocorrência da celebração.

Apesar desta grande ligação com a comunidade, existem alguns pontos de tensão para a ocorrência do evento, quais sejam: a falta de um local próprio para o auto da Cavanhada e a dependência da ajuda do poder público. Assim como no passado, o espaço da arena continua sendo emprestado por uma das principais empresas atuantes no município de Nova Lima, a AngloGold Ashanti, antes denominada Mineração Morro Velho. A Prefeitura de Nova Lima, por meio da Secretaria de Cultura, colabora com recursos financeiros para aluguel e montagem de palanque, tendas, banheiros químicos, além de vigilância, shows, som e iluminação.

Ao longo dos anos, a Cavanhada de Honório Bicalho ocupou outros locais. Mais recentemente era usado um espaço logo atrás da Igreja de São José Operário, também pertencente a AngloGold Ashanti. Contudo, este local foi invadido por pessoas que ali

construíram imóveis de alvenaria. A questão do espaço sempre foi um problema para a Associação da Cavallhada, já que não possuem um local próprio e dependem da ajuda da mineradora ou da prefeitura para cederem um espaço.

A falta de um espaço próprio gera também outro problema, que é a não existência de estruturas fixas e ideais para a ocorrência da Cavallhada, quais sejam: baias para os animais, arquibancada, palco, castelos e um cômodo para armazenamento dos materiais usados no evento, além de banheiros. No momento, existe um diálogo em andamento entre a Associação da Cavallhada e a Prefeitura Municipal de Nova Lima visando a resolução do problema do terreno. Este é um ponto que precisa de atenção de todos os envolvidos visando garantir um espaço ideal para a ocorrência anual do evento.

Importante também trabalhar outras questões visando à garantia da continuidade desta prática cultural, como a transmissão para os mais novos, por meio do incentivo da participação das crianças e jovens na própria Cavallhada ou ainda ações nas escolas ligadas às atividades de educação patrimonial; além do incentivo aos cavaleiros adultos, proporcionando a participação deles em encontros ou a ida em outras cavallhadas da região. Assim, deve ser criado um plano de ação para garantir recursos, por meio de projetos, para incentivar mais a comunidade na preparação do evento e que, ao mesmo tempo, contribua para a transmissão do bem aos mais novos, como os cavaleiros de pau que havia no passado e que hoje não existem mais.

Um ponto negativo observado durante o auto da Cavallhada foram as constantes falhas nos microfones dos personagens. Algumas pessoas que assistiam ao evento disseram ser um problema recorrente. Isso poderia ser evitado com a contratação de tecnologia adequada.

Entre as transformações registradas ao longo do tempo e que podem contribuir com o risco de desaparecimento, está a missa em que os cavaleiros iam fardados à igreja de São José Operário, que existia no passado e que agora deixou de existir. Levando-se em consideração que a prática cultural da Cavallhada tem uma grande ligação com a devoção religiosa católica, não podendo dissociar um elemento do outro, conclui-se que são necessárias ações que contribuam para a continuidade da presença de elementos religiosos durante o evento da Cavallhada, como a missa dos cavaleiros fardados, a bênção no campo, o hasteamento da bandeira, entre outros. Importante, portanto, um diálogo mais próximo entre a Igreja Católica, representada pelo pároco local, e a Associação dos Corredores de Cavallhada de Honório Bicalho.

9.2 Diretrizes Para a Valorização e Continuidade

Tendo como base o diagnóstico da atual situação da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho, apresentamos abaixo as ações de valorização e salvaguarda visando à continuidade do bem. Dessa maneira, sugerimos ações a partir de três eixos: promoção e realização do evento; educação patrimonial e transmissão; pesquisa e divulgação.

Promoção e realização do evento

Ação 1 – Realizar anualmente a Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho.

Ação 2 – Fazer reuniões com todos os envolvidos – associação da Cavallhada, pároco local, representantes do poder público, proprietário do terreno - antes do evento para definir as ações de cada envolvido, além de avaliar as condições de infraestrutura para realização das atividades naquele ano.

Ação 3 – Garantir o comprometimento da prefeitura para que os serviços básicos sejam realizados, como a limpeza da arena, das ruas, e dos banheiros ao longo do período da festa, assim como a captação de recursos e apoio para a infraestrutura do evento.

Ação 4 – Garantir, por meio de parceria entre a Associação e a Prefeitura Municipal, a participação de uma banda de música, dando continuidade à tradição da apresentação de uma banda durante a Cavallhada.

Ação 5 – Melhorar o sistema de microfones dos participantes da Cavallhada para que o todo o público presente consiga ouvir os diálogos sem interferência. Garantir a infraestrutura básica para a celebração da manifestação cultural.

Ação 6 – Sensibilizar o público sobre a destinação do lixo, informando e conscientizando sobre a importância do correto descarte, dos cuidados com a natureza e com o patrimônio local, utilizando materiais coletados (papel, latinhas, óleo, etc.) para auxiliar na sustentabilidade financeira da Cavallhada.

Ação 7 – Estabelecer um diálogo, com a definição de um plano de ação e prazos, com a Prefeitura Municipal de Nova Lima, visando a definição de um terreno adequado para a realização da Cavallhada e outros eventos da região.

Ação 8 – Estabelecer um diálogo mais próximo com o representante da Igreja Católica local, visando dar continuidade à programação religiosa que sempre fez parte da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho.

Educação patrimonial e transmissão

Ação 9 – Garantir o envolvimento da comunidade na confecção das vestimentas e acessórios dos cavaleiros, e dos adereços para decoração do espaço, visando aumentar a identificação dos moradores locais com a Cavallhada.

Ação 10 – Realizar, por meio de parceria entre a Associação e a Prefeitura Municipal, oficinas e/ou rodas de conversas, depoimentos das pessoas mais velhas, durante o período da Cavallhada de São José Operário e/ou ao longo do ano, dirigida às crianças e jovens, visando destacar a importância do patrimônio cultural imaterial de Honório Bicalho, de forma a garantir sua continuidade.

Ação 11 – Trabalhar a temática da Cavallhada junto às crianças e jovens, por meio de parceria entre a Associação e a Prefeitura Municipal, procurando demonstrar sua importância histórica, social e cultural enquanto tradição de origem ibérica presente no Brasil desde o período colonial.

Ação 12 – Reativar o projeto “Cavallhada Mirim”, visando incentivar a participação das crianças.

Ação 13 – Promover o encontro dos cavaleiros de Honório Bicalho com participantes de outras cavallhadas da região, como medida de incentivo e visando ampliar a atuação dessas pessoas, assim como aumentar o sentido de pertencimento.

Pesquisa e Divulgação

Ação 14 – Fazer um documentário sobre a Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho, mostrando sua história, preparação e ocorrência, com depoimentos dos participantes.

Ação 15 – Criar e organizar um acervo iconográfico e documental sobre a Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho, com material que pode ser arrecadado junto à comunidade, e que possa ser consultado por estudantes e pesquisadores.

Ação 16 – Documentar, por meio de parceria entre a Associação e a Prefeitura Municipal, a preparação do evento, tirando fotografias de cada etapa, registrando em atas as reuniões, e redigindo um relatório a cada ano após o término do evento.

9.3 Cronograma

AÇÕES DE SALVAGUARDA	DIVISÃO TRIMESTRAL 2020				DIVISÃO TRIMESTRAL 2021			
	1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º
Ação 1								
Ação 2								
Ação 3								
Ação 4								
Ação 5								
Ação 6								
Ação 7								
Ação 8								
Ação 9								
Ação 10								
Ação 11								
Ação 12								
Ação 13								
Ação 14								
Ação 15								
Ação 16								

10.Referências:

A MATRIZ de Nossa Senhora do Pilar. **Paróquia de Nossa Senhora do Pilar** – Nova Lima/MG. Disponível em: <<http://www.nossasenhoradopilar.com.br/igreja.php>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

A **HISTÓRIA de Nova Lima.** Disponível em: <<http://historianovalima.no.comunidades.net/>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional.** São Paulo: Melhoramentos, 1967.

ASSIS, Angelo Adriano Faria de; PEREIRA, Mabel Salgado. **Religiões e religiosidades:** entre a tradição e a modernidade. São Paulo: Paulinas, 2010.

AZZI, Riolando. Festas. In: AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1978. p. 106-133.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais.** Belo Horizonte, 1971.

BOTELHO, Angela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário histórico Brasil colônia e império.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavallhadas de Pirenópolis:** um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O divino, o santo e a senhora.** Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BRANDÃO, Theo. **Cavallhadas de Alagoas.** Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1978.

BURMEISTER, Hermann. **Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais:** visando especialmente a história natural dos distritos aurí-diamantíferos. São Paulo: Martins, 1952. Disponível em: <<http://reficio.cc/publicacoes/viagem-ao-brasil-atraves-das-provincias-do-rio-de-janeiro-e-minas-gerais/mariana/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro.** São Paulo: Global, 2001.

CAVALHADAS do Estado de Goiás podem ser reconhecidas como Patrimônio Cultural. 31 maio 2019. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/go/noticias/detalhes/5111/cavallhadas-do-estado-de-goias-podem-ser-reconhecidas-como-patrimonio-cultural>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

CAVALHADA de São José Operário. In: **Sociedade Musical Santa Cecília de Morro Vermelho.** 14 jul. 2019. Disponível em:

<https://smscmv.blogspot.com/2015_07_01_archive.html?m=0>. Acesso em: 20 ago. 2019.

CERINOTTI, Angela. São José. In: **Santos e beatos de ontem e de hoje**. São Paulo: Globo, 2004.

COSTA, Joaquim Ribeiro. Nova Lima. **Toponímia de Minas Gerais**: com estudo histórico da divisão territorial e administrativa. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DOSSIÊ de Registro da Cavanhada de Brumal. Santa Bárbara. Prefeitura Municipal de Santa Bárbara/Memória Arquitetura. Jan. 2010.

DOSSIÊ de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis - Goiás. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2010.

DOSSIÊ de Registro das Tradicionais Cavanhadas de Amarantina. Ouro Preto. Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Set. 2011.

DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ESTATUTO da Associação dos Corredores das Cavanhadas de Honório Bicalho. 28 ago. 1988. Nova Lima/MG.

FOLDER com o roteiro da Cavanhada. Associação dos Corredores da Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho. 2004. Nova Lima/MG.

FOLDER de divulgação da Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho. Anos: 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2013, 2014.

FUNDAÇÃO João Pinheiro. **Atlas dos monumentos históricos e artísticos de Minas Gerais**. Circuito de Santa Bárbara. Belo Horizonte, 1981, v. 2, parte 1, p. 54-55.

FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. **A cidade antiga**: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo: Hemus, 1996.

GONÇALVES, Jose Artur Teixeira. Cavanhadas na América Portuguesa: morfologia da festa. In: JANCSÓ, Itsván; KANTOR, Iris. **Festa, Cultura e sociabilidade na América portuguesa**. (vol. II). São Paulo: Hucitec, 2001, p. 951-969.

HISTÓRIA do imperador Carlos Magno e dos doze pares de França. Lisboa: Typografia de Mathias Joze Marques da Silva, 1864.

HISTÓRICO de Cavanhada. Associação da Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho. Manuscrito. 1989.

IBGE Cidades. **Nova Lima.** Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/nova-lima/panorama>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

LOYN, Henry R. Maria. In: **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 252.

MACEDO, José Rivair de. Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no Novo Mundo. **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre**, n. 2, 2008. Disponível em: <<https://cem.revues.org/8632>>. Acesso em: 16 ago. 2019.

MADEIRA, Jean Michael Leandro. **As cavallhadas de Nova Lima**: entre tradição, transformação e revitalização. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MINAS GERAIS. Decreto nº 364, de 05 de fevereiro de 1891. **Eleva à categoria de vila com a denominação de Vila Nova de Lima a freguesia de Congonhas de Sabará.** Disponível em:
<<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=DEC&num=364&comp=&ano=1891>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

PEREIRA, Manuel Nunes. **O sahiré e o marabaixo**: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro congresso brasileiro de folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951.

PEREIRA, Niomar de Souza. **Cavallhadas no Brasil**: de cortejo a cavalo a lutas de mouros e cristãos. São Paulo: Escola do Folclore, 1984.

POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultural, 2013.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

TRADIÇÃO medieval é revivida em distrito de Nova Lima, na Grande BH. 23 jul. 2018. **G1**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2018/07/23/tradicao-medieval-e-revivida-em-distrito-de-nova-lima-na-grande-bh.ghtml>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

TRINDADE, Raimundo cônego. **Instituição de Igrejas no Bispado de Mariana**. Rio de Janeiro: SPHAN, nº13, Ministério de Educação e Saúde, 1945.

VIANA, Agostinho Marques. **Passagens por “O Morro Vermelho”**. Belo Horizonte: Litera Maciel, 1985.

VILLELA, Bráulio Carsalade. **Nova Lima**: formação histórica. Belo Horizonte: Cultura, 1998.

Entrevistas

Ademar José Perdigão (Dé), aposentado, nascido em Honório Bicalho em 10 de novembro de 1965, membro da Associação dos Corredores de Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Adriene dos Anjos Noronha.

Amantina Pereira Athanázio, cozinheira voluntária durante a Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Carolina Costa Moreira dos Santos.

Antônio Felizardo Reis, aposentado, nascido em Honório Bicalho em 16 de novembro de 1948, membro da Associação dos Corredores de Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Adriene dos Anjos Noronha.

Otacílio Corrêa, nascido em Entre Rio de Minas em 23 de março de 1932, membro da Associação dos Corredores de Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Adriene dos Anjos Noronha.

Reportagem realizada em Honório Bicalho, pelo Canal Cidadão, veiculado pela TV Banqueta. 13 jul. 2018. Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=qGqWBIEl3PM>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

Valtencir Lopes Junior, coordenador da Sociedade Musical Santa Cecília de Morro Vermelho. Entrevista realizada em 14 de julho de 2019 por Adriene dos Anjos Noronha.

Vanessa Nunes, cozinheira voluntária durante a Cavanhada de São José Operário de Honório Bicalho. Entrevista realizada em 13 de julho de 2019 por Carolina Costa Moreira dos Santos.

11.FICHA TÉCNICA DO DOSSÊ DE REGISTRO:

Elaboração:



MINDÊLLO ARQUITETOS ASSOCIADOS LTDA

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Carolina Costa Moreira dos Santos".

Carolina Costa Moreira dos Santos
Arquiteta e Urbanista – CAU A22717-0

A handwritten signature in blue ink, appearing to read "Adriene dos Anjos Noronha".


Adriene dos Anjos Noronha
Historiadora

COLABORAÇÃO / ANUÊNCIA

Tatiana Pessoa Geckler
Secretária Municipal de Cultura

12. TRAMITAÇÃO:

12.1 Solicitação do Registro



Recibido em
13/08/19
Ronalde


ASSOCIAÇÃO DE CORREDORES DE CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO
DE HONÓRIO BICALHO

PROPOSTA DE REGISTRO DA ASSOCIAÇÃO DE CORREDORES DE CAVALHADA DE SÃO
JOSÉ OPERÁRIO DE HONÓRIO BICALHO

Ao Conselho Consultivo Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima.

A Cavallhada de São José Operário, trata-se de um folguedo popular tradicional, existente na comunidade de Honório Bicalho / Nova Lima, há 62 anos. Ocorre todo segundo final de semana do mês de Julho, fazendo parte do calendário cultural do município de Nova Lima. O evento acontece atrás do posto de saúde da comunidade (espaço sem endereço). Trata-se de um espaço plano onde é montada toda estrutura do evento: barraquinhas da igreja de São José Operário, tendas para o público, o palco para a narração do enredo e a arena para a realização do Auto da Cavallhada.

A Cavallhada é uma representação teatral dramática, um teatro ao ar livre, que encena festas populares com base em uma ritualização, que teve origem nos torneios medievais, onde os aristocratas exibiam em espetáculos públicos a sua destreza e valentia, e frequentemente envolvia temas do período da Reconquista Cristã. Suas bases são compostas por 12 cavaleiros com trajes vermelhos, representando os mouros, e 12 cavaleiros com trajes azuis, representando os cristãos. No entanto, elas também possuem personagens distintos, como a princesa Florípes, O palhaço Espia, os reis Mouro e Cristão. Na Cavallhada de São José Operário há um trabalho de manutenção das suas tradições que basicamente trata-se do envolvimento direto da comunidade e o legado que é passado aos corredores desde a tenra idade na forma de uma apresentação denominada de Cavallhada Mirim, a adolescência na forma da apresentação da Cavallhada Juvenil, até a idade adulta na forma da apresentação do Auto da Cavallhada. Nas três modalidades de apresentação, o roteiro é o mesmo, diferenciando aí a Cavallhada Mirim que se apresenta em cavalos elaborados com materiais reciclados.



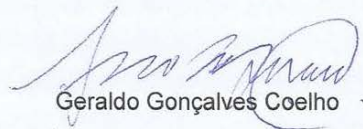


**ASSOCIAÇÃO DE CORREDORES DE CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO
DE HONÓRIO BICALHO**

É uma festa que desperta sentimentos de pertencimento, devoção e alegria em quem participa. Há uma reconstrução do “espaço social” de outros tempos, relembrando hábitos e valores outrora seguidos. São reconstruídos o clima de religiosidade, as heranças, as hierarquias, os divertimentos e as batalhas. Em outras palavras, a Cavallhada de São José Operário é um processo dinâmico que produz uma realidade representativa e ritualística da vida social de toda comunidade envolvida, evidenciando uma interação entre a tradição e suas transformações.

Neste sentido, proponho ao Conselho Consultivo Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima, o registro da Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho, essa de aculturação espanhola, tem as suas peculiaridades que a difere das demais, principalmente no envolvimento da comunidade e no êxito da manutenção de suas tradições, símbolo da identidade Nova-limense que está presente na memória do povo, e deve se tornar Patrimônio Cultural Imaterial de Nova Lima.

Nova Lima, 12 de agosto de 2019.



Geraldo Gonçalves Coelho

Presidente da Associação de Corredores de Cavallhada de São José

12.2 Reunião do Conselho – início do processo



ATA DA CENTÉSIMA QUINQUAGÉSIMA REUNIÃO – REUNIÃO ORDINÁRIA – DO CONSELHO CONSULTIVO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE NOVA LIMA – VINTE E UM DE AGOSTO DE DOIS MIL E DEZENOVE.

- 1 Ao vigésimo primeiro dia do mês de agosto de dois mil e dezenove, às dez horas, reuniu-se o
 - 2 Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima, no Centro
 - 3 Cultural de Nova Lima, na Rua Tiradentes nº 78, Centro, com a presença de Tatiana Pessoa
 - 4 Geckler, Presidente do Conselho, e dos conselheiros Alcebiades Campbell Filho, suplente do
 - 5 Presidente; Ailton Batista da Silva, representante do Instituto Histórico e Geográfico do Alto Rio
 - 6 das Velhas (IHGARV); Betina de Castro Pearce, representante da Secretaria Municipal de
 - 7 Meio Ambiente; Else Dorotéia Lopes e Fabíola Maria Simões Félix, representantes de notório
 - 8 saber, conhecimento ou interesse; Gisele Aparecida de Oliveira, representante da Secretaria
 - 9 Municipal de Planejamento e Gestão; Márcio Francisco Sampaio, representante da Vale S.A;
 - 10 Maria Guilhermina Vieira do Prado, representante do Centro Cultural de Nova Lima; Ricardo
 - 11 dos Santos Teixeira, Vice Presidente do Conselho; Ricardo Salgado Guimarães, representante
 - 12 de notório saber, conhecimento ou interesse; Rivene Guadalupe de Oliveira, representante da
 - 13 AngloGold Ashanti S.A e Silá Gabriela Duarte, representante da Corporação Musical União
 - 14 Operária. Os conselheiros Alécia Freitas Dias, André Pompeu dos Santos, Diácono Cláudio
 - 15 Geraldo Augusto, Fabiana Giorgini Jardim; Lincoln Alves de Oliveira, Maria Declides da Silva
 - 16 e Nancy Maura Couto Konstantin justificaram sua ausência. Também estiveram presentes
 - 17 Geraldo Gonçalves Coelho, Antônio Felizardo Reis e Janaína Marise Araújo, representantes da
 - 18 Associação de Corredores de Cavallhada de São José Operário de Honório Bicalho; Marco
 - 19 Túlio Othero, proprietário do imóvel da Praça Aristides nº 55 e o arquiteto Leonardo Souza
 - 20 Fogli, responsável técnico do projeto para este imóvel. A reunião foi aberta por Tatiana, que leu
 - 21 os itens da pauta e passou a palavra para Maria Guilhermina fazer a leitura da ata da 149ª
 - 22 reunião que foi aprovada e assinada pelos que estiveram presentes à mesma. Em seguida,
 - 23 Tatiana convidou Geraldo Gonçalves Coelho, para apresentar a proposta de registro da
 - 24 Cavallhada de São José Operário. Geraldo informou que a cavallhada é um folguedo popular
 - 25 tradicional que existe há sessenta e dois anos em Honório Bicalho e que ocorre todo segundo
 - 26 final de semana do mês de julho, fazendo parte do calendário cultural de Nova Lima;
 - 27 acrescentou que essa festa desperta sentimentos de pertencimento, devoção e alegria nas
 - 28 pessoas que dela participam, por ser um processo dinâmico que reproduz a realidade e os
 - 29 rituais da vida social de toda a comunidade envolvida, evidenciando a interação entre a
 - 30 tradição e suas transformações. A abertura do processo de registro da Cavallhada de São
 - 31 José Operário foi colocada em votação e aprovada por unanimidade pelos conselheiros. Em
 - 32 seguida, Tatiana passou ao segundo item da pauta e apresentou outra opção de poltrona para
 - 33 o Teatro Municipal, cujo *design*, ao mesmo tempo moderno e clássico, irá agregar segundo
 - 34 ela, elegância e sofisticação ao espaço. Os conselheiros votaram por unanimidade pela
 - 35 especificação deste modelo em detrimento do outro anteriormente escolhido. Ficou pendente a
 - 36 definição da cor para o estofamento dos assentos, a ser definida em votação por *e-mail*, após
 - 37 o envio da simulação em *sketch up*, de três ou quatro opções de cores. Dando sequência à
 - 38 reunião, Ricardo Teixeira passou ao terceiro item da pauta, referente à apreciação do processo
 - 39 4128/2018 sobre a aprovação do projeto arquitetônico para o imóvel situado à Praça Coronel
 - 40 Aristides nº 55 e esclareceu que esse processo já havia passado pelo Conselho na 138ª
 - 41 reunião, realizada no dia 05 de setembro de 2018, sendo que na ocasião, o órgão se
 - 42 manifestou pela continuidade do processo. Entretanto, após a 148ª reunião, realizada no dia 15
 - 43 de julho de 2019, com a aprovação pelo Conselho do tombamento provisório do Conjunto
- Continuação da Ata 150º, de 21 de agosto de 2019



44 Urbano Histórico e Paisagístico do Corredor *Art Déco* algumas questões começaram a ser
 45 discutidas e, portanto, tornou-se necessário trazer esse processo novamente para a discussão,
 46 apesar das diretrizes de tombamento ainda não terem sido estabelecidas. Ricardo Teixeira
 47 ressaltou a importância do resgate das cores e materiais utilizados originalmente nas fachadas
 48 dos imóveis, como o pó de pedra; além da retirada dos engenhos de publicidade. O arquiteto
 49 Leonardo Fogli, responsável pelo projeto, esclareceu que não houve nenhuma alteração
 50 arquitetônica na volumetria e altimetria no projeto, mas Ricardo Teixeira mencionou a inserção
 51 do *brise* embaixo da marquise e do fechamento lateral, ambos em alumínio preto, que não
 52 estavam na proposta anteriormente apresentada e pontuou que estes elementos destoam do
 53 estilo *art déco*. O Conselho votou por unanimidade a retirada do *brise* de alumínio deixando a
 54 alvenaria da fachada aparente, e a recomendação de não se utilizar a cor preta no fechamento
 55 lateral. Ficou pendente a definição das cores a serem utilizadas na fachada e o proprietário
 56 assumiu que acatará a decisão do Conselho para esta questão no momento adequado, após a
 57 definição das diretrizes para o Conjunto Urbano Histórico e Paisagístico do Corredor *Art Déco*.
 58 Tatiana lembrou que o prédio da Secretaria de Habitação e do Departamento de Turismo,
 59 responsáveis pela coordenação desse projeto e localizado dentro do Corredor *Art Déco* foi
 60 pintado recentemente na cor cinza. Ricardo Teixeira esclareceu que não foi especificada
 61 nenhuma cor para as alvenarias no projeto apresentado, apenas a cor preta para o *brise* e
 62 fechamento lateral. Tatiana parabenizou o proprietário pela iniciativa de preservação do
 63 patrimônio cultural de Nova Lima e passou aos assuntos gerais, anunciando a exposição dos
 64 artistas do Atelier do Jambreiro inaugurada na véspera no espaço da Escola Casa Aristides,
 65 convite reforçado pela Fabíola. Guilhermina reforçou o pedido enviado por *e-mail* pela Ana
 66 Tereza, arqueóloga da equipe responsável pelo tombamento da Serra do Curral, referente à
 67 indicação de pessoas que pudessem contribuir com informações na elaboração do dossiê. Por
 68 fim, Tatiana agradeceu a presença dos conselheiros e declarou encerrada a reunião, cuja ata
 69 foi redigida e lavrada por mim, Maria Guilhermina Vieira do Prado, secretária executiva deste
 70 Conselho, e assinada pelos presentes.

71 Maria Guilhermina Vieira do Prado *Maria G. Prado*
 72 Tatiana Pessoa Geckler *Tatiana Pessoa Geckler*
 73 Alcebiades Campbell Filho *Alcebiades*
 74 Ailton Batista da Silva
 75 Betina de Castro Pearce
 76 Else Dorotéia Lopes *Else Dorotéia Lopes*
 77 Fabíola Maria Simões Félix
 78 Gisele Aparecida de Oliveira
 79 Márcio Francisco Sampaio
 80 Ricardo dos Santos Teixeira *Ricardo dos Santos Teixeira*
 81 Ricardo Salgado Guimarães
 82 Rivene Guadalupe de Oliveira
 83 Silá Gabriela Duarte

12.3 Comunicados e anuências

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA 01/2019

Eu, Geraldo Gonçalves Coelho, mantenedor da celebração, CPF: 137.968.796-91, residente à Rua Adelaide Pedrosa do Vale, nº 689, CEP: 34.012.740, Honório Bicalho, Nova Lima/MG, declaro para fins de Registro do Patrimônio Cultural de natureza imaterial que sou favorável, anuindo ao Registro de **CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO**, em comum acordo com o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Nova Lima.

Sendo assim, não me oponho ao referido Registro.

Nada mais a declarar.

Nova Lima, 01 de julho de 2019.



Geraldo Gonçalves Coelho

M 49577

Mantenedor da celebração

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA 02/2019

Eu, Antônio Felizardo Reis, mantenedor da celebração, CPF: 130.803.356-04, residente à Rua Adelaide Pedrosa do Vale, nº 338, CEP: 34.012.740, Honório Bicalho, Nova Lima/MG, declaro para fins de Registro do Patrimônio Cultural de natureza imaterial que sou favorável, anuindo ao Registro de **CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO**, em comum acordo com o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Nova Lima.

Sendo assim, não me oponho ao referido Registro.

Nada mais a declarar.

Nova Lima, 01 de julho de 2019.



Antônio Felizardo Reis

M 1.091.278

Mantenedor da celebração

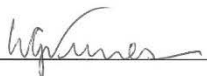
DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA 03/2019

Eu, Wanessa Giorgini Nunes, mantenedora da celebração, CPF: 591.889.396-49, residente à Rua Adelaide Pedrosa do Vale, nº 338 , CEP: 34.012.740, Honório Bicalho, Nova Lima/MG, declaro para fins de Registro do Patrimônio Cultural de natureza imaterial que sou favorável, anuindo ao Registro de **CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO**, em comum acordo com o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Nova Lima.

Sendo assim, não me oponho ao referido Registro.

Nada mais a declarar.

Nova Lima, 01 de julho de 2019.



Wanessa Giorgini Nunes

MG 1.275.831

Mantenedora da celebração

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA 06/2019

Eu, Otacílio Corrêa, mantenedor da celebração, CPF: 081.557.476-20, residente à Rua Cardoso, nº 49, CEP: 34.012.672, Honório Bicalho, Nova Lima/MG, declaro para fins de Registro do Patrimônio Cultural de natureza imaterial que sou favorável, anuindo ao Registro de **CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO**, em comum acordo com o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Nova Lima.

Sendo assim, não me oponho ao referido Registro.

Nada mais a declarar.

Nova Lima, 01 de julho de 2019.



Otacílio Corrêa

M 1.378.270

Mantenedor da celebração

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA 07/2019

Eu, Janaina Marise Araújo Fernandes, mantenedora da celebração, CPF: 057.318.536/06, residente à Rua Cardoso, nº 68, CEP: 34.012.672, Honório Bicalho, Nova Lima/MG, declaro para fins de Registro do Patrimônio Cultural de natureza imaterial que sou favorável, anuindo ao Registro de **CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO**, em comum acordo com o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Nova Lima.

Sendo assim, não me oponho ao referido Registro.

Nada mais a declarar.

Nova Lima, 01 de julho de 2019.



Janaina Marise Araújo Fernandes

MG 12.263.675

Mantenedora da celebração

12.4 Ata do Conselho que aprova registro



ATA DA CENTÉSIMA QUINQUAGÉSIMA PRIMEIRA REUNIÃO DO CONSELHO CONSULTIVO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE NOVA LIMA – DEZOITO DE SETEMBRO DE DOIS MIL E DEZENOVE.

Ao décimo oitavo dia de setembro de dois mil e dezenove, às dez horas, reuniu-se o Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima, no Centro Cultural de Nova Lima, na Rua Tiradentes nº 78, Centro, com a presença de Tatiana Pessoa Geckler, Presidente do Conselho; e dos conselheiros Aléxia Freitas Dias, representante do Departamento de Turismo; Betina de Castro Pearce, representante da Secretaria Municipal de Meio Ambiente; Else Dorotéa Lopes, Fabíola Maria Simões Félix, Ricardo Salgado Guimarães e Nancy Maura Couto Konstantin, representantes de notório saber, conhecimento ou interesse; Maria Guilhermina Vieira do Prado e Maria Letícia Bernardino Silva, representantes do Centro Cultural de Nova Lima; Ricardo dos Santos Teixeira, Vice-Presidente do Conselho; Ailton Batista da Silva, do Instituto Histórico Geográfico Alto Rio das Velhas (IHGARV) e Diácono Cláudio Geraldo Augusto, Representante Clerical. Também participaram da reunião Geraldo Gonçalves Coelho, Antônio Felizardo Reis, Mariana Giorgini Felizardo e Ademar José Perdigão, representantes da Cavalhada de São José Operário. Os conselheiros Alcebiades Campbell Filho e Lincoln Alves de Oliveira, justificaram sua ausência. A reunião foi aberta por Tatiana Geckler, que agradeceu a presença de todos e passou a palavra para Maria Letícia Bernardino Silva que fez a leitura da ata da reunião anterior, a qual foi aprovada e assinada pelos que estiveram presentes à mesma. Tatiana chamou a arquiteta Carolina Costa Moreira dos Santos que, ao iniciar sua fala, teve um aparte de Ricardo Teixeira, referindo a passagem anterior da mesma, pela Prefeitura de Nova Lima. Em seguida, Carolina retomou a fala e apresentou o projeto de Registro da Cavalhada de São José Operário, como Patrimônio Cultural Imaterial do Município e solicitou ao Geraldo Coelho que falasse mais sobre a cavalhada, especificamente sobre os primórdios das festividades. Geraldo disse que o primeiro Estatuto da Cavalhada data de 1957, donde se conclui que a mesma possui 62 anos de existência; apesar de ser do conhecimento de todos de que o evento, na prática, já aconteça há muito mais tempo. Carolina e Geraldo se alternaram em comentários entusiasmados sobre as atrações da Cavalhada, e enalteciram o empenho e o envolvimento da comunidade com as festividades, e a alegria, o orgulho, o prazer e a seriedade com que os integrantes desempenham seus papéis. Geraldo mencionou a necessidade de se sensibilizar o novo pároco local, que apresenta ainda certa resistência e dificuldade para assimilar as tradições da comunidade. Dando sequência, Carolina apresentou o dossiê com as seguintes diretrizes para a salvaguarda do bem, referente ao biênio 2020/2021: Diretrizes para a Valorização e Continuidade: Tendo como base o diagnóstico da atual situação da Cavalhada de São José Operário de Honório Bicalho, apresentamos abaixo as ações de valorização e salvaguarda visando à continuidade do bem. Dessa maneira, sugerimos ações a partir de três eixos: promoção e realização do evento; educação patrimonial e transmissão; pesquisa e divulgação. Promoção e realização do evento: Ação 01: Realizar anualmente a Cavalhada de São José Operário de Honório Bicalho; Ação 02: Fazer reuniões com todos os envolvidos – associação da Cavalhada, pároco local, representantes do poder público, proprietário do terreno - antes do evento para definir as ações de cada envolvido, além de avaliar as condições de infraestrutura para realização das atividades naquele ano; Ação 03: Garantir o comprometimento da prefeitura para que os serviços básicos sejam realizados, como a limpeza da arena, das ruas, e apoio à infra estrutura necessária, previamente acordada; Ação 04: Garantir, por meio de parceria entre a Associação e a Prefeitura Municipal, a participação de uma banda de música, dando continuidade à tradição da apresentação de uma banda durante a Cavalhada; Ação 05: Melhorar o sistema de microfones dos participantes da Cavalhada para que o todo o público presente consiga ouvir os diálogos sem interferência; Ação 06: Sensibilizar o público sobre a destinação do lixo, informando e conscientizando sobre a importância do correto descarte, dos

DOSSIÊ DE REGISTRO

Município de Nova Lima

Cavalhada de São José Operário



cuidados com a natureza e com o patrimônio local, utilizando materiais coletados (papel, latinhas, óleo, etc.) para auxiliar na sustentabilidade financeira da Cavalhada; Ação 07: Estabelecer um diálogo com a Prefeitura Municipal de Nova Lima, visando a destinação definitiva de um terreno adequado para a realização da Cavalhada e outros eventos da comunidade; Ação 8: Estabelecer um diálogo mais próximo com o representante da Igreja Católica local, visando dar continuidade à programação religiosa que sempre fez parte da Cavalhada de São José Operário de Honório Bicalho. Educação patrimonial e transmissão: Ação 09: Garantir o envolvimento da comunidade na confecção das vestimentas e acessórios dos cavaleiros, e dos adereços para decoração do espaço, visando aumentar a identificação dos moradores locais com a Cavalhada; Ação 10: Realizar, por meio de parceria entre a Associação e a Prefeitura Municipal, oficinas e/ou rodas de conversas, depoimentos das pessoas mais velhas, durante o período da Cavalhada de São José Operário e/ou ao longo do ano, dirigida às crianças e jovens, visando destacar a importância do patrimônio cultural imaterial de Honório Bicalho, de forma a garantir sua continuidade; Ação 11: Trabalhar a temática da Cavalhada junto às crianças e jovens, por meio de parceria entre a Associação e a Prefeitura Municipal, procurando demonstrar sua importância histórica, social e cultural enquanto tradição de origem ibérica presente no Brasil desde o período colonial; Ação 12: Reativar o projeto "Cavalhada Mirim", visando incentivar a participação das crianças; Ação 13: Promover o encontro dos cavaleiros de Honório Bicalho com participantes de outras cavalhadas da região, como medida de incentivo e visando ampliar a atuação dessas pessoas, assim como aumentar o sentido de pertencimento. Pesquisa e Divulgação: Ação 14: Fazer um documentário sobre a Cavalhada de São José Operário de Honório Bicalho, mostrando sua história, preparação e ocorrência, com depoimentos dos participantes; Ação 15: Criar e organizar um acervo iconográfico e documental sobre a Cavalhada de São José Operário de Honório Bicalho, com material que pode ser arrecadado junto à comunidade, e que possa ser consultado por estudantes e pesquisadores; Ação 16: Documentar, por meio de parceria entre a Associação e a Prefeitura Municipal, a preparação do evento, tirando fotografias de cada etapa, registrando em atas as reuniões, e redigindo um relatório a cada ano após o término do evento. Em seguida, Carolina propôs a retomada da Cavalhada Mirim, sugestão recebida com bastante entusiasmo pelos conselheiros presentes, e deu ênfase às salvaguardas necessárias à continuidade das festividades no futuro, principalmente, àquelas que dizem respeito ao envolvimento e apoio do poder público. A arquiteta salientou a necessidade de se criar uma maior interação entre as Cavalhadas existentes e Geraldo mencionou a possibilidade de se criar uma Federação das Cavalhadas, entre os municípios que mantenedores desta tradição, inclusive pleiteando um registro Estadual. Tatiana fez considerações sobre o apoio logístico que tem sido dado nesta administração, através de edital de chamamento público para seleção de projetos não governamentais de organização da sociedade civil para entidades culturais (subvenção) e apoio em infraestrutura para o evento. Ressaltou que a manifestação faz parte do calendário oficial de eventos do município. Destacou a importância de no decorrer do tempo, os responsáveis pela Cavalhada de São José Operário também atuarem para conseguirem maior autonomia e independência do poder público, tendo em vista a preocupação na sustentabilidade e manutenção desta tradicional manifestação folclórica no decorrer dos anos, complementando algumas sugestões de diretrizes. Janaína falou da importância do registro da Cavalhada pelo Município, como forma de se obter mais garantias e segurança nas festividades, e também como facilitador para se conseguir apoios futuros. Ricardo Guimarães salientou que é obrigação do poder público de participar do processo, dando suporte, inclusive financeiro para a realização e manutenção das festividades. Ailton disse que existe previsão na Lei Robin Hood para se auferir recursos a serem utilizados na Cavalhada, além de apresentar alternativas de arrecadação para a realização do evento, e sugeriu a criação de um "Museu da Cavalhada"; o que foi bem recebido pelos presentes. Na sequência, Ricardo Teixeira ressaltou ter ficado sensibilizado com o fato do pedido de registro dessa manifestação folclórica ter surgido de um anseio popular, e



de ter sido a própria comunidade quem providenciou a elaboração do Dossiê de Registro. Após a sua apresentação, o dossiê foi discutido e apreciado por todos e Tatiana convocou os conselheiros a votarem a proposta de Registro da Cavalhada; a qual foi aprovada por unanimidade. Por fim, Geraldo Coelho lembrou, com emoção, a ocasião em que o município de Rio Espera, visando reativar a realização da Cavalhada na cidade, a qual não acontecia há 49 anos solicitou a ajuda dos membros da Associação da Cavalhada de São José Operário. Segundo Geraldo, toda a estrutura da Cavalhada de Bicalho foi levada para aquele município, acontecendo uma festa maravilhosa e animadíssima; que emocionou os munícipes de Rio Espera. Retomando a palavra, Tatiana reforçou a sugestão dada por Ailton, para a criação de um museu, dentre outras coisas. Em seguida discorreu sobre a programação do Teatro Municipal, em comemoração aos seus 76 anos; lembrando que em 14 de outubro deste ano, o mesmo será fechado para reformas, com previsão de reabertura, possivelmente, em março de 2020. Falou também sobre as demais demandas da Secretaria de Cultura para esse final de ano, com destaque para a realização do Festival Cultural, durante todo o mês de novembro. Citou a Reformulação do Conselho Municipal de Cultura, com a assinatura da Lei, em 16 de setembro último. Por fim, Tatiana agradeceu a presença dos conselheiros e declarou encerrada a reunião, cuja ata foi redigida e lavrada por mim, Désio Cafeiro, e assinada pelos presentes.

Tatiana Pessoa Geckler

Aléxia Freitas Dias

Ailton Batista da Silva

Betina de Castro Pearce

Diácono Cláudio Geraldo Augusto

Else Dorotéia Lopes

Fabiola Maria Simões Félix

Maria Guilhermina Vieira do Prado

Maria Letícia Bernardino Silva

Nancy Maura Couto Konstantin

Ricardo dos Santos Teixeira

Ricardo Salgado Guimarães

12.5 Decreto e publicação



Cópia

Ofício nº 051/2019 – CCMPHANL

Nova Lima, 10 de outubro de 2019

Prezado Senhor,

Temos a satisfação de comunicar a aprovação, por unanimidade, do Registro da Cavallhada de São José Operário e solicitamos a expedição do decreto de Registro desse Patrimônio de Natureza Imaterial.

Encaminhamos, em anexo, cópia da ata da 151ª reunião, minuta de decreto e CD contendo o Dossiê de Registro do bem cultural.

Atenciosamente,

Tatiana Pessoa Geckler

Presidente do Conselho Consultivo Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima

Sr. Vitor Penido de Barros
Prefeito Municipal
Nova Lima/MG



**DECRETO Nº 9.522, DE 04 DE NOVEMBRO DE 2019.**

"DECLARA O REGISTRO DA CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO COMO BEM CULTURAL PERTENCENTE AO PATRIMÔNIO DE NATUREZA IMATERIAL, ALÉM DE DAR OUTRAS PROVIDÊNCIAS".

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE NOVA LIMA, ESTADO DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições legais, em especial as que lhe conferem a Constituição da República Federativa do Brasil, a Constituição do Estado de Minas Gerais, a Lei Municipal nº 2.262, de 28 de março de 2012, bem como a recomendação do Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima, descrita na ata da centésima quinquagésima primeira reunião realizada no dia 18/09/2019;

DECRETA:

Art. 1º- O registro da CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO, como bem cultural pertencente ao Patrimônio de Natureza Imaterial, a ser inscrito junto ao Livro de Registro das Celebrações, por apresentar valores histórico, religioso e cultural.

Parágrafo único. O bem cultural citado no *caput* deste artigo ficará sujeito às disposições de proteção estabelecidas pela Lei Municipal nº 2.262, de 28/03/2012, e às diretrizes específicas contidas no Dossiê de Registro da Cavanhada de São José Operário.

Art. 2º- Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Nova Lima, 04 de novembro de 2019.

VITOR PENIDO DE BARROS
PREFEITO MUNICIPAL

Publicação Decreto:

The screenshot shows the website of the Prefeitura Nova Lima. The search bar at the top contains 'decreto 9.522'. Below the search bar, the results are displayed in a table. A red arrow points to the first result, which is 'DECRETO 9.522 DE 04 DE NOVEMBRO DE 2019'. The table also shows the date '04/11/2019' and the file type '.pdf'.

Legislação	Data	Formato	Ações
DECRETO 9.522 DE 04 DE NOVEMBRO DE 2019	04/11/2019	.pdf	Baixar

Fonte: <http://www.novalima.mg.gov.br/legislacoes?busca=decreto%209.522> acesso em 18/11/2019

The screenshot shows the website of the Prefeitura Nova Lima. The main headline is 'CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO: PATRIMÔNIO IMATERIAL DE NOVA LIMA'. Below the headline, there is a large image of a person riding a horse. To the right of the image, there is a section titled 'Compartilhe' with social media icons. Below that, there is a section titled 'Notícias Relacionadas' with a thumbnail image and the title 'Operação tapa-buracos é retomada'.

Fonte: <http://www.novalima.mg.gov.br/noticias/cavallhada-de-sao-jose-operario-patrimonio-imaterial-de-nova-lima>

A notícia do registro foi publicada também no Jornal “A cidade”, página 16. Data: 23/11/2019. Na versão digital: <http://www.novalima.mg.gov.br/uploads/jornal-a-cidade/arquivos/1574685044MidMdB.pdf>

CULTURA

FESTIVAL DA CANÇÃO MOVIMENTA ARTISTAS DA CIDADE E APRESENTA SEUS VENCEDORES

Nova-limense Isaque Talles Miguel conquistou o 1º lugar em meio a 53 canções originais e inéditas inscritas

A canção “Tudo que eu preciso”, do cantor e compositor nova-limense Isaque Talles Miguel, é a grande vencedora do Encanta Nova Lima – Festival Nova-limense da Canção 2019 e recebeu como prêmio R\$ 5 mil. Em 2º lugar, contemplada com R\$ 3 mil, ficou “Aurora”, canção dos compositores Ricardo Souza e Flávio Meira. Na 3ª colocação, “Sempre assim”, de Karine Soares Roberto, que recebeu R\$ 2 mil.

O evento organizado pela Prefeitura foi acirrado, agitou a cidade e levou à Praça Bernardino de Lima centenas de pessoas que apoiaram seus artistas preferidos. O festival recebeu 53 belas canções originais e inéditas durante o período de inscrição e os jurados tiveram bastante trabalho para selecionar 20 delas para concorrerem à fase final.

Coordenado pela Escola de Música de Nova Lima José Acácio de Assis Costa – “Zê Fuzil”, o

projeto cumpriu seu papel de incentivar o gosto pela Música Popular Brasileira; fomentar, revelar, reconhecer e valorizar os talentos musicais do município; aprimorar e desenvolver a cultura musical; promover o intercâmbio artístico-cultural e estimular a criação e difusão musical nova-limense, cedendo um espaço para as apresentações e aberto para toda a comunidade.



Show do cantor Leo Junior com o Quarteto Opus foi uma das atrações do festival

“

Agradeço a todos por esta oportunidade. Estou muito feliz. Descobri meu talento e minha vocação na Escola de Música de Nova Lima. Tive grandes aprendizagens lá e hoje aplico muitos deles enquanto canto. Vamos cantar!”

Isaque Talles Miguel, cantor e compositor, grande vencedor do Festival Nova-limense da Canção



“

O festival é muito importante para movimentar a cena musical e a cena cultural da cidade. A organização está de parabéns e estou muito feliz por ter participado. Acho que as pessoas devem conviver com este tipo de evento com frequência. É um estímulo para os músicos e compositores.”

Ricardo Augusto Custódio de Souza, com Flávio Meira, compositores e 2º colocados no festival



“

Sou muito grata pela oportunidade. Uma ideia excelente. Tem muita gente bacana aqui em Nova Lima. Muitos músicos que necessitam de espaço e esse festival foi ideal. Quem quis participou e estou muito grata pela oportunidade. Que venham os próximos!”

Karine Soares Roberto, cantora e compositora, 3ª colocada no festival



CAVALHADA DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO: PATRIMÔNIO IMATERIAL DE NOVA LIMA

A Cavalhada de São José Operário é o mais novo patrimônio imaterial da cidade, sob decreto número 9.522/2019. Essa tradicional e importante manifestação cultural é realizada há 65 anos em Honório Bicalho.

O registro da Cavalhada de São José Operário está aprovado pelo Conselho Consultivo Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Nova Lima e passa a compor o Livro de Registro das Celebrações, por apresentar valores histórico, religioso e cultural.



Tradição sempre parte da cultura do município

12.6 Inscrição no livro de Registros

2

01. Fica registrado no Livro de Registro das Celebrações, a Cavanhada de São José Operário, como bem cultural pertencente ao patrimônio de natureza imaterial de Nova Lima, conforme Decreto no. 9522 de 04 de novembro de 2019, na página 02, sob o número 01.

Nova Lima, 18 de novembro de 2019

Lotianc Zaccaron

Presidente do Conselho

CCM PHANL

Maíra Glady

Secretária Geral do Conselho

CCM PHANL